

Sharon M. Draper

FORA



de mim

*"Você vai se sentir como se estivesse
vivendo a vida de Melody."*

John Green, autor de A culpa é das estrelas





Sharon M. Draper

FORA *de mim*



Edição: Natália Chagas Máximo

Tradução: Lavínia Fávero

Preparação: Luciana Araújo

Revisão: Maria Alice Gonçalves

Capa e design: Ana Solt

Título original: *Out of my mind*

© 2014 Vergara & Riba Editoras S/A

© 2010 Sharon M. Draper - Todos os direitos reservados.

Publicado em acordo com Atheneum Books For Young
Readers,

um selo da Simon & Schuster Children's Publishing Division

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites
estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta
obra, o armazenamento ou a transmissão por meios
eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra
forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita
das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866

editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-741-1

Impressão e acabamento: Intergraf

Impresso no Brasil • Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Draper, Sharon M.

Fora de mim [livro eletrônico] / Sharon M. Draper ;

[tradução Lavínia Fávero]. – 1. ed. – São Paulo :

Vergara & Riba Editoras, 2014. 1 MB ; e-PUB

Título original: *Out of my mind*

ISBN 978-85-7683-742-8

1. Deficientes - Literatura juvenil 2. Pessoas com
deficiência 3. Relações interpessoais - Ficção I. Título.

14-06650

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Deficiência : Literatura juvenil 028.5

Para minha filha, Wendy Michelle Draper, com amor.

CAPÍTULO 1

Palavras

Milhares de palavras me cercam. Talvez milhões.

Catedral. Maionese. Romã.

Mississippi. Napolitano. Hipopótamo.

Sedoso. Assustador. Iridescente.

Cócegas. Espirro. Desejo. Preocupação.

As palavras sempre rodopiaram à minha volta como flocos de neve. Cada palavra é delicada e diferente, e todas se derretem, uma por uma, intocadas, nas minhas mãos.

No fundo, bem lá no fundo, as palavras vão se acumulando aos montes dentro de mim. Montanhas de expressões, frases e ideias conectadas. Tiradas. Piadas. Canções de amor.

Desde que eu era bem pequena – acho que com uns poucos meses de vida – encaro as palavras como presentes doces e líquidos, e eu as bebo como limonada. Dava quase para sentir o gosto. Elas dão substância aos meus pensamentos e sentimentos emaranhados. Meus pais sempre me cobriram de comunicação, como se isso fosse um cobertor. Tagarelavam e balbuciavam. Verbalizavam e vocalizavam. Meu pai cantava para mim. Minha mãe sussurrava sua força no meu ouvido.

Eu guardei cada palavra que meus pais me disseram ou falaram sobre mim. Eu as absorvi e memorizei. Todas, sem

exceção.

Não faço ideia de como consegui desenroscar o complicado processo das palavras e do pensamento, mas isso aconteceu de forma rápida e natural. Quando eu tinha dois anos, todas as minhas memórias já tinham palavras, e todas as minhas palavras tinham significado.

Mas só dentro da minha cabeça.

Eu nunca disse uma palavra sequer. E tenho quase onze anos.

CAPÍTULO 2

Não consigo andar. Não consigo falar. Não consigo me alimentar nem ir ao banheiro sozinha. Ai, que pena.

Meus braços e minhas pernas são bem rígidos, mas eu consigo bater nos botões do controle remoto da TV e movimentar minha cadeira de rodas usando os botões que ficam nas rodas dela. Não consigo segurar uma colher ou um lápis sem deixar cair. E o meu equilíbrio é... Bem, digamos que o Humpty Dumpty – aquele ovo das historinhas que sentou no muro, caiu e quebrou a cabeça – consegue controlar o corpo dele melhor do que eu.

Quando os outros me olham, acho que veem uma menina

de cabelo castanho curto e cacheado, presa em uma cadeira de rodas cor-de-rosa.

Aliás, não tem nada de bonitinho numa cadeira de rodas cor-de-rosa. O fato de ser rosa não muda coisa nenhuma.

Os outros podem ver uma menina de olhos castanho-escuros cheios de curiosidade. Só que um olho é meio torto.

A cabeça dela é meio bamba.

Às vezes ela baba.

E é bem pequeninha pra quem tem quase onze anos de idade.

As pernas são muito finas, provavelmente porque nunca foram usadas.

O corpo tende a se movimentar de um jeito todo próprio: os pés começam a chutar do nada, e os braços sacodem de vez em quando, se conectando a qualquer coisa que esteja por perto: uma pilha de CDs, uma tigela de sopa, um vaso de rosas...

Depois que concluem a lista dos meus problemas, os outros talvez se deem ao trabalho de perceber que eu até tenho um sorriso bonito e covinhas profundas. Acho as minhas covinhas bem legais.

Uso uns brinquinhos de ouro.

Às vezes, nem perguntam o meu nome, tipo como se isso não tivesse importância. É importante. Meu nome é Melody.

Tenho lembranças muito antigas, de quando eu era bem, mas bem pequena mesmo. É claro que é difícil separar as minhas memórias dos vídeos que o meu pai fez com a filmadora dele. Já vi essa coisa toda um milhão de vezes.

Minha mãe voltando do hospital comigo, logo que eu nasci. Sorrindo, mas meio vesga de preocupação.

Melody enfiada na banheirinha. Meus braços e minhas pernas eram tão magrinhos. Eu não me agitava nem brincava com a água.

Melody apoiada nuns cobertores no sofá da sala – com um olhar feliz. Não chorei muito quando era bebê. Minha mãe jura que isso é verdade.

Mamãe me massageando com hidratante depois do banho – ainda sinto o cheiro de lavanda –, depois me enrolando numa toalha felpuda com um capuzinho.

O papai fez vídeos de mim recebendo comida na boca, na troca de fralda e até dormindo. Fui crescendo e acho que ele ficou esperando que eu me virasse, sentasse, andasse...

Nunca fiz nada disso.

Mas eu absorvi tudo. Comecei a reconhecer barulhos, cheiros e gostos. O *ffffff* e o *pssssssss* da caldeira ao ganhar vida todas as manhãs. O odor pungente da poeira à medida que a casa se aquecia. A sensação de espirro atrás da minha garganta.

E a música. As canções me atravessavam flutuando e permaneciam em mim. Canções de ninar, misturadas aos cheiros suaves da hora de ir pra cama, adormeciam comigo. Melodias me fazem sorrir. Eu sempre pinto uma trilha sonora para minha vida. Quase consigo ouvir cores e sentir o cheiro de imagens quando música é tocada.

Minha mãe ama música clássica. Grandiosas e retumbantes sinfonias de Beethoven ecoam no *CD player* dela o dia inteiro. Quando ouço essas composições, sempre tenho a impressão de que são de azul bem vivo, e elas têm cheiro de tinta fresca.

Meu pai é fã de jazz e, sempre que pode, pisca para mim, e troca o CD do Mozart da mamãe por um do Miles Davis ou do Woody Herman. Pra mim, jazz é marrom, meio bege, e tem cheiro de terra molhada. A mamãe fica louca da vida quando

ouve jazz, e deve ser por isso que o papai põe esses CDs.

– Jazz me dá coceira – diz ela, fazendo careta, quando a música do papai toma conta da cozinha.

Aí o meu pai chega mais perto, coça os braços e as costas dela, e lhe dá um grande abraço. A mamãe desfaz a careta. Mas coloca música erudita de novo assim que ele vira as costas.

Por algum motivo, eu sempre adorei música country: é barulhenta, tem aquela guitarra dedilhada. Música de dor de cotovelo. O country é que nem limão. Não a parte superazedada, mas com açúcar, aquele gostinho ácido. Tipo torta de limão e limonada fresquinha e gelada. Limão, limão, limão! Adoro.

Lembro de estar sentada na cozinha, quando eu era bem pequena. A minha mãe me dava o café da manhã na boca quando uma música tocou no rádio e me fez gritar de alegria.

Então eu canto

Elvira, Elvira

Meu coração tá pegando fogo.

Vamos lá, bum-papa-bum-papa-uau-uau

Vamos lá, bum-papa-bum-papa-uau-uau

Ei-ou, Silver, vambora

Como é que eu já sabia a letra e o ritmo dessa canção? Não faço a menor ideia. Deve ter invadido a minha memória de algum jeito. Talvez do rádio ou de algum programa de TV. Seja lá o que for, eu quase caí da cadeira. Fiz uma careta, me sacudi e me contrai toda, tentando apontar para o rádio. Eu queria ouvir aquilo de novo. Mas a mamãe só ficou me olhando, achando que eu tinha enlouquecido.

Como é que ela podia entender que eu adorava “Elvira”, essa música dos Oak Ridge Boys, se nem eu entendia? Não tinha como explicar que sentia cheiro de limão recém-cortado e via notas musicais de tons cítricos na minha cabeça quando ela tocava.

Se eu tivesse um pincel... Uau! Que quadro eu não pintaria!

Mas minha mãe só sacudiu a cabeça e continuou colocando papinha de maçã na minha boca. Tem tanta coisa que ela não sabe.

Acho que não esquecer nada, conseguir guardar cada instante da minha vida na cabeça abarrotada, até deve ser uma coisa boa. Mas também é muito frustrante. Não posso

dividir nenhuma dessas memórias com ninguém, e nada disso vai embora, nunca.

Lembro de coisas bem ridículas, tipo a sensação de ter um monte de aveia grudada no céu da boca ou do gosto do creme dental que não saiu direito dos meus dentes.

Cheiro de café passado de manhã cedinho é uma memória permanente, misturado com bacon e o som dos noticiários matinais da TV.

Mas, na maior parte das vezes, eu lembro de palavras.

Entendi bem cedo que existem milhões de palavras no mundo. Todo mundo à minha volta podia pronunciá-las sem o menor esforço.

Os vendedores da TV: *Compre um e ganhe outro inteiramente grátis! Oferta por tempo limitado.*

O carteiro que batia na porta: *Bom dia, sra. Brooks. Como é que vai o bebê?*

O caixa do mercado: *Obrigado pela preferência.*

Todo mundo usa palavras para se expressar. Menos eu. E aposto que a maioria nem se dá conta do poder que as palavras têm. Mas eu me dou.

Pensamentos precisam de palavras. Palavras precisam de

uma voz.

Adoro o cheiro do cabelo da minha mãe logo que é lavado.

Adoro a sensação do rosto do meu pai antes de ele se
barbear: pinica tipo feno.

Mas nunca pude dizer isso pra eles.

CAPÍTULO 3

Acho que fui descobrindo aos poucos que era diferente.

Como nunca tive problemas pra pensar nem pra recordar,
para falar a verdade, fiquei meio surpresa, quando percebi
que não conseguia fazer outras coisas. E isso me deixou
brava.

Meu pai me trouxe um gatinho de pelúcia quando eu era
bem pequena. Eu tinha menos de um ano, com certeza. Era
branco e macio, do tamanho certo pros meus dedinhos
gorduchos pegarem. Eu estava sentada num bebê-conforto,
no chão: presa e segura, explorando aquele mundo de tapete
verde peludo e sofá que combinavam entre si. A mamãe
colocou o gatinho nas minhas mãos, e eu sorri.

– Olha, Melody. O papai te trouxe um bringatinho – disse
ela, com aquela voz fininha que os adultos fazem quando
falam com crianças.

Mas o que é um “bringatinho”? Já era bem difícil eu tentar adivinhar o significado das palavras de verdade. Agora eu também tinha que entender coisas inventadas?

Eu adorei a maciez geladinha do pelo do brinquedo. Aí ele caiu no chão. O papai colocou o gato nas minhas mãos mais uma vez. Eu queria muito segurá-lo e abraçá-lo, mas ele caiu de novo. Lembro que fiquei zangada e comecei a chorar.

– Tenta de novo, querida – disse o meu pai. As palavras dele saíam meio manchadas de tristeza. – Você consegue.

Meus pais colocaram o gato nas minhas mãos de novo várias vezes. Mas os meus dedos pequenos não conseguiam segurá-lo, e ele caía no tapete. Sempre.

Eu também caí muito naquele tapete. Por que será que lembro tão bem dele? Visto de perto, era um troço verde e feio. Acho que os tapetes felpudos saíram de moda muito antes de eu nascer. Tive diversas oportunidades de entender como é feita a trama dos tapetes enquanto eu ficava lá deitada, esperando alguém vir me pegar. Eu não conseguia rolar pro outro lado. Aí a gente ficava lá: eu – irritada –, o tapete felpudo e o cheiro azedo de leite de soja derramado na minha cara, até alguém vir me resgatar.

Quando eu não estava no bebê-conforto, meus pais me colocavam sentada com um travesseiro de cada lado. Mas eu via um raio de sol atravessando a janela, virava a cabeça para ver as poeirinhas flutuando nele e – *bam!* – caía de cara no chão. Eu gritava, um deles vinha me pegar, me acalmava, e eu tentava me equilibrar melhor entre os travesseiros. Mas, mesmo assim, caía de novo dali a alguns minutos.

Só que aí o papai fazia algo engraçado, tipo tentar pular igual ao sapo da *Vila Sésamo* – que a gente tava assistindo –, e me fazia rir. E eu caía de novo. Eu não queria nem pretendia cair de novo. Mas não conseguia evitar: não tinha equilíbrio nenhum. Nenhum mesmo.

Eu não conseguia entender na época, mas o meu pai entendia. Ele dava um suspiro e me colocava no colo. Me abraçava apertado e segurava o gatinho, ou qualquer outro brinquedo que me interessasse, pra que eu pudesse tocar.

Às vezes, papai também inventava o seu próprio vocabulário, mas ele nunca falou com vozinha de criança, como a mamãe. Conversava comigo como se eu fosse adulta, usando palavras de verdade e presumindo que eu tava entendendo. E ele tinha toda a razão.

– Sua vida não vai ser fácil, Melody – dizia, baixinho. – Se eu pudesse trocar de lugar com você, faria isso num piscar de olhos. Você sabe disso, não sabe?

Eu só piscava, mas entendia o que ele queria dizer. Às vezes, o rosto do meu pai ficava úmido, de lágrimas. Ele me levava lá pra fora à noite e sussurrava em meu ouvido coisas sobre as estrelas, a lua e o vento.

– As estrelas estão fazendo um espetáculo só pra você, filha. Olha que brilho incrível! Tá sentindo o vento? Ele tá tentando fazer cócegas nos seus dedinhos dos pés.

De dia, às vezes ele me tirava dos cobertores – minha mãe insistia em me enrolar toda – e deixava eu sentir o calor do sol no rosto e nas pernas.

O papai pendurou um daqueles alimentadores pra passarinhos no nosso alpendre, e a gente sentava lá juntos, vendo as aves pararem e pegarem as sementes, uma de cada vez.

– Aquele vermelho é um cardeal – explicava – e aquele outro ali é um gaio azul. Eles não se dão muito bem. – E dava uma risadinha.

Mas o que o meu pai mais fazia era cantar pra mim. Ele tem

uma voz cristalina, que parece ter sido feita sob medida pra canções tipo “Yesterday” e “I Want to Hold Your Hand”.

Meu pai ama os Beatles. É, não dá mesmo para entender os pais e por que eles gostam de certas coisas.

Eu sempre tive um ouvido muito bom. Lembro de escutar o barulho do carro do papai quando ele virava na nossa rua, entrava na garagem e ficava procurando as chaves de casa nos bolsos. Ele as jogava no degrau de cima, aí eu ouvia a porta da geladeira abrir. Duas vezes. Na primeira, ele pegava alguma coisa gelada pra beber. Na segunda, ficava procurando um pedaço gigante de queijo. O papai adora queijo. E dá os peidos mais altos e mais fedidos da face da Terra. Não sei como ele consegue se controlar no trabalho – se é que se controla. Mas, quando chega em casa, solta bufas sem dó. Começa quando ele sobe as escadas.

Passo, peido.

Passo, peido.

Passo, peido.

Quando o papai chegava no meu quarto, eu tava rindo, e ele se inclinava para me dar um beijo. Meu pai sempre tem hálito de bala de menta.

Ele lia para mim sempre que podia. Eu sabia que meu pai devia estar cansado. Mas, mesmo assim, ele sorria, pegava um ou dois livros e eu ia para *Onde vivem os monstros* ou para o lugar onde *O gatola da cartola* faz a maior bagunça. Eu devo ter decorado as palavras antes dele. *Boa noite, lua. Abram alas para os patinhos*. E outras dúzias de clássicos para crianças americanas. As palavras de cada um dos livros que meu pai leu para mim ficaram guardadas pra sempre na minha memória.

O negócio é o seguinte: sou ridiculamente inteligente e tenho certeza de que possuo uma memória fotográfica. Parece que tenho uma câmera na minha cabeça e, quando vejo ou ouço alguma coisa, aperto o botão, e as coisas ficam registradas.

Uma vez, vi um programa na TV sobre crianças-gênios. Elas conseguiam lembrar de séries complicadas de números, recordar palavras e imagens na sequência correta e citar longos trechos de poesia. Eu também consigo fazer isso tudo.

Eu lembro do 0800 de cada informe publicitário que eu já vi. Do endereço e do site também. Se algum dia eu precisar

de um conjunto de facas novo ou do aparelho de ginástica perfeito, tenho essa informação nos meus arquivos.

Sei o nome dos atores e das atrizes de todos os seriados, o horário de cada um, em que canal passam e quais são reprises. Lembro até dos diálogos de cada episódio e dos comerciais que passaram.

Às vezes eu queria ter um botão de deletar na minha cabeça.

Tenho um controle remoto da TV instalado na minha cadeira, bem perto da minha mão direita. Do lado esquerdo, tenho o controle do rádio. Consigo ter controle do meu pulso o suficiente pra apertar os botões e trocar de canal ou de estação, e isso me deixa *muito* feliz! Vinte e quatro horas de luta livre ou de canal de compras enlouquece qualquer um... Consigo ajustar o volume e até assistir aos DVDs, se alguém colocar um para mim no aparelho. E vejo muito os vídeos antigos que meu pai fez de mim.

Mas eu também gosto dos canais de TV a cabo que falam sobre reis e dos reinos que eles conquistaram ou de médicos e das doenças que eles curaram. Já vi programas sobre vulcões, ataques de tubarões, cachorros que nasceram com

duas cabeças e as múmias do Egito. E eu lembro de todos eles. Palavra por palavra.

Não que seja uma grande vantagem. Ninguém sabe, só eu. Nem mesmo a minha mãe, que sabe – é a tal da “intuição materna” – que eu sou capaz de entender as coisas. Até isso tem seus limites.

Ninguém entende. Ninguém. Eu fico louca com isso.

Então, de tempos em tempos, eu perco o controle *de verdade*. De verdade mesmo. Meus braços e minhas pernas ficam bem rígidos e chicoteiam como galhos de árvore numa tempestade. Até meu rosto se transforma. Às vezes, quando isso acontece, não consigo respirar direito, mas preciso dar um jeito, porque tenho que gritar, espernear e me sacudir. Não são convulsões (essas aí são uma coisa fisiológica que dá sono).

Esses episódios – que eu chamo de “ataque de tornado” – fazem parte de mim. Tudo que não funciona direito se acumula e se intensifica. Não consigo parar, mesmo querendo, mesmo sabendo que estou assustando os outros. Eu perco o controle. A coisa fica meio feia.

Quando eu tinha mais ou menos quatro anos, tava com a

mamãe num desses hipermercados que vendem de tudo, de leite a sofá. Eu ainda cabia naquele assento pra crianças do carrinho. A minha mãe sempre saía preparada e colocava travesseiros de cada lado para eu não cair. Tava tudo certo. Ela tinha colocado papel higiênico, enxaguante bucal e detergente no carrinho, e eu olhava em volta, curtindo o passeio.

Aí, na seção de brinquedos, eu vi uma coisa. Pacotes de cores vivas com blocos de plástico. Naquela manhã mesmo eu tinha assistido a um alerta na TV sobre aqueles brinquedos. A fábrica estava fazendo um *recall* porque os blocos tinham tinta com chumbo. A reportagem dizia que várias crianças já tinham sido hospitalizadas com intoxicação. Mas os blocos ainda estavam lá na prateleira. Eu apontei pra eles.

– Não querida, você não precisa disso. Já tem muitos brinquedos – disse a minha mãe.

Apontei de novo e gritei. Comecei a dar chutes.

– Não! – falou a mamãe, com um tom enérgico. – Você não vai me dar um piti!

Eu não queria aqueles blocos. Queria explicar que eram

perigosos. Queria que ela pedisse para alguém tirar aquilo dali antes que uma criança ficasse doente. Mas eu só podia gritar, apontar e chutar. E foi isso que eu fiz. Comecei a gritar mais alto.

Minha mãe saiu correndo da seção de brinquedos, empurrando o carrinho bem rápido e gritou:

– Pare com isso!

Eu não conseguia parar. Fiquei tão brava por não poder dizer nada. Um tornado tomou conta de mim. Meus braços se transformaram naqueles bastões de artes marciais, as pernas viraram armas. Chutei a mamãe. Gritei. Continuei apontando na direção dos blocos.

As pessoas ficaram olhando. Algumas apontaram pra gente. Outras fingiram que não viram.

Minha mãe foi até a porta da loja, me arrancou do carrinho e deixou ele lá com todas as coisas que tinha escolhido dentro. Ela estava quase chorando quando chegou no carro.

Foi me colocando na cadeirinha e quase gritou comigo:

– Qual é o seu *problema*?

Bom, ela sabia a resposta dessa pergunta, mas também sabia que aquele não era o meu comportamento normal. Eu

engoli seco, funguei e, finalmente, me acalmei. Rezei para o povo da loja assistir ao noticiário.

Quando a gente chegou em casa, a mamãe ligou pro médico e contou do meu comportamento maluco. O doutor mandou a receita de um calmante, mas ela não me deu. A crise já tinha passado.

Acho que a minha mãe nunca entendeu o que eu tava tentando dizer aquele dia.

CAPÍTULO 4

Ah, os médicos. Por onde eu começo? Eles não me entendem mesmo. Minha mãe é enfermeira, então acho que fala a língua deles. Mas os doutores com certeza não sabem como falar comigo.

Já fui a dúzias de médicos na minha vida, e todos tentam me analisar e me entender. Nenhum pode me consertar.

Então, normalmente eu os ignoro e ajo como se fosse retardada. É o que eles pensam que eu sou mesmo. Olho fixo pra parede, sem expressão, e finjo que as perguntas são muito difíceis. De qualquer jeito, é mais ou menos isso que eles esperam que eu faça.

Quando fiz cinco anos, já era hora de começar a pensar em

me matricular na escola. Minha mãe me levou a um médico que devia descobrir meu nível de inteligência. Ela empurrou minha cadeira até o consultório, acionou as travas, para a cadeira não sair andando sozinha e checkou se o cinto de segurança estava afivelado. Quando o cinto se solta – e isso acontece de vez em quando – eu vou escorregando da cadeira tipo um fio de espaguete molhado.

O especialista era um homem bem avantajado. O último botão da camisa estava aberto, e a barriga dele aparecia pelo buraco, por cima do cinto. Que nojo!

– Eu sou o doutor Paulo Grande – disse, com uma voz cavernosa.

Fala sério. Que piada pronta.

– Vamos brincar um pouquinho hoje, tá? Vou te fazer umas perguntas, e aí você vai brincar com aqueles brinquedos ali. Vai ser divertido, não vai?

Logo vi que aquela hora ia demorar muuuuito pra passar.

Ele trouxe uma pilha de blocos de madeira bem gastos – eu só rezei pra não serem pintados com tinta de chumbo – e se inclinou. Chegou tão perto de mim que dava pra ver os poros do rosto dele. Arg!

– Você consegue empilhar estes blocos por ordem de tamanho? – falou bem alto e devagar, achando que eu tinha deficiência auditiva e era muito burra.

Mas quem era o burro ali? Será que o doutor não sabia que eu não tinha como segurar os blocos? É claro que eu sabia que um era maior do que o outro, mas não ia conseguir empilhar aqueles blocos nem que ele me pagasse! Então só peguei o braço e joguei todos no chão. Os blocos caíram, com aquele som que a madeira faz quando bate em outra. Tentei controlar o riso enquanto o médico juntava todos eles. Quando o homem tentava alcançá-los, respirava com muita dificuldade.

Em seguida, o doutor Grande segurou umas fichas brilhantes, uma de cada cor.

– Me avise quando você vir a cor azul, Melody – disse, com um tom que deixava transparecer que ele achava tudo aquilo uma grande perda de tempo.

Quando o cartão azul apareceu, eu apontei e fiz um barulho:

– Zuuuu!

– Maravilhoso! Sensacional! Estupendo! – gritou.

Pelo jeito que ele me elogiava, parecia que tinha acabado de entrar na faculdade. Eu teria revirado os olhos, se conseguisse fazer isso.

Aí o médico me mostrou o verde, e eu dei um chute no ar e fiz um barulho, mas minha boca não consegue fazer o som de “v”. O homem pareceu decepcionado.

Ele rabiscou alguma coisa na prancheta, puxou outro jogo de fichas e disse, bem alto:

– Agora vou te fazer algumas perguntas, Melody. São meio difíceis, mas quero que você se esforce, tá?

Fiquei só olhando e esperando ele pôr a primeira série de fichas na minha frente.

– Número um. Qual é diferente dos outros?

Será que ele tirou aquilo da *Vila Sésamo*?

O médico me mostrou umas figuras: um tomate, uma cereja, um balão vermelho e uma banana. Sei que ele devia estar esperando que eu respondesse que era o balão, mas aquilo simplesmente parecia fácil demais. Então eu apontei para a banana, porque todas as outras coisas eram vermelhas e redondas, e a banana não era.

O doutor Paulo Grande deu um suspiro e fez mais umas

anotações.

– Número dois.

Aí ele me mostrou mais quatro fichas: um papagaio, uma galinha, um canário e um pinguim. Então perguntou:

– Qual destes animais não é uma ave?

Bom, eu assisto a programas sobre bichos o tempo todo.

Tenho certeza absoluta de que *todos* os animais que ele me mostrou são aves. E eu que achava que a pessoa precisava ser inteligente pra virar médico... O que fazer? Bati em cada foto devagar, com todo o cuidado, depois fiz tudo isso de novo pra ter certeza de que ele tinha entendido. Acho que ele não entendeu.

Ouvi o homem murmurar “pinguim” enquanto fazia mais anotações. Ficou bem claro que ele tava desistindo de mim.

Notei que o doutor tinha um exemplar de *Boa noite, Lua* na estante. Acho que estava traduzido pro espanhol. O título era *Buenas noches, Luna*. Ia ser divertido dar uma olhada nele, mas eu não tinha como dizer pro doutor Grande que queria ver o livro.

Depois de assistir à *Vila Sésamo* um milhão de vezes, e ficar sentada vendo os canais em espanhol por horas e

horas, eu conseguia entender um pouco de espanhol, se falassem devagar. Pelo menos eu conhecia palavras suficientes pra ler o título daquele livro. Mas ele nem pensou em me perguntar isso, claro.

Eu sabia de cor as letras e melodias de centenas de canções. Tinha uma sinfonia ecoando dentro da minha cabeça. E ninguém pra ouvir a não ser eu mesma. Mas aquele médico nunca me fez nenhuma pergunta sobre música.

Também sabia o nome de todas as cores, das formas e dos animais que as crianças da minha idade deviam saber. E mais um montão de coisas. Dentro da minha cabeça, conseguia contar de um a mil – de frente para trás e de trás para frente. Conseguia identificar centenas de palavras só de olhar pra elas. Mas tudo isso tava preso dentro de mim.

O doutor Grande, apesar de ter feito faculdade por um milhão de anos, nunca seria inteligente o suficiente pra enxergar dentro de mim. Então fiz minha cara de aleijada e mandei meus pensamentos de volta àquele verão, quando eu e a mamãe fomos ao zoológico. Gostei muito dos elefantes, mas que fedor era aquele? Pra dizer a verdade, o doutor

Paulo meio que me lembrava aqueles gigantes. Minha mãe e o médico não faziam a menor ideia do porquê eu tava sorrindo quando ela empurrou minha cadeira de volta para a sala de espera, pra gente aguardar a avaliação escrita. Ele não demorou muito pra fazer isso.

Sempre fico impressionada de ver como os adultos presumem que sou surda. Os dois falaram de mim como se eu fosse invisível, pensando que era retardada demais pra entender a conversa deles. Aprendo um monte de coisas desse jeito. Mas aquela conversa foi horrível. Mesmo. O médico nem tentou dar uma amenizada nas coisas que disse pra minha mãe. Tenho certeza que ela ficou com a sensação de ter sido atropelada por um caminhão.

Ele primeiro limpou a garganta, depois disse:

– Sra. Brooks, de acordo com minha avaliação, a Melody tem um dano cerebral severo e é profundamente retardada.

Uau! Eu só tinha cinco anos, mas já havia assistido bastante Teleton e sabia que aquilo era ruim. Muito ruim. Senti um baque nas minhas entranhas.

A mamãe ficou sem ar, depois passou um minuto inteiro sem falar nada. Por fim, respirou fundo e protestou,

calmamente:

– Mas eu sei que ela é inteligente. Posso ver nos olhos dela.

– A senhora a ama. É natural que se iluda – disse o doutor Grande, com um tom gentil.

– Não! Eu vejo um brilho! Mais do que isso: é uma inteligência tão verdadeira que chega a resplandecer nos olhos dela. Eu simplesmente sei disso – insistiu minha mãe, parecendo ser um pouco mais forte.

– Leva tempo para aceitar as limitações de um filho amado. Ela tem paralisia cerebral, sra. Brooks.

– Eu sei *o nome* da doença dela, doutor – declarou minha mãe, com frieza. – Mas uma pessoa é muito mais que um diagnóstico escrito num prontuário.

Boa, mãe. Mas a voz dela já tava perdendo a força, caindo num sentimentalismo impotente.

– Ela ri quando contam piadas – a frieza tava virando um tom de desespero. – Bem na hora certa.

A voz da mamãe foi sumindo. Até eu achava ridículo o que ela estava dizendo. Mas dava pra perceber que ela não conseguia encontrar as palavras pra explicar aquela intuição

dela, para dizer que eu era inteligente, sim.

O doutor Paulo Grande olhou para mim, sacudiu a cabeça e disse:

– Por sorte, ela consegue sorrir e dar risada. Mas a Melody nunca vai conseguir andar sozinha ou dizer uma única frase que seja. Ela nunca vai conseguir se alimentar sem precisar de ajuda, cuidar das próprias necessidades ou entender mais do que instruções simples. Quando a senhora aceitar essa realidade, poderá lidar com o futuro dela.

Essa foi pura maldade.

A mamãe quase nunca chora. Mas aquele dia ela chorou.

Chorou, chorou e chorou. O doutor Paulo Grande teve que dar uma caixa inteira de lenços de papel para ela. Os dois me ignoraram: minha mãe ficou soluçando, e o médico tentou encontrar palavras gentis, pra ver se ela se sentia melhor.

Sem muito sucesso.

Finalmente, ele falou quais eram as opções:

– A senhora e o seu marido têm muitas decisões a tomar.

Podem escolher entre mantê-la em casa ou mandá-la para uma escola especial para quem tem deficiência intelectual.

Não há muitas opções assim aqui por perto.

De onde eles tiram essas expressões quase agradáveis para descrever crianças como eu?

A minha mãe fez um ruído que pareceu um miado: estava perdendo o controle.

O doutor Paulo Grande continuou falando:

– A senhora também pode pôr Melody em uma clínica, onde cuidarão dela e garantirão o seu conforto.

Aí ele puxou um folheto colorido, que tinha uma criança de cadeira de rodas toda sorridente na capa e entregou pra minha mãe. Eu tremia enquanto ela pegava aquilo.

– Vamos ver... – disse o médico – A Melody está com... ah, cinco anos. É a idade perfeita para aprender a se adaptar a um novo ambiente. A senhora e o seu marido podem levar suas vidas sem que ela seja um fardo. Com o tempo, as lembranças que sua filha tem de vocês vão desaparecer.

Fiquei olhando pra mamãe, desesperada. Eu não queria ser mandada embora de casa. Eu era um fardo? Nunca pensei que fosse assim. Talvez a vida deles *fosse mesmo* mais fácil sem mim. Engoli seco. Minhas mãos estavam geladas.

Mamãe não me olhava. Estava lançando um olhar fulminante pro doutor Paulo Grande. Amassou o lenço de

papel que tava na mão dela e ficou de pé.

– Deixa eu lhe dizer uma coisa, doutor. Não existe a menor possibilidade de eu mandar a Melody pra uma clínica. A menor!

Eu pisquei. Será que aquela era mesmo a minha mãe?

Pisquei de novo, e ela ainda tava lá, pondo o dedo na cara do doutor Paulo Grande!

E ainda não tinha terminado de falar.

– Quer saber? – disse ela, furiosa, atirando o folheto na lata de lixo – acho que o senhor é frio e insensível. Espero que jamais tenha um filho com dificuldades. Aposto que jogaria a criança no lixo!

O médico ficou olhando, chocado.

– E digo mais: acho que o senhor tá errado. Eu sei que tá! A Melody é muito mais inteligente do que você! Você até pode ter todos esses seus diplomas chiques de universidades chiques aí na parede, mas não chega aos pés dela!

Com essa, quem piscou foi o médico.

– Pro senhor é tudo muito fácil. Todas as suas funções corporais funcionam direito. Nunca precisou lutar só pra se

fazer entender. O senhor se acha inteligente só porque tem um diploma de médico?

Ele pelo menos foi esperto e ficou de boca fechada. E com a cabeça baixa, de vergonha.

A mamãe tava com tudo.

– Você não é inteligente, não senhor. Deu sorte, só isso. É uma benção ter as habilidades preservadas como nós temos.

A Melody consegue entender coisas, se comunicar e se virar num mundo em que *nada* funciona direito. Ela sim que é inteligente.

Aí a minha mãe saiu pisando forte do consultório, empurrando a minha cadeira suavemente através daquelas portas grossas. No corredor, a gente se cumprimentou com um soquinho. Médio. Eu fiz o que deu. Mas as minhas mãos não estavam mais geladas.

– Vou te matricular agora mesmo na Escola de Ensino Fundamental da Rua Spaulding – anunciou ela, determinada, me levando de volta pro carro. – Mãos à obra.

CAPÍTULO 5

Faz cinco anos que eu frequento a Escola de Ensino Fundamental da Rua Spaulding. Ela é bem normal: cheia de

crianças, igualzinha às escolas que eu vejo nos programas de TV.

Crianças que brincam de pega-pega no pátio e correm pelo corredor pra chegar em suas carteiras antes de o sinal tocar.

Crianças que escorregam nas partes congeladas do chão durante o inverno e pulam nas poças d'água na primavera.

Crianças que gritam e se empurram.

Crianças que apontam seus lápis, resolvem problemas de Matemática na lousa e abrem seus livros pra ler um poema.

Crianças que escrevem respostas no caderno e guardam a lição de casa na mochila.

Crianças que ficam se jogando comida no refeitório e tomando suco de caixinha.

Crianças que cantam no coral, aprendem a tocar violino e fazem aula de ginástica olímpica, balé ou natação quando saem da escola.

Crianças que fazem cestas no jogo de basquete durante a aula de Educação Física. A conversa delas ecoa pelos corredores: fazem planos, brincadeiras e amigos.

Crianças que, na sua maioria, ignoram crianças como eu.

O ônibus “pra quem tem necessidades especiais”, como

chamam por aqui, tem um elevador para cadeira de rodas muito legal e vai me buscar em casa todas as manhãs.

Quando a gente chega à escola, os motoristas conferem com toda a calma se todos os cintos e as fivelas estão apertados direitinho antes de descer todo mundo que usa andador, cadeira de rodas, muleta ou capacete. Um por um, até o chão. Aí um cuidador empurra a cadeira ou ajuda a andar até a área de espera.

Quando o tempo tá bom e ensolarado, a gente senta do lado de fora. Gosto de ficar vendo os alunos “normais” jogando bola enquanto esperam o sinal tocar. Parece que se divertem tanto... Eles chamam os colegas pra jogar, mas nunca convidaram nenhum de nós. Não que a gente fosse conseguir, mas seria legal se alguém nos desse um “oi” de vez em quando. Acho que esse pessoal que joga bola deve achar que os alunos da nossa turma são tão retardados que nem ligam quando são tratados como se fossem invisíveis. Fiquei tão animada quando a mamãe me matriculou aqui. Achei que aprenderia coisas novas todos os dias. Mas, na maioria das vezes, as aulas eram só alguma coisa pra preencher o meu tempo e me obrigar a sair de casa. No

segundo e no terceiro ano, devo ter aprendido mais assistindo aos canais de documentário e ficção científica da TV a cabo do que na escola. Os professores eram legais, na maior parte do tempo, mas precisariam ter visão de raios x que nem o Super-Homem pra enxergar o que passava dentro da minha cabeça.

Faço parte de um programa especial com outras crianças que têm o que eles chamam de “deficiências”. As idades dos alunos vão de nove a onze anos. Nossa “comunidade de aprendizado” – que piada – tá junta desde que eu entrei na escola. Parece que a nossa turma nunca avança como as outras. Fazemos a mesma coisa do ano anterior, só que com um professor diferente. A gente nem muda de sala quando passa de ano.

Os colegas que eu tenho agora fizeram o segundo ano com a sra. Tracy. No terceiro ano, sofremos nas mãos da sra. Billups, que recebeu o prêmio de pior professora do mundo. Tem seis comunidades de aprendizado independentes na nossa parte do prédio. Alunos com diferentes problemas de saúde. Alguns na Educação Infantil e outros que deveriam estar no Ensino Médio.

Os bebês iam achar a nossa sala de aula, a H-5, bem legal.

Mas fala sério! A sala é pintada de amarelo e cor-de-rosa.

Numa parede, tem um sol de carinha feliz, um arco-íris gigante e dúzias de flores – que também têm carinhas felizes.

A outra é pintada com coelhinhos, gatinhos e cachorrinhos.

Felizes. Azulões voam por um céu azul com nuvens perfeitas. Até os pássaros estão felizes. Eu já tenho quase onze anos e, se tiver que passar mais um dia olhando pro paraíso dos bichinhos, acho que vou vomitar!

Pra falar a verdade, a Ashley, que é a mais nova da nossa classe, vomita bastante. Ela tem nove anos, mas parece ter três. E tem a menor cadeira de rodas que eu já vi.

A Ashley é nossa modelo. É simplesmente linda: olhos de estrela de cinema, cabelo comprido e cacheado e narizinho arrebitado. Parece uma daquelas bonecas que ficam na prateleira da loja, guardada na caixa. Só que mais bonita. A mãe da Ashley combina perfeitamente as roupas dela, todos os dias. Se ela tá de camiseta cor-de-rosa, usa calça, meia e dois lacinhos no cabelo da mesma cor. Até as unhas da mão combinam.

Quando a gente faz o que os professores e terapeutas

chamam de “atividades em grupo”, a Ashley quase nunca participa. Ela tem o corpo muito rígido, e fica difícil alcançar, pegar ou segurar qualquer coisa.

Perto do Natal, os alunos da turma H-5 são obrigados a decorar um boneco de neve de isopor ridículo, com 1,80 metro de altura. Eu não sei o que as crianças das classes normais têm que fazer, mas na época das festas de fim de ano, todos os professores que dão aula pra gente tiram coisas do armário.

A sra. Hyatt, a professora da creche, adorava aquele boneco de neve todo esculhambado: três bolas de isopor amarelado grudadas com tubos e alfinetes.

– Vamos fazer a decoração, crianças! – dizia ela, com aquela voz fininha e irritante. – A gente vai grudar os enfeites no Sydney, o boneco de neve da nossa classe H-5.

Podemos usar velcro, palitos ou cola. O que funcionar melhor.

Não sei quantos anos o boneco tinha àquela altura, mas o pobre do Sydney não conseguia ficar de pé direito. Ele ficava inclinado que nem um bêbado que precisa se segurar na parede. A sra. Hyatt nos dava flocos de neve verdes.

Verdes? A gente era um bando de crianças burras. Não devia dar bola pra isso. Os festões que imitavam folhas de pinheiro eram marrons. E as estrelas, roxas ou cor-de-rosa.

– Você gosta do boneco de neve, Ashley? – perguntou a sra. Hyatt.

É quase impossível para Ashley se comunicar, de tão rígido que o corpo dela é. O “painel de comunicação” dela só tem duas palavras: *sim* e *não*. Então ela virou a cabeça de leve pra esquerda, para dizer *não*. Aposto que tinha vontade de dar um soco naquele negócio e derrubá-lo no chão.

Comparado com a Ashley, o Carl é gigante. Apesar de só ter nove anos, usa uma cadeira de rodas especial, mais larga, e precisa de dois cuidadores pra ser colocado e tirado do ônibus. Mas as mãos dele são boas: o Carl consegue movimentar a cadeira sozinho e segurar um lápis pra escrever o nome dele. E esfaquear bonecos de neve.

O Carl enfiou lápis e réguas no peito do boneco e canetas na cabeça dele. A sra. Hyatt batia palmas e dizia, com aquela voz estridente:

– Muito bem, Carl! Que criativo!

O meu colega só deu risada. Ele consegue falar, mas só

umas frases curtas, que normalmente têm duas partes. As opiniões dele são muito fortes.

– O boneco de neve é burro – gritava. – Burro, muito burro.

Acho que ele odeia aquele boneco tanto quanto eu. Um ano, prendeu uma fralda com alfinete na frente e outra atrás, na parte de baixo do Sydney. A professora não tirou elas dali. O Carl entende muito de fralda.

Quando ele faz cocô nas calças, o que acontece quase todos os dias, a sala inteira fica cheirando igual à jaula dos macacos do zoológico. Mas os cuidadores têm muita paciência com o Carl. Colocam as luvas de borracha, limpam, trocam a roupa – ele sempre usa agasalhos de moletom – e o sentam de novo na cadeira de rodas. Esses cuidadores mereciam uma medalha. A gente não é uma turma fácil.

A Maria, que tem síndrome de Down, tem dez anos. Ela *ama* Natal, Páscoa, Dia dos Namorados, Dia da Terra... Não importa: se for feriado ou dia de festa, a Maria tá sempre pronta pra comemorar. Ela é meio cheinha na cintura, que nem o nosso boneco de neve, e fala o tempo todo. É divertida, apesar de insistir em me chamar de “Melly-Melly”.

Todo ano, quando chega a hora de tirar aquele boneco de neve ancião do armário, a Maria pula, faz festa e fica animada de verdade. Aposto que ela é a única na nossa classe que gosta mesmo daquele negócio.

– Chegou a hora do Sydney, o boneco de neve! – diz ela, quase sem fôlego. – Posso colocar este chapéu? Por favor. Por favor. Posso dar meu cachecol vermelho para ele? O Sydney vai amar meu cachecol.

A sra. Hyatt e todas as professoras que vieram depois dela sempre deixam a Maria ficar encarregada de fazer as bengalinhas de açúcar falsas com papel verde e as estrelas roxas listradas com papel de presente. Ela beija cada enfeite antes de prendê-los com velcro no boneco. Abraça o Sydney todas as tardes antes de ir para casa. E chora quando chega a hora de ele voltar para o armário.

Apesar de ter dificuldade para entender coisas complicadas, a Maria compreende as pessoas e os sentimentos delas.

– Por que você tá triste hoje, Melly-Melly? – ela me perguntou uma manhã, já faz uns anos.

Como é que ela pôde adivinhar que o meu peixinho

dourado tinha morrido no dia anterior? Deixei ela me dar um abraço bem apertado e fiquei me sentindo melhor depois disso.

A Maria gosta de abraçar, e a Glória gosta de se balançar. Fica fazendo isso horas e horas debaixo de uma daquelas flores felizes idiotas. As professoras sempre tentam convencê-la a parar e sair dali, mas ela enrola os braços em volta de si mesma como se estivesse com frio e continua se balançando. A Glória é autista, acho eu. Consegue andar perfeitamente e fala quando tem algo a dizer. Sempre vale a pena escutá-la.

– O boneco de neve me dá calafrio – disparou ela, um dia que a turma estava surpreendentemente silenciosa.

Aí se amuou no canto dela e não disse mais nada até a hora de ir embora. A Glória nunca pôs um enfeite no Sydney, mas se solta e parece relaxar quando a professora coloca o CD de músicas natalinas.

O Willy Williams – sim, este é o nome dele de verdade – tem onze anos. Não sei bem qual é o diagnóstico dele. O menino canta que nem aqueles suíços que aparecem nos comerciais, tipo no meio das montanhas: *tiro-leeeee-i-i*. Ele

faz outros barulhos também: assovios, grunhidos e guinchos. Nunca, mas nunca, fica calado ou completamente parado. Será que quando ele está dormindo também faz esses barulhos todos?

Quando o Sydney sai de sabe-se lá qual caixa onde fica guardado durante o ano, a professora tem que ficar esperta pro Willy não chegar muito perto, porque senão ele derruba aquele negócio bambo. O Willy não faz por mal. É que os braços e as pernas dele estão sempre se mexendo. Ele não consegue evitar.

A sra. Hyatt foi a primeira professora a testemunhar um tombo do Sydney.

– Por que você não coloca este laço cor-de-rosa no nosso boneco de neve, Willy? – perguntou ela, com aquela vozinha.

Se contorcendo todo, o Willy até que tentou, mas o idiota do laço cor-de-rosa foi pra um lado, e o pobre do Sydney, pro outro. Três bolas rolaram pela sala. O menino deu um guincho e assoviou. Acho que ele também deu um sorriso. Agora, se a sra. Hyatt tivesse dado uma luva de beisebol pro Willy colar no boneco, ele teria sido bem mais

cuidadoso. O Willy AMA beisebol.

O sr. Gross, nosso professor do primeiro ano, curtia brincar de charadas. O Willy ficava só gaguejando quando as perguntas eram sobre borboletas ou barcos. Mas, se a pergunta fosse sobre beisebol... Ele gritava a resposta certa antes que os berros e os rugidos tomassem conta do corpo dele.

– Quem foi o primeiro jogador de beisebol a fazer sessenta *home runs* na mesma temporada? – perguntou o sr. Gross.

– Babe Ruth – respondeu o Willy, depois deu um grito agudo.

– Quem bateu o recorde de Babe Ruth de 740 *home runs*?

– Hank Aron – e soltava uma espécie de grito de guerra.

– E quem é o maior rebatedor de todos os tempos? – o sr. Gross parecia estupefato com o conhecimento do Willy.

– Pete Rose. Nhiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii.

– E quem é o maior recordista de gols da história das Copas do Mundo?

Silêncio absoluto. Nenhum pio. O Willy não liga pra futebol. Nem pra bonecos de neve.

Mas às vezes, quando eu olho pro Willy, tenho a

impressão de que ele gostaria de ficar quieto e em silêncio.

Fico observando ele fechar os olhos, fazer careta e se concentrar. Consegue ficar quieto por apenas alguns minutos. Aí respira fundo. Parece um nadador saindo da água pra tomar fôlego. Quando abre os olhos, os barulhos começam de novo. E ele sempre fica com uma cara triste.

A Jill usa um andador porque a perna esquerda dela se arrasta um pouco. É magra, pálida e muito quieta. Quando o Sydney aparece, ela fica quase sem expressão. Tipo uma luz que se apaga. E chora muito. O sr. Gross colocava uns enfeites na mão da Jill pra ficar mais fácil de ela participar da atividade, mas parecia que ele estava ajudando um daqueles manequins de loja. Ouvi um cuidador dizer que ela sofreu um acidente de carro quando era bebê. Acho que isso deve ser terrível: começar bem e depois perder a habilidade de fazer as coisas.

O Freddy, que tem quase doze anos, é o mais velho do nosso grupo. Ele usa uma cadeira de rodas elétrica e adora aquela coisa. Não perde a oportunidade de dizer:

– O Freddy vai fazer *zuuum!* O Freddy vai fazer *zuuum!*

Ele sorri de orelha a orelha, finge que está colocando um

capacete, põe a velocidade da cadeira no máximo e sai voando pela sala. É claro que a cadeira só tem duas velocidades: lento e mais lento ainda. Mas o Freddy acha que tá numa pista de corrida.

Esse meu colega corre com a cadeira em volta do velho boneco de neve esfarrapado, atirando estrelas e sinos com velcro, e fica perguntando:

– O boneco de neve vai fazer *zuum zuum*?

Bom, depois que o Willy mandou o boneco pelos ares e que o Carl tentou esfaqueá-lo com lápis, acho que essa era uma pergunta pertinente. Todo os anos, o Freddy dá o toque dele no Sydney: adesivos das associações de corrida Nascar e Nasa, iguais aos que ele tem colados na cadeira de rodas. Se alguém perguntar para o Freddy que dia é hoje, ele não vai saber responder. Mas, se quiser saber quem venceu as quinhentas milhas de Daytona, ele é a pessoa certa.

E aí tem eu.

Eu odeio o idiota do boneco de neve. Mas obedeco quando me pedem para pôr festões nele. É mais fácil do que tentar explicar.

Eu tenho uma bandeja grande de acrílico, que pode ser

presa nos braços da minha cadeira. Serve como bandeja de comida e como painel de comunicação. Quando eu era menor, a mamãe colou dúzias de palavras nela, mas eu fiquei limitada a um punhado de substantivos, verbos e adjetivos comuns, alguns nomes e um monte de carinhas felizes. Tinha também algumas frases úteis, tipo *Preciso ir ao banheiro*, *por favor* e *Estou com fome*. Mas a maioria das pessoas – mesmo que sejam crianças pequenas – precisam falar mais do que isso no decorrer do dia. Dãr!

Por favor, *obrigada*, *sim*, *não* e *talvez* ficam juntos, do lado direito. À esquerda, ficam os nomes das pessoas da

minha família, dos meus colegas e dos professores. O nome “Sydney” não foi incluído.

Tem uma tira com o alfabeto no topo, para eu poder formar palavras, e uma linha de números embaixo, pra eu contar, dizer quantidades ou falar sobre tempo. Mas, durante a maior parte da minha vida, só tive ferramentas de comunicação de criança pequena no meu painel. Não é à toa que todo mundo me acha retardada.

Aliás, eu odeio essa palavra: *retardada*.

Eu gosto de todos os meus colegas da classe H-5, e

entendo o problema de saúde deles melhor do que qualquer um. Mas lá não tem ninguém igual a *mim*. Parece que eu vivo numa jaula sem porta nem chave. E não tenho como explicar como se faz pra me tirar dela.

Ah! Espera! Eu esqueci de falar da sra. V.

CAPÍTULO 6

A sra. Violeta Valência é nossa vizinha de porta. Violetas são roxas. Valência é um tipo de laranja, que é... bom, cor de laranja! Não se encontram muitas laranjas roxas por aí. Nem pessoas como ela. A sra V. é uma mulher alta – tem quase 1,80 m e as maiores mãos que já vi. As mãos dela são gigantes! Aposto que dá pra colocar uma bola de basquete oficial em cada uma e ainda sobra espaço. Digamos que ela seja uma árvore. A minha mãe fica parecendo um graveto perto dela.

Eu tinha mais ou menos dois anos quando comecei a ficar na casa da sra. V. No começo, o papai e a mamãe raramente me deixavam ficar com estranhos, mas às vezes os horários de trabalho deles se sobrepunham, e os dois precisavam de uma terceira pessoa para ajudar. Minha mãe disse que a sra. Valência foi a primeira visita que apareceu em casa quando

eu nasci, a primeira que me pegou no colo como se eu fosse um bebê normal. Muitos amigos dos meus pais tinham medo até de encostar em mim, mas a sra. V. não!

Ela usa uns vestidos enormes e esvoaçantes – deve ter quilômetros de tecido neles – nas mais loucas combinações de cores. Rosa chiclete com vermelho carro de bombeiros, cor de sorvete de pêssego com canela vivo. E todos os tons de roxo e laranja, claro. A sra. V. me contou que ela mesma é quem faz os vestidos. Acho que não daria pra ser de outro jeito. Nunca vi nada parecido nas lojas do shopping. Nem num hospital.

A minha mãe trabalhava com ela no hospital, as duas são enfermeiras. A mamãe me contou que as crianças de lá eram loucas pela sra. V. Que usava as mesmas roupas chamativas na ala neonatal, de crianças com câncer e na unidade de crianças queimadas.

– As cores dão vida e esperança a essas crianças! – anunciava, com ousadia, desafiando qualquer um a discordar dela. Acho que ninguém fazia isso.

Lembro da primeira vez que eu fiquei sentada no alpendre da sra. V. Meus pais pareciam preocupados, mas ela me

segurava firme e me balançava nos joelhos. Devia ter um microfone escondido naqueles vestidos esvoaçantes: ela tinha uma voz que fazia qualquer um calar a boca, se virar e escutar o que ela estava dizendo.

– É claro que eu cuido da Melody – disse ela, transmitindo segurança.

– É que a Melody é... sabe... muito especial – falou o papai, hesitante.

– *Todas* as crianças são especiais – retrucou a sra. V., cheia de autoridade. – Mas esta aqui tem superpoderes escondidos. Eu adoraria ajudar vocês a encontrá-los.

– Isso vale tanto pra gente. Não temos como pagar à altura.

A sra. V. encolheu os ombros e disse, sorrindo:

– Aceito o que vocês puderem me dar.

Meu pai ficou meio encabulado.

– Tá bom, obrigado. Vou terminar de fazer aquela rampa este fim de semana. Só preciso ir mais uma vez à madeireira.

– *Isso sim* ajudaria muito – falou ela, balançando a cabeça.

– A Melody pode dar muito trabalho – avisou a mamãe.

A sra. Valência me levantou no ar e respondeu:

– Eu adoro trabalhar.

– Queremos que ela desenvolva todo o seu potencial –
completou o papai.

– Ah, para com isso – disse ela, pra surpresa dele. – Não se afunde nessas palavras e expressões sentimentaloides que você lê nos livros sobre crianças com deficiência. A Melody é uma criança que tem capacidade de aprender, e ela vai aprender se ficar comigo.

Aí meu pai ficou com vergonha. Mas deu um sorriso e disse:

– Traz ela de volta daqui a uns vinte anos.

– Ela volta na hora do jantar.

Desde então, eu comecei a ficar umas horas na casa da sra.

V. quando o meu pai e a minha mãe estavam trabalhando, até eles chegarem em casa. Quando fiquei maior, ia para casa da sra. V. todos os dias depois da aula. Não sei quanto meus pais pagavam pra ela, mas não devia ser o suficiente.

A sra. V. nunca teve pena de mim, nem no primeiro dia. Em vez de me colocar na cadeirinha especial que os meus pais compraram, ela me deixava estatelada de costas no meio do chão, em cima de um edredom grande e macio. A primeira vez

que fez isso, fiquei olhando pra ela com cara de quem achava que ela tava louca. Chorei. Esperneeiei. A sra. Valência me ignorou, foi embora e pôs um CD. Marchinhas militares em alto e bom som ecoaram pela sala. Eu gostei.

Aí ela voltou e colocou meu brinquedo preferido – um macaco de borracha – a alguns centímetros da minha cabeça. Eu queria aquele macaco. Ele apitava quando eu apertava. Mas tanto fazia o brinquedo estar ali perto ou a quilômetros de distância. Eu estava de costas, imobilizada como uma tartaruga. Gritei mais alto.

A sra. V. se sentou no edredom e disse, baixinho:

– Vira pro outro lado, Melody.

Às vezes ela conseguia fazer uma voz bem suave.

Fiquei tão chocada que parei de gritar. Eu não conseguia me virar. Será que ela não sabia disso? Tava louca?

Ela limpou meu nariz com um lenço de papel.

– Você consegue se virar, Melody. Eu sei que você entende cada palavra que eu te digo, e eu sei que você consegue fazer isso. Agora, rola!

Pra falar a verdade, eu nunca tinha me dado muito ao trabalho de tentar rolar pra lado nenhum. Eu já tinha caído

do sofá algumas vezes, e aquilo doía, então normalmente eu só ficava esperando a minha mãe ou o meu pai me colocarem de volta numa posição confortável.

– Olhe como você tá deitada. Você já tá de lado: é metade do caminho. Em vez de gritar e espernear, use toda essa energia pra mudar de posição. Estenda o braço direito e se concentre!

E foi isso que eu fiz. Eu me estiquei, me espichei. Fiz tanta força que soltei um peido! A sra. V. caiu no riso. Mas devagar, bem devagar, senti meu corpo rolando pra direita. E então, inacreditavelmente – *plop!* – eu tava de barriga para baixo. Fiquei com tanto orgulho de mim mesma que dei um gritinho.

– Eu te falei – disse ela, com um tom vitorioso. – Agora pega este macaco!

Eu sabia que não adiantava protestar. Então tentei alcançar o brinquedo. Ele estava a uns cinco centímetros da minha mão. Tentei dar um impulso. Minhas pernas faziam o contrário daquilo que a minha cabeça queria. Me sacudi. Peguei um tanto do edredom e puxei. O macaco ficou mais perto!

– Você é uma figurinha muito esperta! – incentivou a sra.

V.

Dei outro puxão no edredom e, pouco a pouco, o macaco acabou na minha mão. Agarrei o brinquedo, e ele apitou como se estivesse feliz de me ver. Dei um sorriso e fiz ele apitar várias vezes.

– Depois de todo esse exercício, você deve estar com fome.

Ela me deu primeiro um milk-shake de baunilha, depois legumes e macarrão. A sra. Valência sempre serve a sobremesa primeiro. E eu *sempre* como toda a minha comida

– a parte saudável e a parte gostosa. É o nosso segredinho.

A sra. V. é a única pessoa que me deixa tomar refrigerante.

De todos os sabores. Adoro aquele arrote que faz cócegas no nariz. A mamãe e o papai me dão leite ou suco. O meu refrigerante preferido é um de limão que se chama Mello

Yello. A sra. Valência até começou a me chamar assim.

Na casa dela, aprendi a dar um impulso e depois engatinhar. Eu jamais ganharia uma competição com outros bebês, mas, aos três anos, já tinha aprendido a atravessar um cômodo. A sra. V me fez entender como se faz pra virar

de barriga pra cima e de barriga pra baixo. Ela era dura comigo. Me deixava cair de propósito da cadeira de rodas em cima de travesseiros pra eu aprender a cair sem me machucar.

– Imagine que alguém esqueceu de afivelar esse seu cinto de segurança – disse, com aquela voz de quem tava mastigando cascalho. – É melhor saber o que fazer nessa situação ou vai cair de cabeça e abrir um rombo nela. Como eu não queria ficar com um rombo na cabeça, a gente treinava. A sra. V. me mandava de volta pra casa, dizia pra minha mãe que eu tinha jantado bem e feito cocô direitinho – não entendo por que os pais acham isso tão importante – depois me dava uma piscadinha. Eu era a missão secreta dela.

Mas quando entrei na escola, descobri que tinha problemas muito maiores do que cair da cadeira. Eu precisava de palavras. Como é que eu ia aprender qualquer coisa se não conseguia falar? Como é que eu ia responder às perguntas dos professores? Ou fazer perguntas pra eles? Eu conhecia um monte de palavras, mas não sabia ler um livro. Tinha milhões de pensamentos dentro da minha

cabeça, mas não podia dividir isso com ninguém. E ainda por cima, ninguém esperava que os alunos da classe H-5 aprendessem muita coisa. Isso me deixava louca!

Eu não devia ter muito mais do que seis anos quando a sra. V. se deu conta do que eu precisava. Uma tarde, depois da aula, ela me deu um sorvete com calda de caramelo e ficou zapeando pelos canais de TV a cabo. Aí parou num documentário sobre um cara chamado Stephen Hawking. Olha, eu me interessei por quase qualquer coisa que tenha uma cadeira de rodas. Dãr! Eu gosto até daqueles Teletons da TV que arrecadam dinheiro para as crianças com deficiência. Acontece que o tal Stephen Hawking tem um negócio chamado esclerose lateral amiotrófica, não consegue andar nem falar e deve ser o homem mais inteligente do mundo. *Todo mundo* sabe disso! Que legal.

Aposto que ele às vezes fica muito frustrado.

Depois que o programa acabou, fiquei bem quieta.

– Ele é igual a você, mais ou menos, né? – perguntou a sra.

V.

Eu apontei o **sim** do meu painel, depois o **não**.

– Não tô te entendendo – disse ela, coçando a cabeça.

Eu aponte o **precisar**, depois o **ler**. **Precisar/ler**.

Precisar/ler.

– Eu sei que você consegue ler várias palavras, Melody.

Eu aponte de novo. **Mais**. Senti as lágrimas querendo escorrer pelos meus olhos. **Mais. Mais. Mais**.

– Melody, se você pudesse escolher, o que ia preferir: poder andar ou falar?

Falar. Bati na palavra um monte de vezes. **Falar. Falar**.

Falar.

Tenho *tanto* a dizer.

Foi aí que a sra. V assumiu uma nova missão: me dar o poder da comunicação. Ela arrancou todas as palavras do meu painel e começou do zero. Escreveu as novas palavras em letra menor, pra caber mais. Cada espacinho do painel ficou preenchido com nomes e fotos das pessoas que fazem parte da minha vida e perguntas que eu poderia precisar fazer. Mais um monte de verbos, substantivos e adjetivos, para que eu pudesse montar alguma coisa que, pelo menos, parecesse uma frase! Eu podia perguntar *Onde está a minha mochila?* ou dizer *Feliz aniversário, mamãe* só apontando com o dedão.

Aliás, eu tenho dedos mágicos. Eles funcionam
perfeitamente. O resto do meu corpo parece um casaco com
as casas no lugar errado: os botões não fecham. Mas os
meus polegares saíram sem defeitos, sem nenhuma falha
técnica. Só eles. Vai entender.

Sempre que a sra. Valência colocava palavras novas no
meu painel, eu aprendia bem rápido, formava frases com
todas elas e queria mais. Eu queria LER!

Aí ela me fez umas fichas.

Cor-de-rosa para substantivos.

Azul para verbos.

Verde para adjetivos.

Aprendi pilhas e mais pilhas de palavras. Palavras
pequenas, como gato, prato e rato. Gosto de fazer rimas: fica
mais fácil lembrar. Tal como de uma promoção: “pague um e
leve outro inteiramente grátis”.

Aprendi palavras grandes, como lagarta e mosquito, e
palavras que seguem regras malucas, tipo hálito e
habilidade. Aprendi todos os dias da semana, os meses do
ano, todos os planetas, oceanos e continentes. Todos os
dias eu aprendia palavras novas. Chupava e engolia todas

que nem eu faço com o bolo de cereja da sra. V.

Ela espalhava as fichas no chão, me colocava em cima de uma almofada grande pra eu conseguir alcançar, e eu fazia frases, usando os punhos. Era mais ou menos como colocar contas num fio pra montar uma coisa bem legal, tipo um colar.

Eu gostava de fazer a sra. Valência rir. Então, de vez em quando, colocava as palavras numa ordem bem louca.

O peixe azul vai fugir. Ele não quer ser jantar.

A sra. V. também me ensinou palavras pra descrever todas as músicas que eu ouvia em casa. Apreendi a diferenciar Beethoven de Bach, uma sonata de um concerto. Ela colocava um trecho de um CD depois me perguntava quem era o compositor.

Mozart. Eu apontava para a ficha certa entre as alternativas que estavam na minha frente. Depois eu apontava para a cor azul no meu painel.

– Hã? – perguntava ela.

Uma hora, ela pôs um trecho de Bach. Apontei o compositor certo, depois de novo o azul. E também o roxo.

Ela fez com uma cara confusa. Fiquei procurando as

palavras certas pra explicar o que eu queria dizer. Queria que ela entendesse que, pra mim, a música era colorida. Foi aí que finalmente me dei conta de que a sra. V. não podia entender tudo o que passava pela minha cabeça.

A gente seguiu em frente.

Às vezes, ela tocava um *hip-hop*, outras, umas músicas das antigas. A música, e as cores que o som produzia, esvoaça ao redor da sra. V. que nem as roupas dela.

A sra. Valência me levava lá pra fora em todos os tipos de clima. Um dia, até me deixou ficar sentada na chuva. Estava quente como uma sauna, e a sensação era grudenta e irritante. Devia estar fazendo uns 32 graus. A gente ficou sentada no alpendre dela, observando as nuvens da tempestade se formarem. A sra. V. me disse os nomes de todos os tipos de nuvem e inventou umas histórias. Eu sabia que ela ia fazer fichas com todos esses nomes pra mim.

– Olha o velho Nimbo ali. Ele é escuro e poderoso e pode expulsar todas as outras nuvens do céu, só assoprando.

Quer casar com a sra. Cumulus, mas ela é muito macia e bonita para dar bola pra um cara tão assustador. Aí ele fica louco da vida e manda tempestades.

No fim das contas, o velho Nimbo conseguiu o que queria, e a chuva caiu sobre mim e a sra. V. Choveu tão forte que a gente não conseguia ver nada além do alpendre. O vento soprava, e a frieza úmida da chuva molhava tudo à nossa volta. Era tão bom. Tinha uma goteira na cobertura do alpendre da sra. V., e algumas gotas d'água caíram na minha cabeça. Eu dei risada, bem alto.

Ela me olhou de um jeito engraçado e se levantou de repente.

– Você quer sentir a chuva de verdade?

Balancei a cabeça. *Sim, sim, sim.*

A sra. Valência empurrou minha cadeira de rodas pela rampa que o meu pai tinha feito. A cada segundo que passava, a gente ia ficando mais molhada. Ela parou quando a gente chegou no gramado e deixou a chuva nos encharcar.

Meu cabelo, as roupas, os olhos, os braços e as mãos.

Molhado. Molhado. Molhado. Era sensacional. A chuva estava morna, quase da temperatura de um banho. Eu não parava de rir.

Depois de um tempo, a sra. V. me levou de volta para dentro, me secou, trocou minhas roupas e me deu uma

caneca de leite com chocolate. Secou minha cadeira e, quando o papai veio me buscar, a chuva já tinha parado, e tudo estava sequinho de novo.

Eu sonhei com nuvens de chocolate a noite inteira.

CAPÍTULO 7

Sempre que durmo, eu sonho. E nos meus sonhos consigo fazer qualquer coisa. Sou a primeira a ser escolhida pra qualquer time. Eu corro tão rápido! Faço ginástica olímpica e nunca caio do cavalo. Sei dançar quadrilha country muito bem. Falo ao telefone com as minhas amigas, e a gente fica conversando por horas e horas. Sussurro segredos. E canto. Quando acordo e tomo um choque de realidade, sempre fico decepcionada. Preciso ganhar comida na boca e alguém tem que pôr a roupa em mim, pra eu poder passar mais um longo dia na sala das carinhas felizes da escola da Rua Spaulding.

Na sala H-5, a gente teve um monte de professores. E nem sei dizer quantos cuidadores. Essas pessoas – normalmente tem um cara que ajuda os meninos e uma mulher que ajuda as meninas – fazem coisas como nos levar ao banheiro (ou trocar as fraldas de crianças como a Ashley e o Carl), dar

comida na boca na hora do almoço, empurrar nossas cadeiras de rodas até onde a gente queria ir e dar abraços. Acho que eles não são muito bem pagos, porque nunca ficam muito tempo. Mas deveriam ganhar um milhão de dólares. O que eles fazem é muito difícil, de verdade, e acho que a maioria das pessoas não entende isso.

É difícil até de manter os bons professores com a gente. Não posso culpá-los por ir embora, porque, como eu já disse, nossa turma nem sempre é fácil de lidar.

Mas de vez em quando, a gente ganha um professor bom. Depois da esganiçada sra. Hyatt, da pré-escola, e do sr. Gross, o rei do *game show*, que nos deu aula no primeiro ano, a sra. Tracy, do segundo ano, entrou na nossa sala trazendo o frescor de uma brisa.

Ela percebeu que eu gostava de livros, conseguiu fones de ouvido e colocou audiolivros em CD para eu ouvir. Começou com coisas pra bebês, tipo o dr. Seuss, do *Gatola da Cartola*, que meu pai lia pra mim quando eu tinha dois anos. Mas, depois de eu atirar esses livros no chão algumas vezes, em vez de me punir, ela se deu conta de que eu precisava de algo melhor.

Ouvi várias coleções de livros por capítulos, algumas mais de menininha, outras bem bobas, de terror. Ela me fazia perguntas sobre cada livro, e eu acertava todas. Eram coisas do tipo: “Qual destes objetos ajudou a solucionar o mistério?”. Aí me mostrava imagens de uma pedrinha, uma estrela-do-mar e uma caneta-tinteiro. É claro que eu sabia que tinha sido a pedrinha. Ela fazia festa quando a gente terminava as perguntas e já me plugava em outro livro. Naquele ano, eu ouvi todos os mais de trinta livros da Beverly Clearly e os quase cem volumes da série *Crianças do vagão*, que falam de quatro órfãos que moram num vagão de trem abandonado. Foi incrível ouvir esses clássicos norte-americanos.

No ano seguinte, tudo voltou à estaca zero. Sei que os professores têm que registrar uns comentários para o próximo que assumir, saber o que vem pela frente. Mas ou a sra. Tracy não escreveu nada ou a sra. Billups, a professora do terceiro ano, não leu o nosso histórico.

A sra. Billups sempre começava o dia colocando o CD preferido dela. Eu odiava aquilo. “O velho MacDonald tinha uma fazenda” e “Brilha, brilha estrelinha” cantadas por

crianças que não sabem cantar. O tipo de música que os adultos acham fofinha, mas que é horrível!

Ela colocava aquele negócio a todo volume. Todas as manhãs, sem exceção. Toca uma vez, repete, toca mais uma. Não era por acaso que a gente sempre tava de mau humor. Assim que ligava aquela barulheira, começava a passar o alfabeto. De novo. Todos os dias, sem exceção. Para alunos do *terceiro ano*.

– Bem, crianças. Este aqui é o “A”. Quem consegue dizer “A”? Muito bem!

A sra. Billups sorria e dizia “muito bem” mesmo que ninguém tivesse respondido.

Será que se ela desse aula pra alunos do terceiro ano sem deficiência faria a mesma coisa? Provavelmente não. Quanto mais pensava nisso, mais brava eu ficava.

– Agora vamos passar para a letra “B”. Esta é a letra “B”. Vamos todos dizer “B”. Muito bem!

E falava de novo com as paredes. Mas ela nem ligava. Eu ficava olhando com saudade para os audiolivros e para os fones de ouvido, que estavam socados num canto.

Até que um dia eu me enchi daquilo tudo. A sra. Billups,

além de dar o nome das letras, tava fazendo o som de cada uma.

– Bã! – disse ela, bem alto, cusbindo. – “Bã” é o som da letra “B”. Vamos todos dizer “bã” juntos, crianças.

Aí a Maria, que sempre tá de bom humor, começou a atirar giz de cera. O Willy começou a balbuciar. E eu, a berrar. Posso não conseguir emitir nenhum som inteligível, mas consigo fazer *muito* barulho.

Gritei porque odeio coisas que são simplesmente idiotas.

Berrei porque não conseguia falar e mandar a professora calar a boca!

E chorei porque eu *nunca* consegui explicar pra ninguém o que estou pensando de verdade.

Então eu gritei, berrei e esperneeiei. Chorei como uma criança de dois anos. E não parei.

Foi aí que o ataque de tornado tomou conta de mim. Eu me sacudi, me retorci e, basicamente, surtei. Dava chutes com tanta força que os meus sapatos pularam das tiras que prendem os meus pés na cadeira. Acabei me inclinando pro lado e gritei mais alto ainda.

A sra. Billups não sabia o que fazer. Ela tentou me acalmar,

mas eu não *queria* ser acalmada. Nem os cuidadores conseguiam me conter. A Jill e a Maria começaram a chorar. Até a Ashley, que estava inteira vestida de amarelo, parecia chateada. O Freddy ficou girando em círculos com a cadeira dele, me olhando de lado e com medo. O Carl começou a gritar, pedindo almoço. E fez cocô nas calças de novo. A classe inteira ficou descontrolada. E eu continuei esperneando.

A professora chamou a diretora, a sra. Anthony, que arregalou os olhos quando abriu a porta. Deu uma olhada na situação e disse, curta e grossa:

– Ligue pra mãe dela.

E saiu mais rápido do que entrou.

Um minuto depois, a professora estava falando com a minha mãe ao telefone.

– Sra. Brooks, aqui quem fala é a professora da Melody, Anastasia Billups. A senhora pode vir até aqui agora mesmo?

Eu sabia que a mamãe ia ficar preocupada. Será que eu tava doente? Sangrando? Morta?

– Não, ela não está doente. Ela está bem, achamos – a sra.

Billups tentava falar com um tom profissional. – É que a gente não consegue fazê-la parar de gritar. Ela transformou a classe inteira num pandemônio.

Eu conseguia ver a minha mãe do outro lado da linha, tentando entender o que estava acontecendo. Felizmente, aquele era o dia da folga dela. Sabia que ela ia chegar em poucos minutos. Fui me acalmando e finalmente calei a boca. As outras crianças também se acalmaram, parecia que alguém tinha desligado a chave delas.

“O velho MacDonald” continuou tocando.

Minha mãe chegou mais rápido do que eu imaginava.

Quando a vi de calça jeans e moletom sujo, me dei conta que tinha largado tudo o que estava fazendo e pulado dentro do carro. Ela veio correndo até mim e perguntou o que estava acontecendo.

Eu respirei fundo algumas vezes, tremendo, apontei para o alfabeto no meu painel de comunicação e dei uns gritinhos de frustração.

– É por causa do alfabeto?

Sim. Eu apontei a palavra uma vez, depois fiquei batendo nela.

A mamãe se virou pra professora e perguntou:

– O que a senhora estava ensinando antes da gritaria começar?

A sra. Billups respondeu, com aquele tom de superioridade que as professoras de lindos terninhos vermelhos usam quando falam com mães de moletom sujo:

– Estávamos revendo o alfabeto, é claro. O som da letra “B”, se não me falha a memória. Eu sempre começo pelo básico. É preciso revisar o conteúdo constantemente com esse tipo de criança, porque elas não são capazes de reter informações como nós.

Minha mãe estava começando a entender.

– Então a senhora estava repassando o abecedário?

– Perfeito.

– Estamos em fevereiro.

– E?

– As aulas começaram em agosto. A sra. não passou da letra “B” nesses seis meses?

Ela abria e cerrava os punhos. Nunca vi a minha mãe bater em ninguém. Mas, quando ela fez esse gesto, parecia que ia sair batendo.

– Quem a senhora pensa que é para me dizer o que eu devo ensinar? – respondeu a professora, zangada.

– E quem a senhora pensa que é para entediar essas crianças com atividades imbecis? – retrucou a mamãe.

– Como ousa me dizer isso? – a professora ficou sem ar.

– Eu ouso qualquer coisa pela minha filha – o tom da mamãe era perigoso – e por essas outras crianças também!

– A senhora não entende...

– Não, sra. Billups, *você* é que não tá entendendo!

Parecia que a minha mãe estava tentando se acalmar, porque em seguida ela disse:

– Olha, a senhora nunca se pegou falando “se eu vir este comercial idiota na TV mais uma vez acho que vou gritar”?

A sra. Billups começou a balançar a cabeça, bem devagar.

– Ou “Se eu tiver que ficar mais cinco minutos neste congestionamento vou simplesmente explodir?”.

– Acho que sim – admitiu a professora.

– Bom, acho que foi isso que aconteceu com a Melody.

Ela deve ter pensado “se eu tiver que ver essas letras de novo vou simplesmente gritar”. E foi isso que ela fez. Não posso condená-la. E a senhora?

A professora tirou os olhos da minha mãe e os voltou pra mim.

– Acho que não, agora que explicou desse jeito – disse ela, com a voz tão calma quanto a da minha mãe.

– A Melody sabe o alfabeto, os sons de todas as letras e reconhece na hora *centenas* de palavras. Ela consegue somar e subtrair de cabeça. Discutimos tudo isso na última reunião de pais, não discutimos?

Dava para perceber que a minha mãe estava tentando se controlar.

– Pensei que a senhora estava exagerando – disse a professora. – Os pais desse tipo de criança nem sempre são realistas.

– Se falar “este tipo de criança” mais uma vez, quem vai gritar sou *eu*! – avisou a mamãe.

– Mas a Melody *realmente* tem limitações físicas e mentais – argumentou a sra. Billups, tentando colocar minha mãe no seu devido lugar, acho eu. – A *senhora* precisa aprender a aceitar *isso*.

O tiro saiu pela culatra, porque minha mãe disparou:

– A Melody não consegue andar. A Melody não

consegue falar. Mas ela é *extremamente* inteligente. Acho melhor *a senhora* aceitar isso!

A professora deu alguns passos para trás.

– Você não leu o histórico dela do ano passado? A

Melody adora ouvir audiolivros.

– Eu tento abordar cada criança com a mente aberta, sem me deixar influenciar pelos outros professores. Os históricos estão guardados numa caixa, em algum lugar.

– Então talvez a senhora deva encontrar essa caixa – disse a minha mãe, se segurando pra não dizer umas verdades.

– Mas nem pensar!

– Talvez esse seja o seu problema! – respondeu a minha mãe, dando um sorrisinho. Aí ela inclinou a cabeça e se virou para o aparelho de CD. – Ah, só mais uma coisinha.

Posso ver este maravilhoso CD que está tocando?

– Claro – disse a sra. Billups, sorrindo de leve. – As crianças adoram.

– É mesmo?

A professora tirou o CD do aparelho.

Brilha, brilha coisa nenhuma.

O Willy deu um grande suspiro.

A mamãe pegou o CD, ficou procurando alguma coisa na bolsa, deu uma nota de cinco dólares para a sra. Billups e partiu aquele negócio no meio.

– Essa música foi um castigo cruel e insólito.

O Freddy e a Maria comemoraram.

A Glória sussurrou:

– Obrigada.

Por um instante, eu quase senti pena da sra. Billups. A professora parecia tão confusa. Ela simplesmente não entendia nada.

A mamãe foi até a pia da sala de aula, ligou a água quente e umedeceu uma pilha de toalhas de papel. Chegou perto de mim e passou aquele maço de papel morno e molhado no meu rosto com todo o cuidado. Nunca na minha vida tive uma sensação tão tranquilizante. Ela penteou o meu cabelo, ajustou as tiras e as fivelas da minha cadeira, me deu um abraquinho rápido, e a gente foi pra casa.

A sra. Billups pediu demissão em março, depois do recesso de primavera. A gente acabou ficando com uma série de substitutos até o final do ano. Acho que ela se deu conta de que seria mais fácil trabalhar com pessoas mais

burras do que ela.

Ela estava enganada.

CAPÍTULO 8

Durante muito tempo, minha família era só eu, a mamãe, o papai e o Ollie, meu peixinho dourado. Eu tinha cinco anos quando ganhei, e fiquei com ele por quase dois anos, até ele morrer. Essa deve ser uma idade avançada para um peixinho dourado. Ninguém sabia que ele se chamava Ollie, só eu.

Mas tudo bem. O papai ganhou o peixe de prêmio quando a gente foi numa quermesse. Acho que a vida do Ollie era bem pior do que a minha.

Ele morava num aquário pequeno, daqueles redondos, que ficava em cima da mesa do meu quarto. Dentro, tinha umas pedrinhas cor-de-rosa e um tronco de mentira feito de plástico. Acho que era pra ficar parecendo o fundo do mar, mas não deve ter muitos lagos e oceanos de verdade com pedras dessa cor.

O Ollie passava o dia inteiro dando voltas naquele aquariozinho. Atravessava o tronco de mentira e voltava a nadar em círculos. Nadava sempre na mesma direção. Só mudava de rumo quando a mamãe jogava uns grãos de

comida pra peixe, de manhã e à noite. Eu ficava olhando ele engolir, depois fazer cocô e em seguida dar voltas e mais voltas. Eu sentia pena dele.

Pelo menos eu podia sair de casa, ir no mercado e na escola. O Ollie só podia ficar nadando em círculos o dia todo. Eu ficava me perguntando se os peixes dormem. Mas, quando eu acordava no meio da noite, não importa a hora, o Ollie tava ali nadando. A boquinha dele abria e fechava.

Parecia que ele queria dizer alguma coisa.

Um dia, quando eu tinha mais ou menos sete anos, o Ollie pulou do aquário. Eu tava escutando música no rádio – minha mãe finalmente tinha percebido que eu gostava da estação de country – e de bom humor. O som da música era meio laranja, meio amarelo, e eu sentia um leve aroma de limão ao meu redor. Estava bem relaxada, só olhando o peixinho dar as voltas dele pelo aquário.

Mas, de repente – não consigo nem imaginar o motivo –, o Ollie mergulhou até o fundo, deu um impulso pra cima e se jogou pra fora. Ele aterrisou na mesa e se debatia, tentando recuperar o fôlego. Tenho certeza que o peixe ficou supreso quando percebeu que não conseguia respirar. Os olhos dele

estavam saltados, e as guelras laterais pulsavam com dificuldade.

Eu não sabia o que fazer. Ele ia morrer sem água – muito rápido. Então gritei. A mamãe estava no andar de baixo, ou lá fora pegando a correspondência, e não veio logo. Gritei de novo. Mais alto. Berrei. Esperneei. O Ollie continuava se debatendo, sem fôlego e parecia ainda mais desesperado. Precisava de água.

Urrei mais uma vez, mas a minha mãe não veio ver o que era. Onde será que ela tava? Eu sabia que precisava fazer alguma coisa. Tentei alcançar a mesa esticando o braço. Mal deu pra encostar no aquário do Ollie. Pensei que, se eu conseguisse molhar o peixe, pelo menos um pouquinho, daria pra salvá-lo. Prendi os dedos na borda do aquário e puxei. Caiu água por todos os lados: pela mesa, pelo tapete, em mim e no Ollie. Acho que, por alguns segundos, ele se debateu um pouco menos.

E eu continuei berrando. Finalmente, ouvi os passos pesados da minha mãe subindo a escada. Quando ela entrou pela porta, deu uma olhada naquela bagunça, no peixe que morria e gritou:

– O que foi que você fez, Melody? Por que você derrubou o aquário? Você não sabe que os peixes não podem viver sem água?

É claro que eu sabia disso. Não sou burra. Por que ela acha que eu tava berrando e chamando ela?

A mamãe correu, fez uma concha com a mão, pegou o Ollie e colocou o peixe de volta no aquário com todo o cuidado. Depois foi até o banheiro, e eu ouvi o som da água correndo. Mas eu sabia que era tarde demais.

Não sei se foi por ele ter ficado muito tempo fora do aquário ou porque a água do banheiro não estava na temperatura certa, mas o Ollie não sobreviveu.

Minha mãe voltou e me repreendeu de novo:

– O seu peixinho dourado morreu. Não entendo. Por que você fez isso com a pobre criatura? Ele estava feliz no mundinho dele.

Fiquei pensando que, no fim das contas, o Ollie não devia estar tão feliz assim. Vai ver estava cheio daquele aquário, daquele tronco e daqueles círculos. Ou simplesmente não aguentava mais. Eu me sinto assim às vezes.

Não tinha jeito de eu explicar para a mamãe o que tinha

acontecido. Tentei salvar a vida do Ollie de verdade. Virei a cara. Ela estava brava, e eu também. Se a minha mãe não tivesse demorado tanto, talvez o meu peixinho tivesse sobrevivido. Eu não queria que ela me visse chorar.

A mamãe limpou tudo e me deixou sozinha com a minha música e aquele espaço vazio na mesa. As cores tinham desaparecido.

Demorou muito até eu conseguir ter outro bicho de estimação. Mas, no meu aniversário de oito anos, o papai trouxe uma caixa grande. Fiquei com a impressão de que ele mal conseguia segurá-la. Meu pai colocou a caixa no chão, bem na minha frente, e dela saiu, feito um raio, uma coisa divertida, rebolante e de pelo dourado. Um cachorrinho! Um filhote de *golden retriever*! Eu gritei e chutei o ar de tanta alegria. Um cachorrinho!

Na verdade, era uma cachorrinha. Ela ficou correndo pela sala, toda desajeitada, farejando cada cantinho. Eu observava cada movimento – amei o bicho na mesma hora. Depois de explorar todas as pernas da mesa e todos os móveis, ela parou, pra ter certeza de que todo mundo estava olhando, e fez xixi bem no meio do tapete! Minha mãe gritou,

mas só um pouquinho. Foi aí que a cachorra percebeu quem mandava na casa.

O filhote foi cheirar os dedos dos pés descalços do papai, mas não chegou perto da minha mãe, que estava tentando tirar a mancha do tapete com toalhas de papel e aquele *spray* que ela usava para limpar a cozinha. Depois de um tempo, o bichinho deu várias voltas ao redor da minha cadeira.

Parecia que tava tentando entender que coisa era aquela.

Cheirou a cadeira, cheirou minhas pernas e meus pés, ficou me olhando por um minuto e aí pulou direto no meu colo, como se já tivesse feito isso um milhão de vezes. Eu mal respirava: não queria incomodá-la. Aí, *au, au au*, ela deu umas três voltas no meu colo e ficou bem à vontade. Acho que ela fez um barulho parecido com um suspiro de satisfação. Eu fiz, pelo menos. Tentei passar a mão nas costas e na cabeça macia dela com todo o cuidado.

Eu é que escolhi o nome dela. A mamãe e o papai ficavam dando umas sugestões ridículas, tipo Peluda ou Café. Mas, desde o primeiro instante que vi o bichinho, sabia o nome que devia ter. Apontei pra uma tigela em cima da mesa, cheia do doce que eu mais amo no mundo: *toffee* de caramelo.

– Você quer chamá-la de Doce? – perguntou o papai.

Eu sacudi a cabeça com cuidado para não acordar o filhote.

– Caramelo? – tentou a mamãe.

Sacudi a cabeça de novo.

– Que tal Fedorenta? – sugeriu o meu pai, dando um sorriso.

Eu e a mamãe só demos uma olhada pra ele. Eu continuei apontando pra tigela de balas.

Finalmente, minha mãe disse:

– Já sei! Você quer chamá-la de Toffee?

Eu queria gritar, mas me obriguei a manter a calma. Me esforcei muito pra não fazer nada que tirasse a cachorrinha do meu colo.

– Ah – eu disse, baixinho, e continuei passando a mão no pêlo sedoso da cachorra.

Eu nem sabia que podia existir uma coisa tão macia. E ela era toda minha. Foi o melhor aniversário da minha vida.

A Toffee dorme no pé da minha cama todas as noites.

Parece que leu o manual do cachorro incrível: só late quando tem gente estranha na porta, nunca faz xixi nem cocô dentro

de casa (ela superou aquela fase de filhote) e me enche de alegria. Minha cachorra não liga de eu não poder conversar com ela, porque sabe que eu a amo. A Toffee simplesmente me entende.

Um dia, poucos meses depois de ela ter vindo morar com a gente, caí da minha cadeira de rodas. Isso acontece. A mamãe tinha me dado o almoço, me levado ao banheiro e me colocado no quarto de novo. A Toffee corria atrás de mim. Ela nunca fica no meio do caminho, só por perto, o tempo todo. Minha mãe tinha colocado um DVD pra mim e verificado se as minhas mãos estavam no lugar certo, pra eu poder voltar o filme ou passar pra frente. E não percebeu que o meu cinto de segurança não estava afivelado. Nem eu. Ela subia e descia a escada, levando e trazendo cestas de roupa lavada – eu sujo muita roupa – e acho que tava começando a fazer o jantar. O aroma encorpado de molho de tomate subia pelas escadas. A mamãe sabe que eu adoro espaguete.

Uma hora, ela pôs a cabeça na porta do quarto para dar uma olhada em mim e disse:

– Vou deitar uns minutinhos, Melody. Você fica bem

sozinha?

Eu balancei a cabeça e apontei pra porta, indicando que ela podia ir sossegada. O filme tava ficando bom. A Toffee se enrolou perto da minha cadeira: já era grande demais pra deitar no meu colo. A mamãe me jogou um beijo e fechou a porta.

Já vi milhões de vezes este filme: *O mágico de Oz*. Acho que a maioria das pessoas sabe de cor algumas falas dele. Não é preciso ser muito inteligente pra fazer isso, porque esse é um daqueles filmes que sempre passa na TV a cabo. Mas eu lembro de cada palavra. Sei o que a Dorothy vai dizer antes mesmo de ela abrir a boca.

– Acho que não estamos mais no Kansas, Totó.

Isso me dá vontade de sorrir. Não conheço o estado do Kansas nem Oz nem lugar nenhum que fique a mais de alguns quilômetros de casa.

Eu sabia que isso ia acontecer mas, quando chegou na parte em que o Homem de Lata faz aquela dancinha toda dura para a música “Se eu tivesse um coração”, morri de rir. Ri tanto que fui pra frente e caí de cara no chão.

Na mesma hora, a Toffee se levantou num pulo e me

cheirou pra ver se eu não tinha me machucado. Eu tava bem, mas não ia conseguir voltar pra cadeira. O pior é que ia perder a parte onde a Dorothy dava um soco no nariz do Leão Covarde. Fiquei só imaginando quanto tempo ia durar a soneca da mamãe.

Não gritei como daquela vez em que o Ollie pulou do aquário. Eu não tava chateada, só um pouco desconfortável. Tentei me virar, mas não consegui fazer isso naquela posição que eu caí. Se conseguisse ver TV dali, ficaria bem no chão mesmo, por um bom tempo. A Toffee é um ótimo travesseiro.

Mas a cachorra começou a arranhar a porta do quarto. Dava pra ouvir as unhas dela descascando a madeira. O papai não ia ficar nem um pouco feliz quando visse aquilo. Só que a mamãe não veio. Aí a Toffee latiu. Primeiro, uns dois latidos fraquinhos, depois mais alto e com mais urgência. Então, ela pulou e se jogou de corpo inteiro contra a porta, fazendo uns baques bem altos. Ela latia, depois se jogava. Latia e se jogava. A mamãe não tinha como ignorar aquela barulheira toda.

Tenho certeza que só passaram alguns minutos, mas

pareceu muito mais. Minha mãe apareceu na porta, com cara de grogue. O cabelo dela estava todo bagunçado.

– O que tá acontecendo aqui?

Mas aí ela me viu e disse:

– Ai! Melody, querida! Você tá bem?

Correu até mim, sentou no chão e me pôs no colo.

Ela verificou tudo: braços, pernas, coluna, rosto, couro cabeludo, até minha língua. Eu queria dizer pra ela que eu tava bem. Que só precisava me pôr de volta na cadeira, mas ela tinha que fazer “aquela coisa de mãe” e verificar tudo de novo.

– Você é uma boa menina, Toffee! – disse ela, fazendo carinho na cachorra e me dando um abraço bem apertado. – Vai ganhar ração em dobro hoje à noite!

Aposto que a Toffee preferia ganhar um osso bem grande, mas ela também não consegue falar, então eu e a minha cachorra ganhamos o que os outros querem nos dar. Minha mãe me colocou de volta na cadeira com todo o cuidado e verificou se o cinto de segurança estava afivelado corretamente. A Toffee se enrolou bem na minha frente, para ter certeza, acho eu, que estaria ali pra suavizar minha queda

caso eu caísse de novo. Essa cachorra é sensacional.

A mamãe voltou o filme pro começo. Mas, por algum motivo, aquela estrada de tijolinhos dourados tinha perdido um pouco do seu brilho mágico. Ninguém tem seus desejos realizados *de verdade* pelo Mágico de Oz.

Eu fui assistindo e imaginando o que eu pediria para ele se fosse levada por um tornado até Oz com minha cachorra.

Hmmmm. Um cérebro? Acho que o meu já está de bom tamanho.

Coragem? A Toffee não tem medo de nada!

Um coração? Acho que tenho um coração bem grande. E minha cachorra também.

O que eu podia pedir, então? Gostaria de cantar como o Leão Covarde e de dançar como o Homem de Lata. Nenhum dos dois faz isso muito bem, mas para mim já estava bom.

CAPÍTULO 9

Quando eu fiz oito anos, tudo mudou.

Eu sabia que a mamãe ia ter um bebê antes mesmo de ela saber. O cheiro dela estava diferente, tipo de sabonete novo.

A pele tava mais macia e quente.

Uma manhã, ela me levantou da cama e quase me deixou

cair de volta no colchão.

– Ufa! Você tá ficando muito pesada, Melody. Vou ter que começar a fazer levantamento de peso!

A testa dela estava toda suada.

Eu não achei que tinha engordado. A mamãe é que estava diferente. Ela sentou na cadeira do lado da minha cama por alguns minutos e correu de repente pro banheiro. Ouvi que ela estava vomitando lá dentro. Voltou alguns minutos depois, toda pálida. Com hálito de enxaguante bucal.

– Acho que comi algo estragado – murmurou, enquanto se vestia.

Mas eu acho que ela já sabia. Aposto que tava com medo. Quando finalmente entendeu o que estava acontecendo, sentou comigo para dar a notícia.

– Tenho uma coisa maravilhosa pra te contar, Melody.

Me esforcei pra fazer cara de curiosidade.

– Você vai ganhar uma irmãzinha ou um irmãozinho logo, logo.

Eu sorri e fiz minha melhor cara de surpresa e animação.

Estiquei os braços e dei um abraço nela. Pus a mão na barriga da minha mãe e apontei pra mim. Ela sabia o que eu

queria dizer.

E olhou bem no fundo dos meus olhos.

– Vamos rezar pra que esse bebê seja gordinho e saudável.

Você sabe que a gente te ama, Melody, do jeitinho que você é. Mas esperamos que essa criança não precise enfrentar os desafios que você enfrenta.

Eu também.

A mamãe pediu pro papai se encarregar de me levantar a partir daquele momento. E, apesar de nunca mais ter tocado no assunto na minha frente, eu sabia que ela estava preocupada. Ela engolia uns comprimidos verdes gigantes de vitamina e comia um monte de laranjas e maçãs. Toda hora tocava na barriga protuberante e murmurava uma oração. Dava pra ver que o papai também estava com medo, mas ele demonstrava preocupação fazendo pequenos gestos engraçados. Tipo trazer pilhas de íris roxas pra mamãe – essa é a flor preferida dela – ou fazer litros e mais litros de refresco de uva e grandes pratos dessa fruta. Não sei por que a minha mãe ficava com desejo de coisas roxas.

Em vez de assistir a horas e mais horas de documentários na TV a cabo, eu ficava no meu quarto olhando pra tela vazia

– só pensando, em silêncio.

Sabia que um bebê novinho tomava tempo. E também sabia que *eu* tomava muito tempo. Como é que os meus pais iam dar conta de nós dois?

Foi aí que um pensamento terrível surgiu na minha cabeça. E se eles decidissem aceitar a sugestão do doutor Paulo Grande? E não tinha jeito de eu fazer aquele pensamento ir embora.

Um sábado à tarde, alguns meses antes de o bebê nascer, eu estava enrolada no sofá, cochilando. A mamãe tinha colocado umas almofadas ao meu redor pra eu não cair. A Toffee dormia ali por perto, e a estação de jazz preferida do meu pai tocava uma musiquinha com saxofone que dava muito sono. Os dois estavam sentados no sofá menor, conversando baixinho. Tenho certeza que eles acharam que eu tava dormindo.

– E se? – perguntou a mamãe, com um tom tenso.

– Isso não vai acontecer. As chances são *tão* pequenas, meu bem – respondeu o papai.

Mas ele não parecia acreditar muito naquilo.

– Eu não ia conseguir *suportar*.

– Você vai arranjar forças – disse ele, calmamente. – Mas isso não vai acontecer. As chances são...

– Mas e *se*? – insistiu a mamãe, interrompendo.

E começou a chorar. Essa é a segunda vez que eu a vi fazer isso.

– Vai dar tudo certo – falou o meu pai, tentando consolá-

la. – A gente precisa pensar positivo.

– É tudo por minha causa – disse ela, baixinho.

– O que você quer dizer?

– É minha culpa a Melody ser desse jeito.

A mamãe chorava muito, eu mal conseguia entender o que ela tava dizendo.

– Isso é loucura, Diane! Você não pode cultivar esse tipo de culpa. Essas coisas simplesmente acontecem.

Dava pra perceber que o papai estava tentando ter bom senso.

– Não! Eu sou a *mãe* – lamentava-se ela – Era minha *responsabilidade* colocar um filho no mundo direito, mas eu estraguei tudo! Quase todas as mulheres do planeta conseguem dar luz a um bebê normal. Deve ter alguma coisa errada *comigo*!

– Querida, não é culpa sua, não é culpa sua – eu conseguia ouvir o papai puxando a mamãe mais pra perto dele.

– Mas, Chuck, tenho tanto medo que esse bebê também nasça com defeito! – disse ela, com a voz trêmula.

– Por favor, não diga isso. Nem pense uma coisa dessas – murmurou o papai. – Estatisticamente falando, quais são as chances? Duas crianças que...

E, de repente, não consegui mais ouvir, porque a minha cabeça tava pulsando de tanta coisa que eu queria dizer e não podia.

Eu queria dizer para a minha mãe que eu sentia muito por ela estar tão triste e com tanto medo.

Que não era culpa dela.

Que eu simplesmente era desse jeito, e ela não tinha nada a ver com isso.

E o que mais me doía era que eu não podia dizer nada disso para minha mãe.

Apesar de tudo isso, durante toda a gravidez, meus pais nunca deixaram de me dar atenção. Eu fiquei preocupada, achando que eles não iam mais dar bola pra mim. Fiquei mesmo. O papai fazia muito mais coisas à medida que a data de a mamãe dar luz chegava mais perto. Lavava um pouco de roupa, cozinhava e sempre me levantava e carregava. Eu chegava na escola na hora todos os dias, eles liam histórias pra mim todas as noites, e nós três esperamos, desejamos e

rezamos.

E a minha irmã nasceu perfeita! Recebeu o nome da moedinha de um centavo do nosso país: Penny. E não é que ela tem cabelo acobreado, da mesma cor da moeda? Foi um bebê feliz desde o primeiro instante que entrou na nossa casa, toda enroladinha.

Mas acho que ter um bebê pequeno é difícil pra qualquer um, especialmente se os pais já têm uma filha como eu. Às vezes eles discutiam, dava pra ouvir através das paredes.

– Eu preciso que você me ajude mais, Chuck – dizia a mamãe, tentando falar baixo.

– Bom, você dá mais atenção pro bebê do que pra mim!

– Se você me ajudasse, eu teria mais tempo pra você! Ter duas filhas, sendo que uma delas é a Melody, não é nada fácil!

– Eu preciso trabalhar, sabia?

– Eu também tenho um emprego! Não joga isso na minha cara. E eu ainda levanto duas vezes por noite pra amamentar o bebê!

– Eu sei, eu sei. Desculpe, Diane.

O papai sempre amolecia e deixava a minha mãe ganhar a

discussão.

– É que eu tô sempre tão cansada – falava a mamãe, com a voz abafada.

– Me desculpe. Eu vou melhorar. Prometo. Vou tirar uma folga do trabalho amanhã e cuidar das meninas. Por que você não vai assistir a um filme ou almoçar com a sra.

Valência?

O silêncio reinava de novo. Mas, mesmo assim, eu sempre acabava me sentindo um pouquinho culpada. Com certeza a vida deles seria mais fácil se só tivessem uma filha. Que funcionasse direito.

Uma vez eu ganhei de Natal uma daquelas bonecas eletrônicas. Era pra ela falar, chorar e mexer os braços e as pernas se você apertasse os botões certos. Só que, quando a gente abriu a caixa, um dos braços caiu, e a boneca só soltava uns gritinhos, não importa qual botão a gente apertasse. A mamãe devolveu na loja e pediu o dinheiro de volta.

Será que algum dia a minha mãe pensou em me devolver?

Mas a Penny... a Penny era um bebê perfeito. Depois de alguns meses, começou a dormir a noite inteira e a sorrir o

dia todo. Ela aprendeu a sentar na idade certa, a rolar bem quando devia e a engatinhar no momento esperado.

Impressionante. E tudo parecia tão fácil! É claro que ela caiu de cara no chão umas vezes. Mas foi só aprender a engatinhar que ela não parou mais.

A minha irmã parecia um boneco de corda, de tanto que corria pela casa. Ela aprendeu que era divertido brincar com a água da privada e que abajures caem quando se puxa o fio deles. Aprendeu que *golden retrievers* não são pôneis, que ervilhas têm gosto esquisito e que não se deve comer moscas mortas do chão de jeito nenhum. Mas que bala é uma delícia. Aprendeu que a irmã dela, a Melody, não consegue fazer o que ela faz, mas parecia que ela não dava bola pra isso. Eu tentei não dar bola também.

O papai ficava atrás dela com a filmadora do mesmo jeito que os *paparazzi* seguem as celebridades! A gente tem centenas de horas de cenas da Penny sendo fofa e fazendo coisas adoráveis. E... bom, preciso admitir que eu ficava meio enjoada de tanto assistir aos vídeos dela aprendendo coisas.

É tipo uma droga ver um bebê fazendo tudo que você gostaria de fazer.

A Penny segurando a mamadeira sozinha.

A Penny pegando sozinha bolinhas de cereal que estavam na bandeja do cadeirão dela.

A Penny falando “ma-ma” e “pa-pa” igualzinho aos bebês da *Vila Sésamo*.

A Penny engatinhando pelo chão e indo atrás da Toffee.

A Penny batendo palmas.

Como aquele cerebrozinho dela sabia que tinha que dizer pra ela dar um impulso se quisesse se levantar? Pra se segurar no sofá, se não ela perdia o equilíbrio? Como é que ela sabia ficar de pé sozinha? Às vezes ela caía, mas logo se levantava. A Penny nunca ficou estatelada no chão de barriga pra cima, imobilizada que nem uma tartaruga.

O papai ainda contava histórias pra gente, mas agora era a Penny que ficava no colo dele. Eu era muito grande e muito rígida pra ele conseguir me equilibrar, aí eu ficava lá, sentada na minha cadeira de rodas, com a minha cachorra deitada nos meus pés, enquanto os dois liam histórias que eu sabia de cor. A Toffee continuava dormindo só no meu quarto. Eu gostava disso.

Eu ficava contente de verdade por saber que a minha irmã

estava sendo apresentada aos livros que eu amava tanto.

Será que ela tava memorizando tudo? Provavelmente não. A

Penny não precisava fazer isso.

Acho que a terceira palavra que a Penny falou foi “Dii-

Dii”. Ela não conseguia dizer “Melody” direito, mas pegou a

última parte! Eu adorava quando a mamãe colocava minha

irmã na cama comigo de manhã, depois de dar banho nela. A

Penny me agarrava e sapecava um monte de beijos

molhados com cheiro de talco de bebê na minha cara.

– Dii-Dii! – ela não para de falar.

Com um ano, a Penny já andava. Balançava pela casa

inteira com aquelas perninhas gordas. Ela caía muito, de

bunda, e sempre ria quando isso acontecia. Aí levantava e

tentava de novo.

Essa é uma experiência que eu nunca vou ter.

Com duas crianças na casa, a rotina da nossa família

mudou. Levava o dobro do tempo pra todo mundo se

aprontar de manhã. A mamãe fazia questão de colocar

roupinhas lindas na Penny todos os dias, mesmo que fosse

só pra ir até a casa da sra. V.

Minhas roupas até que eram legais, mas dava pra perceber

que foram ficando mais práticas do que bonitas. Eu tinha a impressão de que a mamãe escolhia as que eram mais fáceis de pôr em mim. Isso era meio chato, mas eu sabia que estava ficando mais pesada, e que me levantar pra me vestir era mais difícil.

Acho que eu preciso contar que as minhas refeições dão um trabalhão. Não consigo mastigar direito. Então, quase sempre, ganho comidas moles, tipo ovos mexidos, mingau de aveia e papinha de maçã. Como não consigo segurar um garfo ou uma colher – eu tento, mas vivo deixando cair – alguém tem que me dar comida na boca, uma colherada por vez. Demora.

Colherada, sorver, engolir.

Colherada, sorver, engolir.

Cai um monte de comida no chão. Dessa parte a Toffee gosta. Ela é um aspirador de pó canino.

Beber também é difícil pra mim. Não consigo segurar o copo nem chupar no canudinho, então alguém tem que pôr o copo perto dos meus lábios com muito cuidado e despejar um pouquinho de líquido na minha boca pra eu conseguir engolir. Se for demais, eu me engasgo e começo a tossir, e

tem que começar tudo de novo. Leva um tempão para eu fazer uma refeição. Eu odeio esse processo todo, óbvio.

Algumas manhãs eram muito estressantes.

– Chuck! Me traz aquela camiseta cor-de-rosa da Melody que tá na cesta da roupa limpa? Ela derramou suco na blusa toda – gritou a minha mãe, do andar de baixo.

– Mas você não colocou o babador nela, Diane? Você sabe que ela faz bagunça! Por que não espera pra pôr a roupa nela depois de dar comida?

– Então você quer que eu dê comida pra ela pelada? Traz logo a camiseta! – disparou a mamãe. – E uma fralda para a Penny. Ela fez um cocô bem fedorento.

– Ela já tem dois anos. Não tá na idade de aprender a usar a privada? – perguntou o papai, descendo a escada com uma camiseta azul que já tava pequena pra mim numa mão e uma fralda na outra.

– Claro! Vou ensinar a Penny a usar a privada hoje à noite.

Na vigésima quinta hora do meu dia!

Aí o papai pegou a Penny no colo.

– Oh, oh. Esse cocô é terrível – dizia ele, com o nariz franzido. – Você deu batata-doce pra ela de novo ontem à

noite? Achei que a gente não ia dar mais isso pra ela, porque ela sempre faz cocô mole.

– Bom, se você tivesse ido ao mercado como eu te pedi, eu poderia ter dado outra coisa pra ela comer. E essa camiseta é azul, não cor-de-rosa, e fica pequena na Melody!

A mamãe saiu injuriada da cozinha e subiu a escada.

– Desculpem, meninas.

O papai falou isso pra gente e ficou assoviando baixinho enquanto limpava a Penny, ameaçando chamar a equipe de Emergências Químicas do Corpo de Bombeiros. Essa piada foi boa.

Aí ele terminou de me dar o café da manhã, sem dar bola para o mingau de aveia que tava caindo por toda a minha camiseta manchada de suco.

– Por que não? Faz logo uma bagunça de verdade pro estresse valer a pena – disse ele, dando risada.

A mamãe voltou maquiada e com um sorriso pintado, de cabelo arrumado e com a minha camiseta rosa. Ela e o papai se abraçaram na cozinha, respiraram fundo, e a gente saiu de casa na hora.

Muitos dias eram desse jeito.

CAPÍTULO 10

Todo dia quando acorda, a Penny pede o Peludo, um bicho de pelúcia macio que deve ser um macaco, ou quem sabe um esquilo. Tá tão detonado que ninguém mais sabe que bicho ele é. Minha irmã o arrasta para todo canto.

– Peludo! – grita ela, quando o brinquedo fica enrolado no cobertor. – Peludo! –ela berra, mesmo se o bicho estiver bem do seu lado.

É claro que, quando a Penny fala, fica parecendo “uu-do”.

E o meu pai morre de rir.

De manhã, quando ouço passos do outro lado da porta, me dá vontade de sorrir. Passos grandes e passos pequeninos. A mamãe e a Penny vêm chegando. E o Peludo também, claro. Às vezes, quando passo a noite inteira na mesma posição, meus braços e minhas pernas se enrijecem, e os meus dedos formigam. Aí, a porta do meu quarto se abre (o papai nunca dá um jeito de acabar com aquele rangido).

A mamãe passa o dedo na minha bochecha. Vai ver que é pra checar se eu ainda tô respirando. Tô sim. Abro os olhos. Eu queria poder dizer *Bom dia*, mas só dou um sorriso. Ela me levanta e me dá um abraço, mas raramente senta na

cadeira de balanço, como fazia antigamente. Vai logo me levando pro banheiro, porque eu sempre tenho muita vontade de ir quando acordo.

A Penny anda atrás da gente, usando um enorme chapéu vermelho e branco, igualzinho ao do Gatola da Cartola – essa menina é completamente obcecada por chapéus – e sempre segurando o Peludo. A Toffee nunca fica muito longe. Ela deixa a Penny colocar chapéus nela e às vezes aguenta os abraços da minha irmã: tem horas que eles estão mais pra estrangulamento. Eu já ganhei uns desses! Minha cachorra late pra avisar os meus pais quando a bebê chega muito perto das tomadas ou da porta da frente.

O banheiro de casa é pintado de azul-piscina. E grande o suficiente pra caber a Penny, a Toffee, eu e a mamãe – e a minha cadeira de rodas – sem virar um aperto. É bom mesmo, porque a gente fica um tempão lá dentro. Eu e a Penny fazemos muita bagunça. Já é ruim alguém ter que me levar ao banheiro, mas fraldas? Eca!

Os médicos disseram que seria impossível, mas quando fiz três anos, a mamãe me ensinou a usar a privada como qualquer outra criança da minha idade. Eu odiava ficar

sentada em fraldas sujas, e ela odiava ter que trocá-las. Aí eu dei um jeito de avisar quando preciso ir ao banheiro, e ela me leva.

Às vezes, a gente conversa sem precisar de palavras. Eu aponto pro teto e, de algum jeito, a mamãe consegue adivinhar se eu tô falando do ventilador, da Lua ou daquele ponto escuro onde tinha uma goteira e entrou água na última tempestade. Ela consegue perceber quando eu estou triste e sente quando eu preciso de um abraço. Faz massagem nas minhas costas e me ajuda a relaxar quando eu tô tensa e chateada. Tem dias que ela conta piadas sujas, quando o papai não tá ouvindo, e nós duas caímos na risada.

Teve uma manhã que ela estava me arrumando pra escola, e eu aponte para a barriga dela, depois cobri meus olhos, tipo dizendo que aquilo era difícil de olhar. Foi logo depois que a Penny nasceu, e a mamãe ainda tinha uma barriga considerável.

– Você tá me chamando de gorda? – perguntou ela, se fingindo de ofendida.

Eu dei risada e disse “ãh”, que é o mais perto que eu consigo chegar de um *sim*.

– Retira o que você disse! – falou a minha mãe, fazendo cócegas na sola dos meus pés.

Mas eu só estiquei os braços, tipo fazendo um grande círculo, e morri de rir. *Enorme! Gigante! Do tamanho de um elefante!* Dava pra perceber que ela sabia o que eu tava pensando.

Nós duas rolamos de rir e aí ela me deu um abraço bem apertado. Eu queria poder dizer que amo a minha mãe.

Ela sabe quando eu estou com fome ou com sede, e quando preciso tomar um copo de leite ou só quero água.

Sabe distinguir quando eu tô doente de verdade ou só fingindo. Porque tem dias que eu finjo mesmo que não me sinto bem só pra ficar em casa. Ela sabe medir a minha temperatura colocando a mão na minha testa. E usa o termômetro só para provar que estava certa.

Eu também sei adivinhar umas coisas que a minha mãe pensa. Depois de passar o dia inteiro no hospital, fazer o jantar, dar banho na Penny e em mim e me colocar na cama, dá pra perceber que ela chegou ao limite. A respiração dela fica pesada, e a testa, toda suada. Às vezes eu estico a mão para tocar a dela. Sinto que ela se acalma. Aí a mamãe passa

os dedos na minha bochecha, do mesmo jeito que faz de manhã, e me dá um beijo de boa noite.

Todo sábado de manhã, depois de dar comida para a gente, a mamãe lê o jornal enquanto toma café e a Penny fica amassando bananas na bandeja do cadeirão dela. A Toffee não come fruta, mas fica por perto, na esperança de que alguém deixe cair uma fatia de bacon. Minha mãe tem folga no fim de semana e aproveita para relaxar. De vez em quando, ela lê reportagens pra mim ou me conta do último furacão, conflito ou explosão que aconteceu no mundo.

– Mais guerra no Oriente Médio – diz.

Eu já vi na TV. Bombas, lágrimas e rostos tomados pelo medo.

– Vai sair um novo filme do Super-Homem, logo, logo – ela lê, endireitando o jornal. – Quem sabe a gente consegue ir à matinê?

Eu amo super-heróis. Acho que o Super-Homem é o meu preferido, porque ele consegue voar. Imagina que maravilhoso deve ser *isso...*

A mamãe também lê pra mim a página das tirinhas. Eu gosto do Garfield.

– O Garfield tá saindo da dieta de novo – diz ela. – Ele comeu a lasanha do Jon e as almôndegas do Odie.

Eu dou risada e aponto pros quadris dela.

– Você tá me chamando de gorda de novo, senhorita Dii-Dii? Só porque eu comi o resto do seu espaguete ontem à noite?

Eu dou um sorriso.

– Você vai se arrepender quando eu começar a dar alface pra todo mundo no almoço.

A gente ri juntas. A mamãe não tá nem perto de ser gorda, mas eu gosto de ficar zoando ela.

No meu aniversário de dez anos, ganhei um livro inteiro de tirinhas do Garfield. Isso sim é que é presente! Fiz o papai ler para mim um monte de vezes. O Garfield é um gato que tem muita coisa a dizer, mas todas as palavras dele vêm escritas em pequenos círculos em cima da cabeça. Ele não pode falar de verdade, claro: é um gato!

Mas tem horas que eu me sinto exatamente assim. Tipo, não seria legal se eu tivesse alguém que escrevesse as palavras em cima da minha cabeça pros outros saberem o que eu tô pensando? Eu me acostumaria fácil com isso:

grandes balões flutuando em cima de mim, falando por mim.

Não seria legal se alguém pudesse inventar uma máquina de falar com balões antes de o quinto ano começar, daqui a algumas semanas? Há!

Quando eu tento falar, fico com as palavras explodindo na minha cabeça, mas da minha boca só saem sons e gritinhos sem sentido. A Penny consegue dizer várias palavras e pedaços de palavras. Mas os meus lábios não fazem nem esses sons tão simples, então quase só falo vogais. Eu consigo dizer “u” e “a” bem direitinho e, se eu me concentrar, até consigo arrancar um “bu” ou um “ru”, mas só isso.

Meus pais normalmente conseguem adivinhar o que eu preciso só de ouvir com atenção. Pras pessoas de fora, eu devo parecer uma daquelas crianças que foram criadas por lobos. O meu painel de comunicação – apesar de todas aquelas coisas que a sra. V. colocou – é... bom, tipo uma droga.

Por exemplo: uma tarde, no começo deste verão, eu estava com vontade de comer hambúrguer e milk-shake. De baunilha. Eu amo *fast-food*. A mamãe não tava em casa, e

tentar fazer meu pai entender o que eu quero pode ser bem difícil. Apontei a foto dele, os verbos **ir** e **comer** e uma carinha feliz. Isso é tudo o que eu tenho para me expressar. Preciso reconhecer: ele bem que tentou. Me fez um milhão de perguntas, pra que eu pudesse apontar o **sim** ou o **não**.

– Você tá com fome?

– **Sim.**

– Ok. Vou te fazer um sanduíche de atum.

– **Não.**

– Achei que você tava com fome. Quer espaguete?

– **Não** – desta vez, apontei com mais jeitinho.

– O que você quer, então?

Sem resposta. Nada no meu painel podia descrever o que eu queria. Eu apontei **ir** de novo.

– Você quer que eu vá pra cozinha e faça alguma coisa pra você comer?

– **Não.**

– Você quer que eu vá ao mercado?

– **Não.**

Estava começando a ficar chateada e fiquei batendo no painel com o dedão direito.

– Não tô entendendo. Quer que eu vá buscar alguma coisa pra você comer?

– **Sim.**

Apontei mais uma vez a foto dele, depois **ir, comer** e a carinha feliz.

Dava pra sentir um ataque de tornado se aproximando.

Comecei a dar chutes, e os meus braços ficaram rígidos. Eu estava ficando louca porque não conseguia dizer que eu queria uma droga de um hambúrguer.

– Calma, querida – disse o papai, bem baixinho.

Minhas mandíbulas pareciam barras de aço. Eu sabia que tava respirando com dificuldade, e a minha língua não ficava parada na minha boca. Bati no painel de novo, sem mirar em nenhuma palavra.

– Argrrargh! – meu grito foi estridente.

– Desculpa, Melody, mas eu não tô conseguindo entender o que você quer dizer. Vou te fazer um macarrão com molho de queijo. Tá bom?

Eu dei um suspiro, desisti e apontei o **sim**. Me acalmei enquanto ele cozinhava. O macarrão tava bem bom.

Algumas semanas depois, eu estava andando de carro

com o meu pai e a gente passou por uma lanchonete.

Esperneeí, dei chutes e apontei como se estivesse vendo o Godzilla virar a esquina. O papai deve ter achado que eu tinha pirado. Mas, enfim, ele disse:

– Quer parar e pegar um hambúrguer e um milk-shake? Que tal um jantar especial hoje?

Eu gritei “Ãh!” o mais alto que pude e continuei chutando o ar de tanta felicidade quando ele parou no *drive-thru*. Meu pai nunca conectou essa parada na lanchonete com aquele meu pedido de algumas semanas antes. Mas tudo bem.

Apesar de eu ter demorado uma hora pra terminar de comer, aquele foi um dos melhores hambúrgueres da minha vida.

CAPÍTULO 11

Faz algumas semanas que o quinto ano começou, e umas coisas bem legais aconteceram. Bom, eu não ganhei um aparelhinho que faz balões em cima da minha cabeça iguais aos do Garfield, mas ganhei uma cadeira de rodas elétrica. E a escola começou a fazer um negócio chamado “aulas inclusivas”. Achei engraçado. Nunca fui incluída em nada. Mas essas aulas são, supostamente, uma oportunidade para crianças como eu interagirem com o que todo mundo chama

de alunos “normais”. O que é normal? Dãr!

Comparar a minha cadeira nova com a antiga é como comparar um carrão esportivo com um *sk ate*. As rodas são tipo pneus de carro e fazem a cadeira deslizar facilmente. Parece que eu tô andando em cima de travesseiros. Não posso ir muito rápido, mas consigo passear sozinha pelo corredor só controlando uma alavanca que fica no apoio de braço. E se eu mudar para o modo manual, ainda posso ser empurrada, se for necessário.

Quando o Freddy me viu nela pela primeira vez, gritou:

– U-hu! – parecia que eu tinha vencido um campeonato de Fórmula Indy. – A Melly vai fazer *zuum zuum* agora! Quer correr?

Aí ele ficou dando voltas com a cadeira dele ao meu redor, todo animado.

Tenho certeza que ele ganharia de mim, mesmo nas velocidades subatômicas que as nossas cadeiras alcançam.

A minha cadeira elétrica é bem mais pesada do que a manual, e o papai e a mamãe quase não conseguem levantá-la.

– Quando você decidir trocar por um foguete, vai ter que

contratar o Super-Homem para te colocar dentro do carro! – disse o papai, de brincadeira, na primeira vez que tentou levantar a cadeira. E ficou massageando as costas.

Eu só dei um sorriso. Mas sei que ele viu nos meus olhos que eu estava agradecida.

O papai acabou comprando um conjunto de rampas portáteis que dobram e cabem na nossa caminhonete. Assim dá pra pôr a minha cadeira no porta-malas sem acabar com as costas dele.

Pra mim, é uma questão de liberdade. Agora não preciso esperar alguém me empurrar pela sala. Eu simplesmente posso ir sozinha. Legal. Quando a escola decidiu começar a colocar a gente nas turmas normais, a cadeira elétrica foi muito útil.

Nossa professora do quinto ano da sala H-5 me lembra aquelas avós que a gente vê nas novelas. A sra. Shannon é rechonchuda e usa hidratante de lavanda todos os dias.

Acho que deve ser do interior, porque ela tem um sotaque bem arrastado e usa umas expressões engraçadas. E isso, por algum motivo, torna tudo o que ela diz mais interessante.

No primeiro dia, ela falou:

– Vou fazer das tripas coração pra vocês conseguirem ir para o sexto ano, ouviram? Vamos ler, aprender e crescer.

Acredito que todos vocês têm um potencial escondido aí dentro. A gente tem que pôr esse trem pra fora!

Gostei dela. A sra. Shannon trouxe pilhas de livros novos pra gente, mais um monte de jogos, músicas e vídeos. Ao contrário da sra. Billups, ela deve ter lido o histórico de todo mundo, porque ela tirou o pó dos fones de ouvido e até trouxe mais audiolivros pra mim.

– Estão prontos pra aula de Música? – perguntou ela uma manhã. – Vamos começar já esse trem de inclusão!

Eu me sacudi toda de tanta animação. Enquanto os cuidadores nos ajudavam a ir até a sala de Música, fiquei pensando se eu ia conseguir sentar ao lado de uma criança normal. E se eu fizesse alguma bobagem? E se o Willy começasse a cantar que nem um tirolês ou o Carl peidasse? Era bem provável que a Maria soltasse uma daquelas tiradas muito loucas. Será que esta ia ser a nossa única oportunidade? E se a gente estragasse tudo? Eu mal conseguia me controlar. A gente ia ficar numa sala de aula *normal*!

A nossa professora de Música, a sra. Lovelace, foi a primeira voluntária do programa de inclusão. A sala de aula dela era enorme: tinha quase o dobro do tamanho da nossa. Comecei a suar nas mãos.

A maioria dos alunos de lá também estavam no quinto ano. Acho que eles ficariam surpresos se eu dissesse que sabia o nome de todo mundo. Passei anos observando aquelas crianças no pátio, na hora do almoço e do intervalo. Os meus colegas sentavam embaixo de uma árvore pra tomar um ar enquanto eles jogavam bola ou brincavam de pega-pega. Por isso sei quem eles são e como funcionam. Mas duvido que alguém saiba o *nosso* nome.

Bom, quase que essa história de inclusão vira um desastre. O Willy, que devia estar com medo e chateado por que tava numa sala nova, começou a uivar a plenos pulmões. A Jill começou a chorar. Ela se agarrou no andador e se recusou a passar pela porta. Eu queria sumir.

Todos os alunos “normais” da aula de Música – acho que eram uns trinta – se viraram e ficaram olhando. Alguns riram. Outros viraram pro outro lado. Mas uma menina na fileira do fundo cruzou os braços e xingou os colegas que estavam

fazendo bagunça.

Duas meninas, a Molly e a Claire – todo mundo conhecia a dupla porque elas faziam maldade com todo mundo no pátio –, começaram a imitar o Willy. Deram um jeito de ficar fora do campo de visão da professora. Mas eu vi. E o Willy também.

– Ei, Claire – disse a Molly, contorcendo os braços em cima da cabeça e dobrando o corpo pra parecer que era torta –, olha pra mim! Eu sou retardada!

Depois riu tanto que grunhiu que nem um porco.

A Claire caiu na risada também e cuspiu uma baba.

– Dã, bã, bã, dã – disse ela, ficando vesga e fingindo cair da cadeira.

A sra. Lovelace finalmente viu o que elas tavam fazendo. E disse, em um tom severo:

– Claire! Levante-se, por favor.

– Eu não fiz nada – retrucou a garota.

– Levante-se também, Molly – completou a professora.

– A gente só tava rindo – disse a segunda, tentando se defender. Mas levantou e ficou do lado da Claire.

A sra. Lovelace pegou as cadeiras das duas e encostou na parede.

– Por que a senhora fez isso? – protestou a Claire.

– Vocês têm corpos perfeitos e pernas que funcionam.

Useм-nas – instruiu ela.

– A senhora não pode fazer a gente ficar de pé na frente da classe inteira – choramingou a Claire.

– A Secretaria de Educação exige que eu ensine Música pra vocês. Mas não há nada nos parâmetros curriculares que diga que os alunos têm que sentar enquanto eu faço isso.

Agora fiquem quietas aí, de pé, ou vou mandar vocês para a diretoria por terem desrespeitado nossos convidados.

As duas ficaram de pé. No meio da terceira fileira de cadeiras, onde todo mundo tava sentado confortavelmente, elas ficaram de pé.

Essa professora é demais!

Depois disso, as coisas fluíram melhor. Um cuidador levou a Jill, que continuou chorando, de volta pra nossa sala. O restante da nossa turma sentou em silêncio, no fundo da sala.

A sra. Lovelace começou a aula de novo.

– Acho que a gente precisa de um minuto para se acomodar, crianças.

Ela sentou no piano e começou aquela música do filme *Bonequinha de luxo*, “Moon River”. Depois passou pro tema de um desses filmes novos de vampiro. Ah, sim. Ela sabia do que a gente gostava. Quando comecei a ver as cores, tive certeza de que aquela professora era boa. Verde. De floresta, de limão, de esmeralda.

Olhei pra Glória. Ela não estava sentada, toda enrolada, como sempre fazia. Tinha estendido os braços, parecia que ela queria pegar a música e trazer pra perto dela. Estava com uma expressão quase radiante. E começou a se balançar no ritmo da música.

Aí a sra. Lovelace mudou completamente o ritmo e começou a tocar as notas do começo daquela música que sempre toca na abertura dos jogos de beisebol: “Take Me Out to the Ball Game”. O Willy ficou batendo palmas loucamente.

Por fim, mandou “Boogie Woogie Bugle Boy”. É uma canção que fez sucesso na Segunda Guerra Mundial, superanimada. Meu pai ia adorar. Os alunos ficaram requebrando na cadeira. A Maria levantou e começou a dançar! Ela batia palmas bem alto, meio fora do ritmo. Mas

aquele era o ritmo dela.

Quando terminou, a professora disse:

– A música é um trem muito poderoso, meus amiguinhos.

Pode nos conectar com nossas lembranças. Pode influenciar nosso humor e a nossa reação aos problemas que aparecerem pela frente.

Aí ela pousou os olhos na Claire e na Molly, que ainda tavam de pé onde antes ficavam as cadeiras delas.

Eu queria contar pra sra. Lovelace que eu também gostava de música. Queria saber se ela conhecia “Elvira”, aquela canção que eu adoro, ou se ia ensinar a gente a fazer nossa própria música. Tentei levantar a mão, mas ela não me viu.

Deve ter achado que era um daqueles movimentos aleatórios que as crianças como eu fazem. Mas tive a impressão de que aquela professora teria paciência pra me entender.

Ela continuou falando:

– Antes de eu voltar pra matéria, vamos transformar esta aula numa verdadeira experiência de inclusão. Acho que nossos amigos da classe H-5 gostariam de sentar no meio da gente em vez de ficar lá no fundo.

O Freddy ouviu isso e foi com tudo. Mexeu a chave na

cadeira, voou até a frente daquela sala enorme e gritou:

– Eu sou o Freddy. Gosto de música. Sou rápido!

A classe riu. Eu sei diferenciar quando estão zoando a gente e quando estão sendo legais. O Freddy também sabe, e riu junto com eles. A sra. Lovelace ficou com cara de surpresa por um instante, mas chegou perto do Freddy, apertou a mão dele e deu as boas-vindas. Ela sentou o menino bem na frente, ao lado de um garoto chamado Rodney, que fez um “toca aqui” com meu colega. Os dois trocaram sorrisos. Ok, tenho que admitir: fiquei com inveja. A professora pediu pra um cuidador trazer a Glória mais pra frente, perto do piano. Uma menina chamada Elizabeth olhou pra Glória, toda nervosa, mas não se afastou quando ela sentou ao seu lado.

A melhor amiga da Elizabeth é a Jéssica. No intervalo, elas sentam juntas perto da cerca e comem barrinhas de cereais. Sempre quis saber que tanto elas cochicham. Também notei que a Jéssica tenta superar a Elizabeth em tudo. Tipo, se a Elizabeth aposta corrida com ela até a cerca e ganha, a Jéssica fica insistindo pra correr de novo só pra poder ganhar também. Se a Elizabeth ganha uma mochila nova, no

dia seguinte a Jéssica também aparece com uma.

Então, quando a Elizabeth começou a conversar com a Glória, que tava com uma cara apavorada, a Jéssica levantou a mão e perguntou se algum aluno da H-5 poderia sentar ao lado dela.

A Maria pode ter seus problemas pra entender certas coisas, mas ela é simpática e faz amigos facilmente. De verdade.

– Eu quero sentar ao lado da menina de camiseta azul. Eu quero sentar ao lado da menina de camiseta azul! – exigiu ela.

Aí a Maria foi pisando duro até o lugar da Jéssica e sentou ao lado dela. Em seguida, ficou de pé num pulo e abraçou a menina, depois deu um abraço no pessoal que estava sentado perto da Jéssica. Um garoto ficou todo duro quando a Maria encostou nele, mas fiquei surpresa de ver que a maioria daquelas crianças aceitou o abraço da minha colega. A Molly e a Claire, que estavam de pé, não tiveram escolha.

– Ui, eca! – sussurrou a Claire.

– Blergh! – respondeu a Molly, também sussurrando.

A sra. Lovelace levantou a sobrancelha, depois limpou a

garganta.

– Parece que vocês duas gostam de ficar de pé. Vão continuar assim o resto da semana.

– Ah, cara. Que droga! – ouvi a Claire dizer.

Pelo menos a Molly foi esperta e não disse nada.

A Maria nem percebeu. Ela até deu um beijo na bochecha da Claire. Isso foi engraçado.

O Willy acabou sentando ao lado de um menino grandão e simpático, o Connor.

A Ashley e o Carl faltaram aquele dia, e eu fiquei sentada no fundão, sozinha. A sala ficou bem silenciosa. De repente, me deu um frio, parecia que o ar condicionado estava ligado no máximo. Fiquei toda arrepiada.

A professora passou os olhos pela sala, com um ar de expectativa. Acho que ela esperava que alguém se oferecesse pra sentar comigo. Eu daria qualquer coisa pra voltar pra nossa sala de passarinhos azuis em vez de ficar ali, com trinta crianças me encarando.

Por fim, uma garota levantou e se aproximou da minha cadeira. Ela se abaixou e olhou bem nos meus olhos. Aí deu um sorriso. Era a menina de cabelo comprido que tinha

xingado os amigos que riram da gente.

– Eu sou a Rose – disse ela, com uma voz suave.

Eu sorri pra ela e fiz de tudo para não chutar nem grunhir nem fazer nenhum barulho que pudesse assustá-la. Segurei a respiração e pensei em coisas calmas e silenciosas, tipo as ondas do mar. Funcionou. Inspirei profundamente bem devagar e apontei o **Obrigada** do meu painel. Acho que a Rose entendeu.

Mostrei que consigo movimentar minha cadeira sozinha e fui até o lugar dela. Sentamos juntas o resto da aula. E eu não fiz nem uma coisinha vergonhosa! A aula acabou rápido demais.

Mas, desde aquele dia, toda quarta-feira a nossa turminha de desajustados pode participar da aula de Música da sra. Lovelace. É demais!

No fim, a Jill, a Ashley e o Carl também acabaram participando da aula. Cada um tem um “amigo” designado, pra sentar ao lado e interagir.

No minuto que a conheceram, todas as meninas foram logo querendo ser a “amiga” da Ashley. Pra elas, deve ser tipo brincar com uma boneca bonita, mas acho que a Ashley

gosta de receber essa atenção.

A professora acabou deixando a Claire e a Molly se sentarem de novo, mas elas ainda não escolheram nenhum “amigo”. Por mim, tudo bem.

A Elizabeth e a Jéssica ficaram com a Glória e com a Maria. A Jill senta, bem contente, do lado de uma menina chamada Aster Cheng. O Rodney até vem falar com o Freddy na hora do intervalo e às vezes empurra a cadeira de rodas dele bem rápido. O Freddy adora.

E eu posso sentar com a Rose todas as quartas-feiras, sem exceção. Às terças, mal consigo dormir de tão animada que eu fico. Faço a mamãe pegar minhas roupas mais legais para eu vestir na quarta-feira – roupas descoladas, iguais às das outras crianças. Fico me esganiçando até ela entender a combinação certa. Faço questão de escovar os dentes, pra não ficar com bafo.

Penso na Rose o tempo todo. Tenho medo de ela mudar de ideia e não gostar mais de mim. Mas ela fala comigo como se eu fosse capaz de entender e também tenta entender o que eu digo. Um dia, apontei **novo, sapato e legal** no meu painel de comunicação, aí apontei para os pés dela, pra ela saber

que eu reparei nos tênis novos e que eu gostava deles. No começo, a Rose se surpreendeu com isso. Especialmente por que às vezes demora muito pra eu organizar meus pensamentos usando o painel. Teve uma vez que eu apontei **música, ruim e chatice** e comecei a rir. A Rose não entendeu. Aí apontei pra sra. Lovelace, que tava tocando um CD de jazz. Sou como a minha mãe: não curto muito jazz. Fico confusa, porque não tem exatamente uma melodia.

Ela finalmente me entendeu e disse:

– Ah! Você não gosta de jazz? Eu também não!

A gente riu tanto que a professora teve que pôr o dedo nos lábios, fazendo sinal pra gente ficar quieta. Nunca na minha vida um professor me mandou ficar quieta porque eu tava conversando com alguém durante a aula! Foi a melhor sensação do mundo! Fiquei me sentindo igual às outras crianças.

Tem horas que a Rose me conta uns segredos. Sei que ela rói as unhas e odeia leite. Que vai para a igreja todos os domingos, mas dorme até terminar o culto. Eu também. Ela tem uma irmã mais nova, eu também. E até gosta de ouvir country. Às vezes a Rose me conta dos passeios no

shopping que faz com as amigas.

Eu adoraria poder fazer isso.

CAPÍTULO 12

Lá pelo fim de outubro, o programa de inclusão já tinha se expandido. A Maria e a Jill estavam fazendo aulas de Arte e de ginástica, e o Freddy e o Willy, de Ciências. E eu? Bom, pela primeira vez na vida, eu podia ficar mudando de sala pra ter aulas de outras matérias!

Agora, quando o sinal toca, em vez de ficar imaginando o que deve estar acontecendo pelos corredores, eu posso ver com os meus próprios olhos. É demais. Vou tirando as pessoas da minha frente com a cadeira elétrica como se ela fosse um cortador de grama.

Tem horas que os outros abanam ou dizem “Beleza?”. De vez em quando, alguém vai caminhando comigo até a próxima sala. Legal.

Mas “inclusão” não significa que eu seja incluída em tudo. Normalmente, eu sento no fundo da sala, pirando porque eu sei as respostas das perguntas que os professores fazem e não posso dizer pra ninguém.

– Qual é a definição da palavra “dignidade”? – perguntou

um outro dia.

É claro que eu sabia e levantei a mão, mas a professora não percebeu o meu movimento sutil. E, mesmo que ela tivesse me chamado, o que aconteceria? Eu não consigo sair falando as respostas. É muito frustrante.

No começo do mês, teve uma série de reuniões com os pais. Os meus vieram conhecer a sra. Shannon e os outros professores. Em vez de me deixar sozinha em algum canto, ela me puxou pra dentro do círculo dos professores envolvidos no programa de inclusão. A sra. Shannon é tão incrível!

Ela deu uma batidinha no braço da minha cadeira e sorriu.

– Essa menina é muito inteligente! Vai ser a estrela do nosso programa.

Eu fiz os meus barulhos e dei os meus chutes de sempre.

Eu teria dado um beijo nela, se eu pudesse. Mas acho que seria um beijo bem melado.

– Bom, já era hora de mais alguém reconhecer o que a gente sempre soube – disse o meu pai. – Agradecemos muito a oportunidade que estão dando pra Melody mostrar o que é capaz de fazer.

A minha mãe ficou especialmente feliz quando descobriu que tinham designado um “assistente de mobilidade” pra mim. Eu ia ter meu próprio cuidador!

– Até que enfim – falou a mamãe, aliviada. – Faz anos que a gente pede isso.

– É que tem toda aquela papelada do orçamento. O sistema só funciona no grito, não com bom senso. Sinto muito – respondeu a sra. Shannon, sacudindo a cabeça. – Estou tentando conseguir os serviços que os alunos da turma H-5 precisam. Mas coloquei o cuidador da Melody bem no topo da minha lista, então vamos ver no que dá. Acho que este ano letivo vai ser maravilhoso!

– **Tão legal** – bati no meu painel.

Um cuidador! Uau. Essa pessoa ia me levar pras aulas, sentar comigo e me ajudar a participar. Como será que ela é?

Ou será que é ele? Jovem e bonitinho ou velho e rabugento?

No dia seguinte, minha cuidadora já estava na escola.

Chegou antes de mim e, quando a gente entrou, estava conversando com a sra. Shannon na sala H-5. Ela veio direto na minha direção e segurou minha mão.

– Oi, Melody. Prazer em conhecê-la. Eu sou a Catherine.

Estou na faculdade e vou te dar aquele empurrãozinho sempre que você precisar.

A moça falou comigo como se eu fosse uma aluna igual às outras, não uma criança que usa cadeira de rodas. Tentei não dar chutes, mas foi difícil controlar minha animação.

– Que camiseta fofa – disse ela, quando viu que a minha blusa cor de lavanda tinha um Piu-Piu.

Eu apontei o **obrigada** no meu painel.

– Qual é a sua cor preferida? – perguntou.

Eu apontei **roxo**, mas arrastei o dedo rapidinho pra **verde** e dei um sorriso.

– Você é rápida, Melody. Nós duas gostamos de cores esquisitas. Acho que a gente vai se dar muito bem.

A Catherine tava de tênis roxo, meia-calça verde, saia de veludo roxa e com o suéter verde mais feio que eu já vi.

Eu tinha vontade de zoar a roupa dela, mas não queria que ela me achasse má. Afinal de contas, eu tinha acabado de conhecê-la. Procurei por todo meu painel um jeito de tirar sarro das roupas dela de brincadeira, mas não consegui achar um jeito de fazer isso. Aí desisti. É *tão* difícil falar.

Agora é a Catherine que me ajuda na hora do almoço pra

eu não fazer bagunça. E é ela que lê as respostas que eu mostro no painel. E acrescentou mais umas palavras e expressões. Ajudou a sra. Shannon a organizar os livros que eu preciso ler. E até cuida pros fones de ouvido não caírem da minha cabeça.

A srta. Gordon, que é professora de Artes da Linguagem do quinto ano “normal”, não é muito mais velha que a Catherine. Ela quase explode de tanta energia e faz os livros parecerem uma partida de RPG. Pula na mesa. Canta. Deixa a turma encenar pedaços das histórias e até transforma os livros em jogos de verdade.

– Bingo de vocabulário! – anunciou uma manhã dessas –
A equipe vencedora vai ganhar *donuts*!

Durante o jogo, meus colegas quebraram a cabeça pra acertar as definições certas, gritaram as respostas e ficaram se lamentando quando faziam besteira. Só levou meia hora pra todos os alunos da classe aprenderem vinte palavras novas. A srta. Gordon também deu *donuts* para a equipe perdedora, mas os vencedores levaram os que tinham chocolate granulado em cima.

Eu sabia todas as definições, mas as outras crianças eram

rápidas demais pra mim. E, de qualquer modo, eu teria me sujado toda de chocolate.

Esta semana, num dia extraordinariamente quente, a srta. Gordon trouxe ventiladores e garrafas de água com *spray* e deixou a gente chupar picolé na sala. De laranja, claro, por causa do Halloween. E ela ficou lendo poemas sobre abóboras e fantasmas. A Catherine segurou o meu picolé com uma toalha de papel embaixo do meu queixo. A gente não deixou cair nem uma gotinha!

A srta. Gordon também faz outras coisas legais. Tipo quando decidiu que a turma ia ler a história da Anne Frank. Ela fez os alunos se espremerem em grupos num espacinho que ela tinha preparado embaixo de uma mesa, pra eles conseguirem entender como a Anne Frank se sentia. Eu não consegui ir pra baixo da mesa, mas tive uma vaga ideia de como seria.

E ela também passou outros livros sensacionais este semestre. Eu estou lendo – quer dizer, escutando – *Shiloh*, de Phyllis Reynolds Naylor, e *O doador*, de Lois Lowry. O primeiro fala de um menino que tenta salvar uma *beagle* – a Shiloh – do dono malvado dela. O outro é de ficção científica

e conta a história de um garoto de doze anos que vive numa sociedade maluca e descobre o poder do conhecimento. E também tem um chamado *Vivendo na eternidade*, de Natalie Babbitt, sobre um menino que não cresce nunca. Ser criança pra sempre não é tão legal quanto as pessoas pensam.

Graças à sra. V., eu até poderia ler os livros de verdade.

Mas a letra é tão pequena, e é difícil os meus olhos ficarem parados na linha certa. E ninguém ainda inventou um jeito de me fazer segurar um livro sem deixar cair no chão um milhão de vezes. Aí eu acabo escolhendo o audiolivro em vez da versão impressa.

Eu até faço provas agora! A Catherine lê as questões para mim, e eu aponto as respostas numas folhas que ela coloca em cima da minha bandeja. Eu vou bem em todas as provas, sem exceção, e ela não me ajuda nem um pouquinho. Eu provavelmente tiraria nota dez em tudo, só que algumas das questões precisam de respostas longas, e eu simplesmente não consigo fazer isso com as palavras que estão no meu painel de comunicação.

Um dia, a gente tava fazendo um teste de Ortografia e, enquanto a srta. Gordon lia as palavras em voz alta, eu

apontava pras letras no meu painel. A Catherine anotava o que eu apontava, pra eu conseguir acompanhar a prova. A Claire e a Molly que, ao que parece, sempre tão de olho em mim, começaram a reclamar.

– Não é justo! – gritou a Claire, sacudindo a mão para chamar a atenção da professora.

– A Catherine passa cola pra ela! – completou a Molly. Qual é o *problema* dessas duas? Parece que elas têm, tipo, inveja de mim. E isso é muita loucura.

Na mesma hora, eu me dei conta de que elas realmente acham que as coisas são mais fáceis pra mim. Essa é boa.

Na segunda-feira passada, a srta. Gordon disse para a classe:

– Como alguns de vocês já devem saber, considerando que eu faço isso todos os anos, o tema do nosso trabalho final é “biografias”. Vocês vão ler biografias de pessoas famosas, escrever sobre um famoso à sua escolha e também escrever uma autobiografia.

– Bom, vai ser meio curta. O que dá pra fazer em onze anos? – gritou o Connor, aquele garoto grandão. Todo mundo deu risada.

– No seu caso, Connor – respondeu a srta. Gordon –,
aposto que você vai pensar em uma porção de coisas que
não têm nada a ver.

– Posso escrever sobre o cara que inventou o
hambúrguer? – perguntou ele, fazendo a classe rir ainda
mais.

– Duvido que alguém saiba quem fez o primeiro
hambúrguer, mas você pode escrever sobre a pessoa que
fundou o McDonald's. Ele ficou rico à base de hambúrguer e
batata frita.

– Demais. Esse é o cara.

Aí a Rose levantou a mão. Ela tá em todas as minhas aulas
de inclusão. Adoro.

– Srta. Gordon, quando devemos entregar tudo isso?

A Rose é o tipo de aluno que anota tudo na agenda – a
dela é vermelho vivo, de espiral – e nunca atrasa uma lição
de casa.

– Calma, Rose. Temos até o final de maio, e vou
acompanhar cada parte do trabalho. Um passo de cada vez.
Amanhã vamos conversar sobre como escrever contando
suas lembranças.

A Rose se deu por satisfeita, mas eu reparei que ela rabiscou quase uma página inteira no caderno. Eu daria qualquer coisa pra poder fazer isso. Mas já acho sensacional poder fazer os trabalhos que os professores passam nas aulas regulares.

A aula de História é ainda melhor do que a de Artes da Linguagem, apesar de o professor – o sr. Dimming – não ter o brilho da srta. Gordon. Careca e gordinho, ele dá aula na escola há mais de vinte anos, e o pessoal diz que ele nunca faltou. Nem uma vez. É óbvio que ele ama o que faz. O carro do sr. Dimming sempre está no estacionamento quando nosso ônibus chega e continua lá quando a gente vai embora. Ele se veste como um daqueles pastores da TV: usa terno e colete quase todos os dias. Nunca o vi sem uma camisa branca impecável e uma gravata colorida. Acho que é a mulher dele que escolhe as gravatas, porque ele aparece com umas bem elegantes.

O sr. D. adora História. Consegue citar fatos, datas, guerras e generais como se estivesse num *game show*. Aposto que, se resolvesse participar de algum, ganharia com certeza.

Acho que os outros alunos não gostam muito do sr.

Dimming. Eles o chamam de “Dimming, o Devagar” pelas costas. É muita maldade porque ele é bem inteligente. Tão inteligente que é o capitão da equipe de *quiz* da nossa escola.

Quando o sr. Dimming chegou na lição sobre os presidentes americanos, eu pirei! Ele deu pros alunos uma lista com os nomes de todos os presidentes e vice-presidentes e disse que faria uma prova dali a uma semana.

A Catherine leu os nomes para mim um monte de vezes.

– Eu nunca ouvi falar de vários desses homens –

confessou ela, depois de ler a lista pra mim pela primeira vez.

– Hannibal Hamlin foi o primeiro vice de Abraham Lincoln.

Quem diria?

Eu decorei tudo.

Quando o professor passou a prova, só precisei apontar as respostas certas. Ele verificou se a Catherine não estava me ajudando a responder. Eu até terminei antes de todo mundo.

Enquanto devolvia as provas, o sr. D. deixou a turma livre por alguns minutos, pra apontar os lápis, esticar as pernas

ou conversar. Fiquei surpresa quando a Rose veio andando na minha direção.

– Como é que você foi na prova, Melody? Eu só tirei 7,5.

Ela tava com uma cara de decepção.

Eu tirei 8,5, mas fiquei tão animada por ela ter vindo falar comigo que me confundi toda. Apontei o **cinco** e depois o **oito**.

A Rose pôs a mão no meu braço, com os olhos cheios de compaixão.

– Não se preocupa. Na próxima você vai melhor.

E ela fez isso bem na frente da Molly e da Claire. E eu não ia contar pra ela que nota eu tinha tirado de jeito nenhum.

Tentei pensar em alguma coisa pra dizer, pra ela ficar mais um pouco. Só consegui apontar **bonito** e **blusa** naquela droga de painel. É claro que eu poderia ter dito algo como *Que roupa estilosa* . Mas, por algum motivo, a sra. V. tinha deixado essa passar batido.

Mesmo assim, a Rose me deu um sorriso e disse:

– Você também tá bonita hoje!

Eu não estava, não. Tava usando um moletom azul desbotado com a calça combinando. É difícil a mamãe

comprar outro tipo de roupa pra mim. Mas eu *odeio* conjuntinhos de moletom. Se eu pudesse escolher, usaria jeans com detalhes de cristais, uma blusa com botões decorados e um colete!

Mas não tinha jeito de eu dizer isso pra Rose, então só aponteí o **Obrigada**. Incrível: ela pôs a mão no meu braço de novo e aí voltou para o lugar e pras amigas dela.

Bem nessa hora, o sinal tocou, e a aula chegou ao fim. E eu tinha que voltar pra sala H-5. Acabou a inclusão, acabou a Rose. E ainda faltavam mais quatro horas pro dia terminar. Até a Catherine foi embora. Ela tinha aulas na faculdade à tarde e corria para não se atrasar.

A sra. Shannon ficou doente aquele dia, e tive que ficar sentada em silêncio com a Ashley, a Maria e o Carl e o Willy assistindo *O rei leão*. De novo. Já vi esse filme um milhão de vezes. Sei todas as falas de cor. Depois, a professora substituta nos deu uma aula de Matemática. Adição. De novo. Quando é que eu vou chegar na divisão?

Fiquei imaginando o que a Rose tava fazendo. Aquela foi uma tarde bem longa.

CAPÍTULO 13

– Penny! Nããããão! – gritou a sra. V.

Arrastando o Peludo, minha irmã tinha fugido pela porta da frente da casa da vizinha e já estava no meio da rampa, de boné de beisebol verde, gritando “Tchau”. A Toffee, que tava no nosso quintal, teria tido um troço canino se visse a Penny tentando dar no pé.

Era um daqueles dias do começo de novembro que os artistas amam. Folhas vermelho-acobreadas. Uma luz do sol forte e dourada. Finzinho de verão. A Penny não tem culpa de querer escapar.

A sra. V. agarra minha irmã pela cintura e a traz de volta pra dentro.

– Vou trabalho – diz a Penny, amuada.

– Hoje não, docinho de coco – responde a sra. V., com firmeza, trancando a porta da frente.

Minha irmã adora usar chapéu e brincar de fantasias. A mamãe quase nunca compra chapéus caros pra ela, daqueles que as senhoras daqui usam pra ir à igreja no domingo. Mas pra Penny... ela traz uns chapéus malucos de palha cheios de laços e fitas.

Quando a gente tá em casa, a minha irmã fica um tempão

na frente do espelho da entrada, usando uns colares de plástico da mamãe que quase batem nos pés dela, uma bolsa em cada braço e um chapéu meio caído de lado na cabeça.

– Tenho que ir trabalho – diz ela, com uma mão no quadril.

– Quem foi que ela viu indo pro trabalho vestida desse jeito? – pergunta a mamãe, e todo mundo cai na risada.

– E olha que ela só tem dois anos! Não vou conseguir sustentá-la quando ela tiver idade pra fazer compras sozinha

– é o que o papai sempre fala.

Ele tira foto com o celular de cada pose fofa que a minha irmã faz.

Quando a sra. Valência solta a Penny, ela faz beicinho, joga o Peludo no chão e cruza os braços em cima do peito.

Eu dou risada. Queria ter coordenação motora pra ser marrenta.

– Vem cá, Penny. Por que você não senta e faz um desenho pra mim? – sugere a sra. V., jogando uma caixa de giz de cera pra ela.

Esquecendo a marra, a Penny agarra uns gizes e começa a rabiscar por todo o livro de colorir – e pela mesa da nossa vizinha V. também.

Eu queria poder usar giz de cera. Eu desenharia uma rosa, com um botão vermelho aveludado, um caule verde e folhas verdes meio amareladas saindo dele. Enxergo isso tão claramente dentro da minha cabeça... Mas é óbvio que, quando tento segurar um giz de cera ou um lápis de cor com os meus dedos rígidos, só consigo fazer umas linhas tremidas. Nada que se pareça com uma rosa, nem de longe. Que droga!

Eu queria fazer esse desenho pra Rose. Os cadernos e a mochila dela são decorados com rosas. Não sei onde a mãe dela consegue encontrar coisas tão legais. O nome da Rose cai muito bem nela: ela é bonita, delicada, alguém que é legal ter por perto. Se tem espinhos como as rosas de verdade, eu nunca notei.

Enquanto a Penny se distrai com os gizes de cera, a sra. V. abre a correspondência. Depois de conferir o conteúdo de vários envelopes, ela dá um suspiro de surpresa.

– Adivinha, garotas! Eu ganhei um concurso!

Olho para ela, interessada. A Penny continua a rabiscar, ignorando nós duas.

– Eu entrei num concurso de artigos de uma livraria no

shopping – explica ela. – Era para escrever sobre por que os peixes são importantes para o ecossistema do mundo.

Eu aponto **comida** no meu painel e dou um sorrisinho.

– Não, boba! – ela estende o braço e me faz cócegas. –

Escrevi sobre os oceanos e o equilíbrio da natureza. Pra falar a verdade, nem lembro mais o que eu escrevi. Mas ganhei o primeiro prêmio: um passeio pra seis pessoas naquele aquário novo lá do centro. Com todas as despesas pagas.

Sensacional!

Eu vi os comerciais desse aquário na TV. Dizem que tem tubarões, tartarugas, pinguins e mais um milhão de animais marinhos.

– **Ir?** – perguntei, apontando no meu painel.

– Bom, eu não sei quem é que eu posso levar – diz ela, coçando a cabeça e dando um sorriso malicioso.

Eu chuto o ar até soltar as tiras que prendem meus pés.

Eu! Eu! Quero gritar. Mas em vez disso, eu aponto pra mim mesma.

– Hmmmm, quem será que eu poderia levar? – provoca a sra. V., olhando em volta da cozinha. Dá pra perceber que ela está fazendo de tudo para não rir.

Eu! Eu! Dou socos no ar.

– É claro que eu te levo, Mello Yello – diz ela, sorrindo. –

Imagina só quantas palavras novas a gente vai aprender.

Vou anotar o nome de cada peixe pra você memorizar!

Eu dou um tapa na minha cabeça, me fingindo de chateada.

– Então, se eu levar você e a Penny, mais a sua mãe e o seu pai, são cinco comigo. Quem mais poderia ir com a gente? – ela fica pensativa, com a cara toda enrugada.

Eu já sei. A Rose podia ir com a gente! Aponto as letras do nome dela. **R-O-S-E**. De novo. **R-O-S-E**. Aí bato no **Por favor**.

– Hmmm, a Rose, sua amiga da escola?

Fico tão animada que me sacudo toda e não paro de dar chutes.

– Acho que é uma ótima ideia, Melody. Vou perguntar pros seus pais e pros pais dela e, se sua colega quiser ir, vamos passar um dia maravilhoso no aquário.

Eu não consigo parar de chutar o ar!

Demora muito até o papai e a mamãe conseguirem folga juntos num sábado. Mas acaba dando certo pra todo mundo

no último fim de semana de novembro, no feriado de Ação de Graças. Nem consegui dormir na noite anterior. Os pais da Rose parecem ser bem legais, pelo que eu pude ouvir da conversa deles com a mamãe. Nem acreditei que a Rose queria ir com a gente! Comigo, a menina da cadeira de rodas! Na escola, eu e a Rose ficamos cochichando sobre o passeio, igualzinho às outras crianças. Já vi elas fazendo isso quando querem contar um segredo. Fiquei me sentindo uma menina de verdade.

O sábado finalmente chega e, de manhã cedinho, a gente se espreme dentro da nossa caminhonete. Apesar de ter esfriado bastante, faço questão que a mamãe coloque uma roupa bem legal em mim: jeans bonitos e nada de moletom. A Rose não diz nada da minha roupa, mas passa o tempo todo elogiando a Penny.

– A sua irmã é uma fofa, Melody!

Eu dou um sorriso e faço que “sim” com a cabeça.

A Penny estende as mãozinhas gorduchas e bate palmas.

– Ôo-si – diz ela.

– Acho que ela falou meu nome! A sua irmã não é só bonitinha, ela é um gênio!

No carro, a Rose fica conversando com os meus pais e com a sra. V. como se conhecesse todo mundo há anos. Eu só fico observando tudo em silêncio, pensando que hoje é o melhor dia da minha vida.

Quando a gente chega no aquário, o papai prepara a minha cadeira e me acomoda nela enquanto a minha mãe põe a Penny no carrinho. A Rose empurra a Penny, e a mamãe me empurra, para a gente poder ficar lado a lado.

O lugar tá lotado – acho que é por causa do feriado.

Ninguém presta atenção em mim, e isso é perfeito. Quase consigo esquecer quem eu sou.

Lá dentro tem aquários que vão do teto até o chão. Penso no Ollie. De repente, ele poderia ter sido feliz aqui. Um dos tanques tem tubarões que nadam sobre as nossas cabeças.

Parece que a gente tá no fundo do mar olhando pra eles. Tá.

Talvez o Ollie não fosse ficar tão feliz *neste* tanque.

Eu nunca tinha visto tantos peixes. Dizem que o aquário tem peixes do mundo todo. Peixes com espinhos e manchas. Peixes com combinações de cores tão bonitas que parecem pintados.

A Penny bate no vidro toda vez que um peixe chega perto.

– Peixinho! Mais peixinho! – diz ela.

Como prometido, a sra. V. escreve o nome de todas as espécies e tira foto, pra eu poder lembrar de tudo quando a gente voltar pra casa. O papai e a mamãe ficam cochichando, que nem adolescentes. Eu nunca vi os dois tão relaxados.

A gente para na frente de cada tanque. Eu amo as águas-vivas (que me lembram fios de tecido brilhoso), e os peixes-leão (que parecem mesmo leões nadadores). No tanque dos cavalos-marinhos, a Rose comenta que parece que a cabeça deles tá apontando pra trás! Acho que ela tá se divertindo muito.

Só que aí, a gente se vira e vejo as duas pessoas que eu menos gostaria de encontrar: a Molly e a Claire. Elas vieram com o grupo das escoteiras. Ficam fingindo que se encontraram por acaso, sem prestar muita atenção na líder delas, que tá explicando o percentual de sal da água do mar. As duas, vestidas exatamente do mesmo jeito – camisetas de manga comprida e uniforme das escoteiras – olham pra Rose com cara de surpresa.

– Oi, Rose! Você veio com a sua mãe? – pergunta a Claire.

– Ahn, não – responde a Rose, evasiva, se afastando da

gente e se aproximando dela.

– Com o seu pai? – indaga a Molly, fazendo uma careta pra mim, como se quisesse dizer que eu tava cheirando mal. E agindo como se meus pais fossem invisíveis.

– Vim com a Melody e a família dela – balbucia a Rose.

– Por vontade própria? – diz a Claire, com um gritinho. Ela e a Molly dão risada bem alto.

– Não é tão ruim assim – responde a Rose, bem baixinho.

Mas eu ouvi.

A mamãe começa a dizer algo pras meninas, mas o papai segura o braço dela e diz:

– Elas são crianças. Deixe se entenderem.

O olhar da minha mãe é tão fulminante que parece que ela tá lançando facas bem pontudas e afiadas com os olhos. Ela sempre faz isso quando as pessoas falam coisas idiotas ao meu respeito. Mas fica quieta. Os punhos dela estão cerrados.

Só que a sra. V. não vai deixar ninguém impedi-la de falar.

Com quase 1,80 metro, parece um gigante perto da Molly e da Claire.

– Ei, você! Menina do aparelho nos dentes!

A Claire olha para cima, atordoadada.

– Sim, senhora? – diz ela, sabiamente.

– Por que você acha que os seus pais gastam tanto dinheiro pra você pôr aparelho?

– Hein?

A Claire parecia confusa. A Molly tinha desaparecido discretamente no meio da turma de escoteiras.

– Os seus dentes eram imperfeitos, por isso seus pais mandaram você usar aparelho. Um dia você vai agradecê-los, quando um garoto te convidar pro baile de formatura – rugiu a sra. V.

O grupo inteiro de escoteiras, mais alguns visitantes do aquário pararam pra ouvir o que ela tava dizendo.

– E o que os meus dentes têm a ver com isso? – perguntou a Claire, olhando em volta, toda nervosa.

– Tem gente que põe aparelho nos dentes. Tem gente que usa aparelhos nas pernas. Pra algumas pessoas, não tem aparelho que resolva, então elas precisam usar cadeira de rodas, andador e outras coisas desse tipo. Você tem sorte de ter nascido só com os dentes ruins. Não se esqueça disso.

– Sim, senhora – repete a Claire. E aí corre pra junto das

amigas.

A Rose volta pra perto da gente, meio envergonhada, acho eu.

– A Claire é meio sem noção.

Você acha mesmo?

Depois de mais alguns tanques, a Penny se cansa e começa a choramingar. A gente tem que ir embora antes de ver os pinguins. Deixamos a Rose em casa, e ela agradece, toda educada, e diz que se divertiu muito.

Será?

CAPÍTULO 14

Na segunda-feira depois do feriado de Ação de Graças, a Catherine e eu chegamos na sala de aula de Artes da Linguagem da srta. Gordon alguns minutos antes de o sinal tocar. Parece que eu nunca vou descobrir o que a Rose realmente achou do passeio no aquário, porque é óbvio que ela tem coisas mais legais pra fazer.

Tá todo mundo em volta da carteira dela.

– Demais!

– Amei as cores. Não sabia que tinha verde-limão.

– Cara! Aí sim, hein?

- Quantas músicas você já baixou?
- Qual é o seu e-mail novo?
- E *chat*?
- Dá pra ver vídeos? Que demais!
- Eu queria que a minha mãe comprasse um *notebook* desses pra mim.

Chego um pouco mais perto. A Rose tá mostrando o computador novo para os outros.

- Eu posso entrar na internet, pesquisar coisas pra escola e digitar todas as minhas lições de casa. Já gravei fotos do meu cachorro e tô nas redes sociais!

Fico só sacudindo a cabeça enquanto a Catherine me leva de volta para o meu lugar de sempre, no fundão. Um *notebook*. E eu ainda aponto as palavras e as expressões que a sra. V. e a minha mãe colaram com fita adesiva numa bandeja que fica amarrada na minha cadeira de rodas. A Rose tem a internet – acho que isso quer dizer o universo inteiro – na ponta dos dedos.

Fecho os olhos, tentando não chorar, sonhando com o computador perfeito, sob medida pra Melody. Antes de mais nada, ele ia falar! É, sim. Os outros iam ter que me mandar

calar a boca! E eu ia ter espaço para guardar *todas* as minhas palavras, não só essas mais comuns, que eu tenho coladas no meu painel ridículo.

O meu computador teria teclas grandes, pros meus dedos conseguirem apertar os botões certos, e seria conectado à minha cadeira de rodas. E não precisava ser verde-limão.

Abro os olhos de repente. *Tem* que existir um negócio desses, certo? Algo parecido? Quem sabe?

Agarro o braço da Catherine e aponto pro computador da Rose. Bato no meu painel: **Eu também**. Várias vezes.

– Você quer um computador igual ao da Rose? – pergunta a Catherine, dando uma olhada pro *notebook* dela. – É demais mesmo. Nem eu tenho um computador tão legal.

Eu aponto o **não**.

– Como assim? Você não quer um computador? – a Catherine parecia confusa.

Eu aprendi a ter paciência com os outros. Aponto de novo pro computador da Rose e depois as palavras **eu também**.

Procuro por todo o meu painel de comunicação, mas a palavra *melhor* simplesmente não estava lá. Então aponteí o **mais**, depois o **bom**. **Mais bom**. Eu parecia uma anta.

– Ah! – diz ela, finalmente. – Você quer um computador melhor do que o da Rose?

Sim! Bato no painel, depois aponto o **para** e o **mim**.

– Entendi! – grita a Catherine. – Você quer algo projetado especialmente pra você! Isso é simplesmente genial, Melody!

Eu escrevo **D-Ã-R**, e a gente dá risada.

Aí a srta. Gordon começa a aula, lembrando todo mundo das datas de entrega dos trabalhos de biografia.

– Amanhã – anuncia ela – a classe vai se reunir na sala de informática pra escolher definitivamente sobre quem cada um vai escrever. E na semana que vem vamos começar a esboçar o texto sobre vocês mesmos. Alguma pergunta?

Connor, o palhaço da turma, levanta a mão e diz:

– Eu descobri que o cara que inventou a descarga de privada se chama Thomas Crapper. Posso escrever sobre ele?

A turma inteira cai na risada. O Rodney riu tanto que a cara dele ficou toda vermelha.

A srta. Gordon faz todo mundo ficar em silêncio.

– Desculpe, Connor. Mas a descarga de privada foi

inventada em 1596, por John Harrington. Você quer
pesquisar a vida dele?

O Connor perdeu a empolgação.

– Não. Acho que vou ficar com os caras que fundaram o
McDonald's mesmo. Já que eu vou passar um tempão
pesquisando coisas, acho que hambúrguer é melhor do que
privada.

O Rodney tenta começar a rir de novo, mas o olhar
fulminante da srta. Gordon faz ele mudar de ideia.

– Sobre quem você vai escrever? – a Catherine me
pergunta, enquanto a professora anda pela sala,
conversando com os outros sobre os projetos.

Eu penso só por um minuto. Aí bato na panel: **S-T-E-P-H-
E-N H-A-W-K-I-N-G.**

Quero saber como ele consegue fazer as coisas comuns,
tipo comer e beber. Afinal de contas, ele é adulto. Será que a
mulher dele o leva ao banheiro? Ele tem filhos. Como é que
consegue ser pai?

E quero saber sobre os aparelhos que ele usa pra falar, os
computadores superlegais que o ajudam a dizer coisas e
resolver problemas de Matemática megadífíceis, tipo aqueles

que ajudam a encontrar buracos negros no espaço.

Pergunto para a Catherine, batendo no meu painel:

– **Computador para mim?**

– Não faço a menor ideia. Vamos descobrir.

CAPÍTULO 15

Na manhã seguinte, cai neve pela primeira vez no ano.

Flocos grandes e fininhos flutuam do lado de fora da sala H-5.

O Freddy corre com a cadeira e põe a mão na janela.

– Legal – diz ele.

A sra. Shannon leva todo mundo mais pra perto das janelas, pra gente conseguir ver a neve se acumulando na grama e nas árvores. É muito lindo. Parece que até a Jill relaxa.

– A gente vai brincar na neve? – pergunta a Maria.

– Não, Maria. Está muito frio para brincar lá fora, mas adivinha! O Natal está chegando!

Minha colega fica toda animada.

– Ouvi dizer que tem uma certa tradição por aqui, de decorar um velho boneco de neve de isopor – continua a sra. Shannon. Ela faz uma careta quando tira a cabeça do

Sydney da caixa.

A Maria dá um abraço nele, mas a sra. Shannon faz com que ela pare e diz:

– Acredito que a época das festas tem que ter cheiro de pinheiro fresco, bengalinhas de açúcar de verdade e festões de pipoca. Amanhã eu vou trazer uma árvore de verdade, e a gente vai deixar ela bem bonita!

O Freddy e o Carl fazem um “toca aqui”. A Maria fica desapontada por um instante, mas esquece completamente do boneco de neve quando a sra. Shannon dá um pedaço de chocolate molinho pra todo mundo. E, muito sabiamente, põe o Sydney de volta na caixa.

Enquanto a professora ensina o pessoal a fazer flocos de neve de papel, a Catherine e eu sentamos juntas na frente do único – e esculhambado – computador da sala e

pesquisamos

na

internet

sobre

dispositivos

de

comunicação. A máquina é tããããã leeeenta. Às vezes trava, e a gente tem que desligar da tomada e começar tudo de novo. A sala H-5 sempre fica com os computadores que as outras classes não querem mais.

A gente pesquisa sobre todo tipo de dispositivos de fala e de comunicação que já foram projetados pra pessoas como eu. Muitos deles são tão esquisitos e desengonçados quanto o computador da nossa sala. Alguns parecem bem complicados. Todos são caros. Ridiculamente caros. Alguns sites nem informam o preço. Parece que têm medo de dizer quanto é que esses negócios custam.

Os dispositivos que usam teclados normais de computador não me adiantam. Não consigo acertar só uma tecla por vez. Preciso de alguma coisa que funcione usando apenas os dedos.

Encontramos computadores adaptados, painéis de fala que dizem as palavras, sistemas de botões e até uns negócios que funcionam com piscadas e movimentos da cabeça. Finalmente, encontramos uma coisa chamada Medi-Talker, que parece promissora. Tem espaços grandes, pros meus dedos entrarem, e milhões de palavras e expressões

armazenadas.

Assisti a um vídeo na internet de um menino da minha idade usando um Medi-Talker e, mesmo ficando óbvio que a voz não é dele, a caixinha possibilita que o garoto conte todos os detalhes da sua última festa de aniversário! Fico tão animada que minhas pernas saem chutando, os braços começam a sacudir, e eu fico parecendo um helicóptero humano muito louco.

A Catherine imprime as informações e guarda na mochila, que tá presa atrás da minha cadeira.

– Boa sorte, Melody! – sussurra ela, quando vai embora.

Quando eu saio do ônibus, depois da aula, a sra. V. está me esperando como sempre. Eu quase caio da cadeira tentando apontar pra mochila, pra dizer que eu tenho algo importante lá dentro.

– Calma, calma! – diz ela. – Desde quando você fica animada para fazer a lição de casa? Que siricótico é esse? Eu só dou um sorriso e chuto o ar. Depois de chupar bala de caramelo (primeiro) e sanduíche de atum com queijo derretido (por último), e depois de a Penny – que tinha acabado de acordar – comer a papinha de maçã dela, a sra. V.

finalmente tira os papéis da minha mochila.

– Bom, isso é *exatamente* o que você precisa – conclui a sra. Valência, jogando os papéis sobre a mesa. – Agora entendi por que você tá toda animada.

Sim! Sim! Sim! Eu aponto. Aí aponto as palavras, uma de cada vez. **Falar. Com. Mamãe. E. Papai. Falar. Falar. Falar.**

– Pode deixar. Vou falar com eles assim que voltarem do trabalho, Melody – promete ela.

Eu mal posso esperar. Enquanto a Penny assiste ao Come-Come comendo cenoura em vez de biscoito na *Vila Sésamo*, eu sonho com falar, falar, falar.

Quando a mamãe vai buscar a gente, a sra. V. cumpre a promessa que me fez e não mostra só os papéis pra ela, mas o site onde o Medi-Talker é anunciado e vendido. A Penny senta no colo da mamãe e fica batendo no teclado, bagunçando a tela, e isso me dá nos nervos. Mas a mamãe assiste ao vídeo que mostra as pessoas falando, contando piadas e até indo pra faculdade usando a máquina.

A sra. V. explica que é exatamente disso que eu preciso, e a mamãe, em vez de ser prática, prudente e muquirana como sempre, concorda.

– Parece que o seguro-saúde cobre metade do custo –
avalia ela, enquanto navega pelo site. – Vou falar com o
Chuck. A Melody já devia ter um negócio desses há muito
tempo.

– **Hoje?** – pergunto, apontando pro painel.

– Sim! Hoje mesmo! – responde a mamãe, me dando um
apertão.

Mas, no meu mundo, nada acontece na mesma hora. A
mamãe preenche o formulário no site no dia seguinte, e eu
fico esperando.

Aí a gente precisa pedir pro meu médico mandar uma
receita por e-mail. Já ouvi falar em receita de antibiótico, mas
receita de máquina? Que insano. Quem vai querer usar uma
máquina dessas sem precisar? E eu fico esperando.

Depois, precisa da aprovação do nosso seguro-saúde.

Mais papelada e telefonemas, mais perguntas e respostas. E
eu fico esperando.

Precisa enviar uma declaração de renda dos pais. Tá de
brincadeira! Por que eles complicam tanto? E eu fico
esperando.

Faltava uma assinatura no formulário médico, e ele precisa

ser submetido a uma nova avaliação. E eu fico esperando.

Tem que enviar um último formulário de aprovação assinado por alguém da direção da escola. E eu fico esperando.

Eu me dou conta de que passei a vida inteira à espera desse negócio.

Finalmente, finalmente, finalmente, na quarta-feira antes do Natal, o Medi-Talker chega. Não preciso de mais nenhum presente.

Quando volto da escola, a sra. V. conta que foi correndo até a nossa casa quando viu o caminhão de entrega estacionando. Ela assinou um papel, recebeu o pacote e guardou na casa dela, só por precaução. Tem uma caixa marrom enorme lá, lacrada, sã e salva. E tá endereçada a mim!

Eu me sacudo e dou uns grunhidos e insisto pra gente abrir a caixa imediatamente. Sinto um dos meus ataques de tornado se aproximando. *Terra do espasmo, lá vamos nós!*

– Calma, Mello Yello – diz a sra. V., colocando a mão no meu ombro. Mas eu não consigo relaxar.

– **Abrir! Abrir! Abrir!**

– Bom, a sua mãe sabia que você ia ficar impaciente. Então

eu liguei pra ela, avisei que a caixa tinha chegado, e ela disse que a gente pode ir abrindo.

Tenho a sensação de que eu vou ter um ataque do coração: a sra. Valência vai abrindo os cantos da caixa com todo o cuidado. Ela me deixa puxar o papel pardo de dentro. E aí, debaixo de um quilômetro de plástico-bolha, lá está ele. O Medi-Talker. Menor do que eu imaginava. É do tamanho da bandeja da minha cadeira de rodas, bem liso, brilhante e geladinho. Uma borboleta pronta para abrir as asas.

Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Mal posso esperar pra experimentar.

A sra. V. liga a máquina na parede para carregar a bateria e pega o manual de instruções *enorme* que veio com ela.

– Nossa! Vai demorar um ano pra ler e conseguir entender esse negócio.

Ela se joga numa poltrona macia com a Penny no colo e começa a ler.

E eu começo a esperar. E esperar. E esperar. Finalmente, vejo que estou prestes a explodir e vou até a mesa onde está o Medi-Talker.

Já vi o pessoal da escola jogando videogames,

programando o celular e o computador sem nem encostar no manual de instruções. Então eu pego meu dedão e aperto o botão de ligar. O painel faz um zumbido e brilha, depois emite uma mensagem:

– Bem-vindo ao Medi-Talker!

A sra. V. pula da poltrona. Eu grito de alegria.

– Parece que você tá bem mais adiantada do que eu, Melody. Não que isso me surpreenda – ela senta a Penny no sofá. – Agora deixa eu ver o que essa máquina é capaz de fazer!

Eu me senti como o Cristóvão Colombo topando com a América. Aquilo tava lá o tempo todo, mas ele foi o primeiro a encontrar. Será que o coração dele bateu tão depressa quanto o meu?

A gente descobre rápido que o Medi-Talker tem mais de uma dúzia de níveis, que podem ser acessados pelo mesmo botão. No primeiro nível, a gente programa os nomes das pessoas que eu conheço: o meu, o de todo mundo da minha família, dos meus colegas de escola e professores, dos meus médicos, dos nossos vizinhos, dos amigos dos meus pais e, é claro, da sra. V. No segundo nível, ela insiste em colocar

todas as palavras que a gente vem colecionando naquelas
nossas fichas coloridas.

Digita, salva. Digita, salva. Os dedos da sra. V. voam para
adicionar palavras. Boa parte do nosso vocabulário já estava
na memória da máquina, mas ela me dá mais. Mais. Mais.

Substantivos, verbos, advérbios e adjetivos – milhares
deles – e também um conjugador de frases muito legal, que
fica em outro nível. A gente pode preparar centenas de
expressões e frases e acessá-las com um único toque.

Você já ouviu a música nova deles?

Aí, sim!

Como você foi na prova de Ortografia?

Palavras comuns. Conversas normais. Nunca fiz isso.

Demais!

Tem um outro nível para os números e até para
processamento de dados. Agora vou poder resolver
questões de Matemática. Talvez eu não fale aos professores
que esse nível existe.

E tem um cheio de piadas bestas e provérbios bobos, com
espaço para gravar mais. Outro toca música! Eu posso
conectar o dispositivo num computador e baixar qualquer

música que eu quiser. Mal posso esperar para ficar procurando coisas na internet. Talvez eu possa perguntar pra Rose que músicas tão na moda agora.

A Rose! Agora eu posso falar com ela de verdade!

Depois de um tempo, a gente para de programar. A sra. V. precisa trocar a fralda da Penny e distraí-la um pouco. Mas eu tô animada demais pra descansar.

Depois que a sra. Valência arruma a casinha de bonecas da minha irmã na frente do sofá, a gente adiciona mais palavras e mais frases. Uma hora, ela para de digitar e pergunta:

– Quer experimentar?

A sala tá num silêncio absoluto. Eu passo a mão no canto da máquina com cuidado, aí aperto dois botões.

– **Obrigada, sra. V.** – diz a voz do computador.

A sra. Valência começa a piscar muito rápido. Eu também.

Ela procura lencinhos de papel. Nós duas estamos precisando.

Ela guarda o lençinho no bolso, aí começa a ler o manual de novo.

– Ei! Ouça isso. Com aquele cabo conector, dá pra salvar coisas mais longas, como histórias ou poemas, pra escrever

depois, no computador!

– **Uau!** – diz a máquina.

A sra. V. só balança a cabeça.

– Isso vai ser divertido. Mas você vai precisar treinar muito pra isso funcionar do jeito que você quer, garota.

Ela tem razão.

Tem muitos níveis em branco para os usuários entrarem com suas próprias informações – palavras, frases, números de telefone... até fotos. Os dados podem ser digitados direto na máquina, mas também dá pra fazer *download* do computador. É meio intimidante.

– A gente pode programar tudo isso para ficar do *seu* jeito, Melody – diz a sra. V. – Este vai ser o *seu* mundo, então vamos com calma pra fazer exatamente o que você precisa.

Tô tão feliz. Quase tenho vontade de dar um abraço na máquina, mas acho que isso seria meio bobo. Em vez disso, dou um nome pra ela. Provavelmente, é uma coisa bem besta, mas às vezes é bom ter uma coisa que ninguém mais sabe além de você. Não vou digitar o nome na memória, porque esse é um assunto pessoal. Mas na minha cabeça, vou chamar o Medi-Talker de “Elvira”, que nem naquela música

que eu gosto. É, meu coração tá pegando fogo pela Elvira! Enquanto a sra. V. brinca um pouquinho com a Penny, eu continuo explorando o que a Elvira é capaz de fazer. Uma das primeiras coisas que eu quero mudar é a mensagem de boas-vindas e a voz dela. Os sons produzidos pelo computador parecem muito falsos. Mas a máquina tem várias vozes femininas pra eu escolher, além de um monte de línguas. Escolho uma voz chamada “Trish”. Parece mesmo uma voz de menina, não de adulta. Eu não ia achar ruim ter a voz dela, se eu pudesse falar.

– **Bienvenue** – diz a Trish, em francês.

Eu sei que isso quer dizer “bem-vindo”. Aperto o botão do alemão, e ela diz **Wilkomenn**. Eu até encontro um troço que parece **Foon ying** quando aperto o botão do chinês.

Paro um pouco e fico olhando pro painel. Nunca me ocorreu que podia existir crianças como eu na Alemanha e na China e na França, que precisam de uma máquina pra conseguir falar.

A sra. V. volta e me ajuda a mudar a mensagem de boas-vindas. Trocamos o mecânico “**Bem-vindo ao Medi-Talker**” pra Trish dizendo: “**Oi, eu sou a Melody. Fala comigo!**” . Mal

posso esperar até ir pra escola e apresentar o *meu* computador novo pra todo mundo. O que será que a Rose vai dizer?

A mamãe e o papai ligaram pra saber como é que a gente vai, se fez progresso. Os dois estão ansiosos pra chegar aqui e ver o dispositivo com os próprios olhos. A sugestão da sra. V., enquanto a gente espera por eles, é continuar programando a máquina, colocando mais e mais coisas. Ela acha que eu devo treinar algumas semanas antes de levar a Elvira pra escola. Eu não quero esperar, mas tenho que admitir que vai demorar um pouco pra eu conseguir usar esse negócio direito. Quero aprender a usar o sistema e falar que nem as crianças normais. Tipo.

A gente volta pro nível das palavras e expressões. Quero salvar

milhares

de

palavras. *Caderno. Marca-texto.*

Trabalho. Prova. Positivo. Negativo. Unha. Esmalte.

Roupa. Mochila. Bolsa. Animada. Roxo.

Em seguida, a gente digita mais expressões – centenas

delas . *Lição de casa. Com medo. Ao shopping. De longe.*

No meio. Resultou em. A razão pela qual.

Por último, a gente digita umas frases – dúzias delas. *Que horas são? O que tá acontecendo? Assim você me mata. Tô tão animada.* Até que a campainha toca.

O papai vem me buscar já de câmera na mão. As mãos dele tremem um pouquinho.

– Mostra pra gente como isso funciona, querida.

Nem acredito que o papai tá fazendo um vídeo do momento em que eu disse minhas primeiras palavras. É quase igual ao dia que ele filmou a Penny dizendo as primeiras palavras dela. Bom, mais ou menos.

Eu digito com muito cuidado e aperto o botão que faz a máquina falar.

– **Oi, pai. Oi, mãe. Tô muito feliz.**

A mamãe fica com os olhos cheios de lágrimas, com o nariz vermelho. Ela olha pra mim com uma cara toda melosa.

Penso um pouquinho e me dou conta de que eu nunca, na minha vida, disse nada diretamente para os meus pais. Então aperto alguns botões, e a máquina diz as palavras que eu nunca pude dizer:

– **Eu amo vocês.**

A mamãe pira. Ela se afoga em lágrimas e agarra o papai.

Eu acho que ele também deu umas fungadinhas disfarçadas.

Mas filmou tudo.

CAPÍTULO 16

Espero até a volta das férias de fim de ano e finalmente levo a máquina pra escola. Treinei com a sra. V. todos os dias do feriado de Natal. Apreendi a apertar os botões certos, a mudar de nível direito, a fazer elisões. Tive que dar um jeito de dizer “né” em vez de “não é”, ou “tá” em vez de “está”. Foi difícil.

Eu continuo me confundindo, mas a sra. Valência não me deixa desistir. E eu nem quero.

Então, na primeira segunda-feira depois do recesso, a Elvira é a estrela do dia, e eu, o centro das atenções. E nem foi por que fiz alguma coisa vergonhosa, tipo vomitar ou me sujar toda comendo, mas por uma coisa muito legal.

Inacreditável!

Até os professores ficam impressionados.

– Se segura, minha gente! – anunciou a sra. Shannon quando me viu no corredor. – A Melody chegou pra abalar, pessoal!

Eu dou um sorriso bem grande, aperto um botão e uma canção do mais novo musical adolescente começa a tocar.

– Menina, você tá com tudo mesmo. Tem até música!

A sra. Shannon foi andando pelo corredor no ritmo da música. Morri de rir.

Na sala H-5, a Maria fica colada em mim a manhã inteira.

– Da hora, Melly Belly – ela fica repetindo. – Da hora.

Posso brincar?

Ela quer pôr a mão nas luzes que acendem e nos botões brilhantes, mas a sra. Shannon vem e a distrai com um joguinho novo de computador que tinha salvado na máquina da nossa sala.

Quando a Catherine chegou, um pouquinho antes de tocar o sinal pra aula de Artes da Linguagem, eu já tava pronta.

Ela estava de camisa xadrez verde, saia azul e meia laranja até o joelho. Eu já tinha planejado a primeira coisa que eu queria dizer pra ela, e a sra. V. deixou programado.

– **Vamos fazer compras.**

A Catherine dá um suspiro de espanto e morre de rir.

Quase fica sem fôlego. Aí chega perto de mim e me dá um abraço.

– Tô tão feliz por você, Melody! Você precisava mesmo disso! E, sim, a gente tem que marcar um dia pra você me ensinar umas noções de moda.

– **A gente precisa rápido** – digito. Tô super de bom humor.

– Você é uma mulher sem coração! – declarou a Catherine, ainda dando risada. – Bom, por enquanto, vamos pras aulas inclusivas exibir essa sua máquina nova toda descolada! Eu tremia de tanta animação. Quando cheguei na sala da srta. Gordon, ninguém olhou pra mim, como sempre. Com exceção da Rose, que me deu um sorriso.

Aí eu aumentei bem o volume e apertei um botão:

– **Oi, pessoal! Eu tenho um computador novo!**

Vi cabeças se virando e ouvi os outros cochichando.

– E fazem computador pra gente retardada?

– Ele fala? O meu não faz isso.

– Você *não precisa* que um computador fale por você!

– A voz dele é esquisita.

– A sua também.

– E ela lá tem o que dizer?

Mas aí o Connor deu um pulo, ficou de pé e – com aquele cabelo louro todo bagunçado caindo no olho – disse, bem

alto:

– Que demais, Melody!

Ele é um dos garotos populares e deve ser o menino maior e mais alto do quinto ano. Acho que, porque o Connor curtiu meu computador, o resto da turma resolveu deixar o assunto pra lá.

Bom, a maioria, pelo menos. A Claire, que foi a primeira da turma a ter o próprio *notebook* e faz questão de contar pra todo mundo quando ganha um celular novo ou outro joguinho de videogame, dá uma fungada de desprezo e diz:

– Esse computador aí é bem esquisito! Mas acho que é perfeito para alguém como você.

Ela e a Molly ficam se entreolhando. Juro que as duas devem achar que eu sou cega.

A srta. Gordon faz uma cara de quem queria apertar a Claire como se ela fosse um tubo vazio de creme dental e diz:

– Claire, não vou permitir falta de educação na minha aula.

Agora sente-se e fique quieta!

Mas a Claire não pode estragar o meu bom humor. Eu aperto outro botão, de uma frase que a sra. V. deixou preparada. Por algum motivo, eu sabia que ia precisar dela!

A máquina diz:

– **Eu falo com todo mundo agora – até com a Claire!**

Ela faz uma careta, só que o resto da turma cai no riso.

Todo mundo quer tocar na máquina, apertar um botão ou fazer funcionar, mas a Catherine segura as pessoas e me deixa fazer todas as demonstrações sozinha.

Vou para o nível verde, o das piadas.

– **Um cara faz uma aposta. Tem que tomar mil latinhas de refri. De uma vez só. Mas ele só toma 999. Qual é o nome do filme?**

– Mil e uma noites? – diz o Rodney.

– Seu burro! Ela falou 999, cara! – zoa o Connor, que manda bem na Matemática.

– O último dos moicanos! – grita alguém.

– **Não. Mil são impossível!**

Todo mundo ri da piada boba comigo. Apesar dos meus braços ficarem se sacudindo, e eu babar um pouco quando dou risada, é a primeira vez na minha vida que eu me sinto integrada a um grupo de verdade.

Queria poder clicar num botão e salvar esse momento pra assistir um monte de vezes.

Eu digito **“Hoje é segunda-feira. Tá frio”** . Aperto um botão azul. A coisa chia um pouco, e uma folha de papel bem estreitinha aparece do lado. Parecia que a máquina tava mostrando a língua mas, na verdade, ela imprimiu as palavras que eu tinha acabado de digitar.

– Uau! – diz o Rodney, o campeão de videogame da classe. – Tem até impressora. Isso é muito fino!

A srta. Gordon fica balançando a cabeça, me incentivando, e a Catherine circula a folhinha pra todo mundo ler as minhas palavras. Aí ela explica:

– O Medi-Talker da Melody é uma combinação de computador, som e dispositivo de fala. Tem HD, é super *high-tech* e foi feito pra ela arrasar e se conectar com vocês.

Prestem atenção no que ela tem a dizer.

A Claire levanta a mão.

– Sim, Claire – diz a professora, com um olhar de advertência.

– Não é maldade, tô falando sério. Mas nunca me ocorreu que a Melody pudesse ter pensamentos dentro da cabeça dela.

Alguns colegas concordaram com a Claire, balançando a

cabeça.

A professora não levantou a voz. Mas deu uma bela resposta:

– Você sempre pôde dizer tudo que vêm à sua cabeça, Claire. Todos vocês sempre fizeram isso. Mas a Melody foi forçada a ficar em silêncio. Ela deve ter pilhas de coisas pra dizer.

– **Sim. Sim. Sim** – faço a máquina dizer por mim.

Dou um sorriso agradecido pra professora e mostro pro Rodney e pro Connor um joguinho que veio no meu Medi-Talker. Acho que nunca vou ter a velocidade de movimentos necessária pra jogar, mas é bom saber que ele tá lá.

A srta. Gordon dá uma olhada nos diversos níveis e fica impressionada.

– Que vocabulário enorme você tem agora, Melody! Sei que você deve sentir que tirou uma tonelada de tijolos das suas costas.

Respondo balançando a cabeça. A máquina diz **Detrás**, bem alto. Oops! Eu queria dizer Demais. Sinto o meu rosto esquentar e vejo a Claire e a Molly abafando o riso.

A Rose traz a mesa dela pra perto da minha cadeira.

– Isso é tão incrível, Melody – diz, baixinho. Deixo que ela toque nas teclas brilhantes.

– **É mesmo** – respondo. Olho pra ela e digito: – **Amigas?**

– Amigas! – exclama a Rose, sem pestanejar.

Digito **“Feliz”**, mas fico logo tensa. Espero não fazer nada besta, tipo derrubar alguma coisa, de tanta animação.

A Rose olha pra mim, toda interessada.

– Não posso nem imaginar como seria ter todas as minhas palavras presas dentro de mim – diz, por fim.

– **É uma droga.**

Ela dá uma risadinha e fala:

– Te entendo.

CAPÍTULO 17

Estou cada vez mais craque na Elvira e, com isso, meu dia a dia na escola esse mês foi quase agradável. Quase. Posso conversar com o Connor sobre um programa de TV que passou na noite anterior ou dizer pra Jéssica que curti os sapatos novos dela.

Tem nevado – mas só uns floquinhos – quase todos os dias. Uma tarde, no fim de janeiro eu digitei:

– **Espero que caia uma nevasca: sem aula.**

Todo mundo concordou. Pela primeira vez na vida, eu falei pela classe toda.

Posso responder às perguntas dos professores muito melhor com a Elvira me ajudando. Em vez de eles me darem notas “de mentirinha”, porque não têm certeza se eu sabia a resposta ou não, eu ganho notas de verdade, que ficam registradas no meu histórico, de acordo com as respostas que eu mesma dei. Impressas e tudo! É a primeira vez que isso acontece.

Mas o pessoal da turma H-5 ainda fica isolado na hora do intervalo. Tem feito muito frio pra gente ficar no pátio, então sentamos num canto lá no fundo da cantina – que é superaquecida – até chegar a hora de voltar pra aula.

Nenhuma das meninas vem fofocar comigo, contar alguma bobagem que um garoto qualquer disse. Ninguém promete que vai me ligar depois da aula. Ninguém me convida pra festa de aniversário ou pra dormir na sua casa. Nem a Rose. Claro, às vezes ela vem conversar comigo por uns dois minutinhos. Mas, assim que a Janice ou a Paula chamam pra ver uma foto no celular, a Rose diz “Já volto!” e foge. Parece que ela fica feliz por ter um motivo pra parar de falar comigo.

Eu só dou um sorriso, rezando pra não babar, e finjo que não percebi. Depois de alguns minutos de fingimento, aperto o botão da frase **“Voltar pra H-5”**, e a Catherine empurra a minha cadeira pelo corredor.

Uma tarde, lá pelo fim de janeiro, o sr. Dimming fez um anúncio, com aquela voz de quem acabou de mastigar uma torrada seca:

– Em vez da nossa aula de sempre, acho que vamos fazer um treino pra seleção da equipe que vai participar do campeonato Gênios do Quiz.

A turma inteira fez festa, porque era pra gente ter aula sobre o deserto do Saara. Isso sim é que é torrada seca!

Todos os anos, a nossa escola manda uma equipe pra esse campeonato. As rodadas locais, com equipes da cidade inteira e da região metropolitana, são disputadas num hotel, lá no centro. No ano passado, nossa escola ficou em segundo lugar nas regionais. A diretora ficou tão orgulhosa que pagou pizza pra todo mundo, apesar de a equipe só ter alunos do quarto ao sexto ano.

As equipes que ficam em primeiro lugar nas rodadas estaduais vão pra Washington disputar as nacionais. Até

passa na televisão. É um negócio importante.

A Rose puxou a mesa dela mais pra perto da minha cadeira e disse:

– Eu tava na equipe do ano passado.

– **Eu sei** – digitei. – **Você é inteligente.**

Ela ficou radiante e chegou ainda mais perto.

– O Connor deve ser escolhido de novo. Ele é meio bagunceiro, mas entende tudo de conhecimentos gerais.

Eu dei uma olhada. O Connor tava se exibindo para os amigos, falando do ano passado.

– Vocês tinham que *ver* o salão daquele hotel. Lustres

dourados! Coisa fina por todo canto! E uns crânios de tudo quanto é escola. Mas a gente acabou com eles!

– É, vocês só não venceram uma equipe, cara – gritou o Rodney, na brincadeira. – Eles é que acabaram contigo!

A sala inteira vaiou.

– É, mas este ano a gente vai ganhar. Né, sr. D.?

– Vamos fazer de tudo, Connor – respondeu o sr.

Dimming. – As regras mudaram um pouquinho, então este ano a equipe só terá alunos do quinto e do sexto. É uma vantagem pra nós, porque alguns de vocês já participaram da última competição. Agora vamos ver a quantas anda a nossa equipe. Vamos responder algumas perguntas, só por diversão. Vamos lá?

– O senhor trouxe prêmios? – perguntou o Rodney.

– Nem toda competição precisa ter prêmios, Rodney – respondeu o professor.

– Pode até ser, mas é muito mais divertido quando a gente ganha alguma coisa – completou o Connor. – Por favor, professor.

– Tá bom, tá bom! Quem vencer ganha uma barra de

chocolate levemente amassada da minha marmita – disse o sr. D., segurando o chocolate.

Todo mundo caiu na risada de novo.

– Chocolate dá espinha – disse a Rose, provocando o

Connor. – Eu não quero doce nenhum, quero ganhar!

E pôs a carteira dela de volta no lugar de sempre.

A Catherine sentou ao meu lado.

– Você quer participar do treino com eles? – perguntou.

– **Sim! Sim! Sim!** – digitei. – **Respostas. A, B, C, D. Fácil.**

Ela deu um sorriso e disse:

– Ok, fácil! Vamos ver no que dá.

O sr. Dimming limpou a garganta e sorriu.

– A época de treinar pro Gênios do Quiz é a minha preferida – confessou ele. – Vamos ver se este ano a gente consegue ir até o fim!

A sala inteira fez festa.

– Vou ler as questões primeiro, depois as alternativas.

Vocês vão anotar a letra certa. Todo mundo entendeu?

O Connor levantou a mão e começou a falar antes de o sr.

Dimming ter visto o sinal dele.

– Não passa questões fáceis, sr. D. Meu cérebro é

gigante!

– E a boca também – murmurou a Rose.

– Número 1. Qual destes planetas fica mais perto do Sol?

A. Vênus.

B. Terra.

C. Mercúrio.

D. Marte.

E. Júpiter.

– Isso até bebê sabe – protestou o Connor.

– Silêncio, Connor. Por favor – disse o professor, com um tom severo. O menino finalmente calou a boca.

Eu apertei a letra *C* na minha máquina e fiquei esperando a próxima questão.

– Número dois. Quantos lados tem um heptágono?

A. Quatro.

B. Seis.

C. Sete.

D. Oito.

E. Nove.

Digitei a letra *C* de novo. Será que a mesma letra podia cair duas vezes na sequência? Por que não? Eu sabia que aquela

era a resposta certa.

– Questão número 3. De quantos anos é o mandato de um deputado nos Estados Unidos?

A. Um ano.

B. Dois anos.

C. Três anos.

D. Quatro anos.

E. Seis anos.

Hmmmm. Essa tinha cara de pegadinha. Tenho a impressão de que são sempre os mesmos políticos que aparecem na TV. Mas eu digitei *B*.

Ao todo, o sr. D. passou cinquenta questões. Muitas eram de Matemática. Outras eram de Ciências e Gramática. A última era de Geografia.

– Em qual estado fica o Grand Canyon?

A. Califórnia.

B. Arizona.

C. Dakota do Sul.

D. Novo México.

E. Utah.

Nunca visitei o Grand Canyon, mas já assisti a muitos

documentários sobre ele na TV a cabo e tenho quase certeza de que fica no Arizona. Digitei a letra *B*, apertei o botão que imprime, e a Catherine levou o meu papel até a mesa do professor.

– A Melody participou? – perguntou ele, quando pegou a minha folha. E deu uma olhadinha pra mim, com o papel na mão. – Legal.

Não gostei do tom dele.

O professor ficou corrigindo as respostas de todo mundo enquanto a gente assistia a um filme sobre as pirâmides do Egito. Eu não conseguia parar de olhar pra ele.

Finalmente, o sr. Dimming olhou por cima daqueles óculos de armação de metal dele e disse:

– Já somei os resultados. Não é nada oficial, mas quem tirou nota bem alta hoje foram Paula, Claire, Rose e Connor.

O Connor pulou da mesa e ficou comemorando.

– Eu sabia! Eu sou o cara! Tô com tudo! Pode me dar aquele chocolate.

E começou a andar pelo corredor em direção à mesa do sr.

Dimming.

– Sente-se, Connor! – disse o professor, com um tom

exasperado. – Você se saiu bem, mas não vai ganhar o prêmio.

– Quem é que foi melhor do que eu? – disse o menino, surpreso. – A Rose? Não tem problema. Vou triunfar na seleção de verdade.

Eu olhei pra Rose. Ela me deu um sorriso, com uma cara de expectativa.

O sr. Dimming ficou em silêncio por um instante. Coçou a cabeça. Aí limpou a garganta e disse:

– O vencedor da competição de hoje, que vai ganhar o chocolate, que *gabaritou* o teste, é... – ele deu uma paradinha, sacudiu a cabeça e começou tudo de novo. – A única pessoa da classe que acertou todas as questões foi... Melody Brooks.

Silêncio total. Nada de aplausos. Só olhares incrédulos.

– Isso não é justo! – soltou a Molly, com raiva. – A cuidadora da Melody fica soprando as respostas pra ela.

– Ela deve ter colado! – completou a Claire, falando bem alto.

A Catherine pulou da cadeira e foi correndo até a Claire e a Molly. As botas pretas novas que ela tava usando faziam

barulho no chão de lajota da sala.

– Eu *não* ajudei a Melody! Nunca passou pela cabeça de vocês que ela possa ser mesmo inteligente?

– Ela não consegue nem sentar sozinha! – retrucou a Claire, com um tom petulante.

– A aparência do corpo de alguém não tem nada a ver com o funcionamento do cérebro dessa pessoa! Vocês deviam saber disso. É só se olharem no espelho!

– Agora ela te pegou! – disse Connor, provocando algumas risadas.

Mas a maioria do pessoal ficou olhando para os lados, meio sem jeito. Ninguém olhou pra mim.

A Claire não respondeu nada, e acho que a Molly também resolveu calar a boca.

A Catherine voltou para o meu lado, mas a situação toda me deu vontade de me esconder embaixo da mesa e sumir.

O sr. Dimming levantou a mão, fazendo sinal para a classe ficar em silêncio.

– Melody, por favor venha até aqui e pegue o seu chocolate – disse ele. – Estou muito orgulhoso de você, do quanto você se esforçou hoje. Vamos dar uma salva de

palmas para a Melody.

Todo mundo – com exceção, talvez, da Molly e da Claire – bateu palmas enquanto eu ia bem devagar até a frente da sala. O motor da minha cadeira chiava baixinho. Não dava pra ninguém ouvir o meu coração batendo sobressaltado.

Acho que o professor me deu o chocolate pra calar a boca da Claire e da Molly e pra que eu me sentisse bem por ter acertado todas as respostas por acaso. Mas não foi por acaso coisa nenhuma. Eu sabia as respostas. Todinhas.

O sr. Dimming colocou o chocolate na minha bandeja. Que bom. Pelo menos eu não precisei me preocupar em deixar ele cair na frente de todo mundo. Voltei pro meu lugar de cabeça baixa.

– Tô tão orgulhosa de você! E você também deve estar! – sussurrou a Catherine, com a mão levantada pra gente fazer um “toca aqui”. Mas eu não me mexi.

– **Não** – digitei.

– Por que não? Você foi melhor do que todo mundo.

Demorou muito, mas eu digitei:

– **Eles acham que o meu cérebro tem defeito, que nem o resto.**

Eu tava com vontade de chorar.

– Então a gente vai ter que estudar pra mostrar que eles tão errados! – disse a Catherine, meio que me desafiando.

– **Por quê?**

– Pra você entrar na equipe.

– **Não vai rolar.**

Bem quando a Catherine ia me responder, o sr. Dimming anunciou que a seleção oficial seria na semana seguinte.

– Muitos de vocês foram bem nesse treino. Mas não esqueçam que vão competir com alunos do sexto ano, aqui e na competição de verdade. Só os melhores serão escolhidos.

– Tipo eu? – gritou o Connor.

– Se você fizer os pontos necessários – respondeu o professor. – Quero levar uma equipe vencedora pra Washington este ano, turma. Quem tá dentro?

– Eu! – todo mundo berrou.

Fiquei impressionada de vê-los tão animados pra estudar.

Mas o sr. Dimming os motivava, parecia um técnico de futebol:

– Vocês estão dispostos a estudar pra aparecer na TV?

– Pode crer!

– O senhor vai comprar um terno novo se a gente ganhar?

– soltou o Connor.

E não é que o professor riu?

– Prometo. Um terno novo. Azul, quem sabe? Com um colete vermelho de cetim.

A turma inteira caiu na risada e aplaudiu.

– Então vamos nos esforçar ao máximo – disse o sr. D. –

Vou fazer questões extras difíceis pra vocês ficarem estupendamente preparados este ano.

– Bom, ele já começou a usar um vocabulário difícil – ouvi a Molly sussurrar pra Claire.

– Questões difíceis? – choramingou o Connor.

– Veja por este lado – disse o professor. – Se a Melody Brooks consegue ganhar a primeira rodada, então as questões que eu fiz não estavam tão difíceis assim! Todos vocês vão ter que se esforçar pra vencer esse campeonato. Todo mundo gritou e bateu palmas.

Menos eu.

CAPÍTULO 18

Aquele dia depois da aula, fiquei mal humorada e má. A sra.

V. tinha preparado uma nova pilha de fichas de palavras. A

Penny usava um dos turbantes da nossa vizinha e tava ridícula. E, ainda por cima, ficava cantando bem alto aquela música idiota de bebê. Joguei a pilha inteira de fichas no chão.

– Por acaso alguém pôs sal no seu suco, madame? – perguntou a sra. V., sem pegar as fichas do chão.

Minha irmã parou de cantar e ficou lá parada, piscando pra mim.

Eu desliguei o Medi-Talker e virei a cara.

– Tudo bem. Pode ficar emburrada. Mas vai juntar essas fichas todinhas.

Eu fiz um beijo bem grande e fiquei olhando pra parede.

A Penny chegou mais perto e sacudiu meu braço. Eu dei um puxão e me soltei. Ela não deu bola e começou a cantar de novo.

– Feliz, feliz, feliz, bate o pé.

Feliz piri piri assoa o nariz.

Bidi-bobi-dau-di, pula, pula, pula.

Ela pulava. Batia o pé. E aí cantava tudo de novo. Várias vezes.

Minha irmã tava me irritando muito. Queria que ela

simplesmente calasse a boca! Falando o tempo todo.

Andando o tempo todo. Pulando e sacudindo e cantando.

Para! Só por um minuto. Por favor, PARA!

Mas ela não parou.

– Oi, Dii-Dii – disse. E colocou o Peludo na minha bandeja.

Eu derrubei o boneco no chão.

– Uu-do, Dii-Dii – ela pegou aquele negócio idiota e esfarrapado e colocou de novo na minha bandeja.

Eu derrubei de novo. *Me deixa em paz!* Eu queria gritar.

A Penny tava acostumada a ver as coisas caírem da minha bandeja, então não tinha como saber que eu tava fazendo aquilo por pura maldade. A terceira vez que ela colocou o Peludo na minha bandeja, eu o derrubei com tanta força que bati com o braço na cabeça da minha irmã. Ela se desequilibrou e caiu no chão.

Aí olhou pra mim, com cara de surpresa, agarrou o Peludo e correu pra sra. V., chorando.

– O que você tem, Melody? – perguntou a sra. V., embalando a Penny.

Como é que eu podia explicar?

Eu não queria chorar, mas chorei. Virei minha cadeira pra

parede, e o telefone tocou. A sra. V. se virou pro telefone, deu um suspiro e levantou pra atender.

– Ah! Oi, Catherine.

Catherine? Virei minha cadeira um pouquinho pra ouvir melhor.

– Não tá no seu normal? Bom, ela tá meio jururu. Não, retiro o que eu disse. Ela tá um monstro.

O olhar da sra. V. se cruzou com o meu, e ela me fez uma careta.

Eu só fiquei encarando.

– Pra mim não é nenhuma surpresa ela ter acertado tudo.

Essa criança é brilhante!

Muito me adianta.

– O professor disse *o quê?*

Que maravilha. Agora *todo mundo* ia ficar sabendo. Só de pensar nisso já fiquei me sentindo um lixo de novo.

– Na frente dos colegas? Que tipo de profissional é esse?

– a sra. V. parecia furiosa.

– E como ela reagiu? Nem me fala, já sei. Tá sentada aqui parecendo um daqueles baiacus que a gente viu no aquário.

Toda inchada e cheia de espinhos.

Pra falar a verdade, é mais ou menos assim que eu tô me sentindo.

– Muito obrigada por ter ligado, Catherine. Sim, por favor, liga pros pais dela hoje à noite. Eu também vou falar com eles. Vou pensar numa solução pra esse problema agora mesmo.

Dito isso, ela desligou o telefone, sentou a Penny no chão, colocou as mãos nos quadris e se virou pra mim.

Pensei que tinha chegado a hora de ela me dar um abraço pra eu me sentir melhor.

– Então você gabaritou o teste e não disse nada quando o professor anunciou as notas? – falou a sra. V. Ela pronunciava cada palavra com indignação e voltou a ligar o meu dispositivo de fala.

Por que ela tava brava *comigo*? Fiquei olhando com cara de surpresa.

– **Ele me magoou** – respondi.

– E daí? – revidou ela.

– **O pessoal riu. Até a Rose riu.**

Era verdade, apesar de eu mal conseguir admitir. Até a Rose pôs a mão na frente da boca para disfarçar o riso.

– Você fez mais pontos do que todo mundo? – perguntou a sra. V., ignorando completamente minha tentativa de fazer com que ela sentisse pena de mim.

Eu devia saber que não ia adiantar.

– **Sim.**

– A Catherine te ajudou a responder as questões? Nem que seja só um pouquinho?

– **Não.**

– Então mãos à obra.

Eu olhei pra ela, meio confusa.

– **Mãos à obra o quê?**

– Vamos começar o seu plano de estudos. Nós duas vamos treinar, nos preparar e nos esforçar. Vou fazer um *quiz*, e você vai responder. Vamos estudar Geografia, Ciências, Matemática e aprender milhares de gloriosas informações.

Ela parecia muito animada.

– **Por quê?** – perguntei, cheia de dedos.

– Você sabe como os atletas fazem pra se preparar pras Olimpíadas? Eles começam a nadar de manhã cedinho e só param tarde da noite. Correm na pista por horas e horas sem

o público ficar incentivando.

– **Eu não consigo correr muito rápido** – digitei, depois dei um sorriso bem grande pra ela.

– Pode até ser, mas você tem o cérebro mais rápido e mais potente daquela escola, e vai participar da seleção pra equipe de *quiz* na semana que vem.

– **Eles não vão me deixar entrar** – digitei, bem devagar.

– Ah, vão sim! Vão querer que você seja da equipe, pode ter certeza. Vão *precisar* de você, Melody. Você vai ser a arma secreta deles.

– **Você acha?**

– Acho não, eu sei. Agora vamos parar com essa falsa peninha de você mesma e começar a estudar. A gente tem uma semana. Eu sou o técnico, e você, a atleta. Prepare-se pra suar.

– **Suar fede!** – disse eu, dando risada.

– Então vamos ficar fedendo! Mas primeiro você vai pegar todos esses cartões do chão.

Eu sabia que era melhor não discutir. Ela me tirou da cadeira, me colocou no chão e saiu da sala enquanto eu arrumava os cartões numa pilha meio bamba. A Penny me

ajudou.

Aí a sra. V. me colocou de volta na cadeira, e começamos a trabalhar.

– Como é que funciona o teste?

– **A, B, C, D** – digitei.

– Múltipla escolha! Maravilha! Isso pra você é moleza.

Eu não tinha muita certeza, mas não discordei.

Ela foi até o computador dela e encontrou um site que listava todos os estados e as capitais dos Estados Unidos.

– **Estudei isso na escola!** – contei.

– Ótimo. Vamos estudar de novo.

Eu dei um resmungo fingido.

A sra. V. pesquisou as capitais dos principais países do mundo. Xiii, com certeza é *um monte* de países! Mas, assim que ela leu tudo em voz alta pra mim, fiquei com as informações gravadas na minha cabeça.

– Qual é a capital da Hungria?

Eu sabia que a resposta era Budapeste antes mesmo de ela ler as alternativas.

A. Acra.

B. Berlim.

C. Nova Délhi.

D. Budapeste.

Eu apertei a letra *D.* , claro. A sra. V. não fez nem uma paradinha pra me dar os parabéns. Seguiu em frente.

Eu acertei que Tóquio era a capital do Japão, que Adis Abeba era a capital da Etiópia; Ottawa, a do Canadá, e Bogotá, a da Colômbia. Ela ficou me fazendo perguntas até o papai vir me buscar.

Enquanto a sra. V. guardava o Peludo e umas fraldas limpas na bolsa da Penny, explicou rapidamente o que tinha acontecido na escola e o que ela planejava fazer a respeito – que na verdade a gente já tava fazendo.

– Tem certeza? – perguntou ele. – E se a gente estiver fazendo ela participar de algo que está fadado ao fracasso?

Ela pode ficar ainda mais magoada.

– Tenho absoluta certeza – insistiu a sra. V. – A Melody pode ficar um pouquinho mais para estudar? Eu dou o jantar e levo ela pra casa daqui a umas duas horas. Aí vocês podem dar um pouco de atenção só pra Penny.

– Tudo bem por você? – o papai me perguntou.

– **Sim! Sim! Sim!** – digitei. – **Eu quero fazer isso!**

– Então vai fundo, minha Melody – disse o papai. Ele fez um sinal de positivo pra sra. V. e foi embora com a Penny.

Depois do jantar, a gente começou a estudar Ciências.

Aprendi que os ossos da perna são o fêmur, a tíbia, a patela ou rótula e a fíbula. Por que não dão uns nomes mais fáceis, tipo “osso do joelho” ou “osso fininho da perna”? Mas decorei todos.

Aprendi que os insetos são artrópodes e também têm tíbias!

– O estudo dos insetos é chamado de “entomologia” – explicou a sra. V. – Isso me deu uma ideia: vamos aprender todas as palavras que terminam com “logia”!

Eu coloquei a mão na cabeça e dei um gemido de dor, fingido. Por dentro, eu tava superentusiasmada.

– Qual destes termos refere-se ao estudo das palavras e de seus significados?

A. Bibliografia.

B. Arqueologia.

C. Histologia.

D. Lexicologia.

Pensei por um minuto. Eu sabia que era uma pegadinha.

Histologia lembrava *História* mas, por algum motivo, eu acho que tem a ver com pele. E *Bibliografia* tem a ver com livros, não com palavras. Digitei a letra *D*.

Desta vez ela me elogiou.

– Vamos pra casa, Melody. Atletas de ponta precisam dormir. Amanhã a gente continua.

Eu dei um sorriso de orelha a orelha. Cansada, mas cheia de energia ao mesmo tempo.

A sra. V. ligou pra Catherine e explicou a situação. Disse pra ela enfiar informação na minha cabeça e macarrão na minha boca durante o almoço. É claro que, na manhã seguinte, minha cuidadora mandou ver.

Enquanto a gente ficou na sala H-5, ouvi um audiolivro antigo sobre vulcões. O CD tava todo riscado e ficava pulando, mas apreendi algumas informações. Os vulcões têm esse nome por causa do deus romano do fogo, o Vulcano.

Essa até dava pra eu ter adivinhado. Apreendi sobre a lava e as cinzas. Apreendi que a cidade de Pompeia ficou toda coberta de lava quando o Vesúvio entrou em erupção.

Coisas surpreendentemente interessantes.

Ouvi audiolivros sobre a Austrália e a Rússia, sobre

constelações e planetas.

– Você aprendeu alguma coisa com essas peças de museu? – perguntou a Catherine, enquanto colocava outro audiolivro pra eu ouvir, sobre doenças.

– **Informação sempre bom** – digitei.

– Tô contigo. Ainda tá chateada com o que aconteceu na aula do sr. Dimming?

– **Apaguei da memória. Preciso de espaço pras informações** – digitei, com toda a calma.

Ela me fez um sinal de positivo.

– **Tô com um pouco de medo** – confessei. – **E se eu fizer bobagem?**

– Você consegue dar conta, Melody – disse ela, sem rodeios, enquanto arrumava meus fones de ouvido. – Com certeza é inteligente o bastante pra entrar na equipe.

– **Fica longe na hora da prova** – digitei. – **A Claire vai ficar na dela.**

– Pode crer! – disse a Catherine. E levantou a mão pra gente fazer um “toca aqui”. Eu não bati direito na mão dela – foi mais uma pegada melosa –, mas a gente pensava do mesmo jeito.

Com exceção da hora do almoço e do intervalo, eu ficava ouvindo CDs, e estudava com a Catherine o resto do tempo. Ela me fazia perguntas sobre acontecimentos históricos, datas e reis. E Matemática. É fácil memorizar palavras: elas entram fluindo na minha cabeça. Mas números afundam que nem pedras. Não sei por quê.

– Vamos de novo – disse a Catherine, supergentil, quando me confundi toda numa questão de Matemática sobre a velocidade de uns trens.

Ninguém mais anda de trem! Que importância isso tem? Mas ela insistiu até aquilo fazer sentido pra mim. Eu descobri que, se eu transformar os números em uma história ilustrada dentro da minha cabeça, as respostas vêm mais fácil. Transformei as somas em palavras. Que mágico!

Na hora das aulas inclusivas, sacudi a cabeça e disse pra Catherine que não queria ir. Eu queria ficar estudando.

Evidentemente, ninguém sentiu a minha falta. Ninguém mandou uma mensagem desesperada pra sala H-5 perguntando por que a Melody não foi à aula naquele dia. Ninguém pôs a cabeça na porta da nossa sala pra ver se eu tinha faltado ou tava doente ou, quem sabe, estivesse caída

no chão tendo uma convulsão.

Parece que ninguém tinha percebido mesmo.

CAPÍTULO 19

A semana passou voando. Eu estudava na escola todos os dias com a Catherine, depois da aula, com a sra. V., e em casa também. Eu revisei as palavras de todos os níveis do meu dispositivo. Treinei a ortografia de palavras longas e como associar datas e fatos históricos. Inventei meus próprios jogos. A mamãe me sabatinava sobre flores e termos médicos. O papai me fazia perguntas sobre economia, negócios, administração e esportes. Eu devorava tudo. Tem horas que eu sento no meu quarto e fico só digitando frases novas pra Elvira falar. Uma letra por vez. Demora horas. Mas, depois que a informação fica gravada na memória, eu só preciso apertar um botão, e a máquina diz a frase inteira por mim.

Acho que a pergunta que as pessoas mais me fazem, com muitas variações estranhas, é: “O que você tem?”. É comum as pessoas quererem saber se eu tô doente, com dor ou se a minha doença tem cura. Então preparei duas respostas: uma educada, mas meio complicada, e uma mais desbocada. Para

aqueles que demonstram uma preocupação genuína, aperto um botão e digo **“Eu tenho quadriplegia espástica bilateral, também conhecida como paralisia cerebral. Meu corpo é limitado, mas o meu cérebro, não”** . Acho essa última parte bem legal.

Para pessoas tipo a Claire e a Molly, eu digo: **“Todos nós temos deficiências. Qual é a sua?”** . Eu mal podia esperar para usar essa. Quando mostrei pra sra. V., ela riu tanto que soltou um grunhido.

Hoje é o sábado antes das eliminatórias, e tô sentada com a sra. V. no alpendre da casa dela. Vesti um casaco leve, mas esse é um daqueles raros dias quentinhos de fevereiro que enganam os jacintos. Eles pensam que a primavera já chegou. Tenho vontade de avisar os botões que aparecem, dizendo: *Esperem! Vai nevar na semana que vem. Fiquem quietos por mais um mês!* Mas, todos os anos, as flores apressadas tremem de frio quando cai a última nevada da estação.

A gente fica observando os tufos de nuvens que passam no céu. Um pintassilgo amarelo-canário tá empoleirado no corrimão do alpendre, olhando pro alimentador de pássaros

vazio pendurado em cima dele. Se pudesse falar, aposto que ele ia pedir sementes de cardo. E mais dias quentinhos como este.

– O que você faria se pudesse voar? – pergunta a sra. V., tirando os olhos do passarinho e se virando pra mim.

– **Isso cai no quiz?** – digo, sorrindo enquanto digitava.

– Acho que a gente já estudou de tudo, menos isso – responde ela, dando uma risadinha.

– **Eu teria medo de me jogar.**

– Por medo de cair?

– **Não, medo de ser tão bom que eu ia fugir voando** – leva um tempão pra eu digitar essa resposta.

Ela fica em silêncio por um tempão e diz:

– Você é um passarinho, Melody. E *vai* voar na segunda-feira, quando fizer o teste.

Ouçó a porta da nossa casa bater e abano pro papai e pra mamãe, que estão se aproximando. A Toffee, toda feliz porque está sem a guia, anda bem junto deles, cheirando todas as árvores.

A Penny caminha com tanta determinação! Ela sorri, faz careta, depois sorri, depois faz careta de novo, se

concentrando pra atravessar a distância que separa as nossas casas e subir os degraus com as duas mãos e os dois pés. Ela tá com aquela jaqueta de inverno acolchoada e o chapéu do dia: um negócio de palha azul que tá todo amassado e torto de tanto ela sentar em cima. E vem arrastando o pobre do Peludo, claro.

– Dii-Dii! – grita ela, quando chega ao último degrau.

Ainda fico abismada de ver a facilidade com que ela faz as coisas.

Toco a manga do vestido da sra. V., pensando na pergunta que ela me fez há pouco.

– **Liberdade** – digito, apontando para a Penny. –

Liberdade.

A sra. Valência balança a cabeça, concordando. Ela me entende.

– Que dia maravilhoso! – diz a mamãe, respirando fundo. –

Você acha que o inverno acabou?

– **Vem mais frio por aí** – digito.

– Tem razão, mas hoje com certeza é uma boa amostra da primavera – concorda ela, abrindo o fecho da jaqueta da Penny. – E a equipe de estudo está fazendo progresso?

A Toffee fica deitada no fim da escada. Juro que parece que a cachorra tá sorrindo.

– **Sim** – digo através do Medi-Talker.

– Você é incrível, Violeta – fala a mamãe. – O tempo e o trabalho que você dedicou para ensiná-la e prepará-la pra essa prova, e... – ela interrompe o que estava dizendo e começa a piscar muito. – Você deve ter ensinado *milhares* de palavras pra ela.

– Ninguém acha incrível quando a Penny absorve informações e aprende milhares de palavras – responde a sra. V., dando de ombros. – A Melody é exatamente igual. A mamãe balança a cabeça, concordando.

– Eu sei que você tem razão, mas... mas... é tão *mais difícil* pra Melody.

– Não, é mais difícil *pra nós*. A gente tem que adivinhar o que passa na cabeça dela.

Me canso de ouvir elas falarem de mim como se eu não estivesse ali. Coloco o volume da minha máquina no máximo e falo:

– **Vamos comer** *cook ies*.

– *Cook ies!* – repete a Penny.

A sra. V. fica de pé.

– Tô te ouvindo, Penny querida. Deixa eu encontrar um docinho pra gente – quando vai em direção à casa dela, vira pra mamãe e diz: – A senhorita Melody aqui sempre fez meu coração bater mais forte.

– **Enfarto!** – digito.

Com essa, as duas caíram na risada.

A sra. V. logo volta com um prato de *cook ies* com gotas de chocolate bem quentinhos e dois daqueles copos de criança com tampinha cheios de leite com figuras de princesas. Odeio ter que admitir isso, mas é mais fácil eu beber se usar um copo desses.

– *Cook ies!* – grita a Penny. Então estende a mão em direção ao prato, mas a mamãe segura o braço dela.

Nossa vizinha alcança dois *cook ies* embrulhados numa toalha de papel pra mamãe. Ela sopra um e dá para a Penny, que coloca o negócio inteiro na boca.

– Olha, a minha Penny é um porquinho – diz a minha mãe, dando risada.

A sra. Valência quebra o meu *cook ie* em pedaços e coloca um deles na minha boca. Eu sou mais fã de caramelo, mas

e s s e s *cookies* devem ter vindo direto do paraíso do chocolate. Eu vou engolindo, e ela me dá uns goles de leite frio . *Cook ie* combina tanto com leite! Nem preciso fazer esforço pra mastigar. Eu adoraria ter controle dos meus movimentos pra conseguir comer sozinha, mas essa é só mais uma coisinha na minha lista de desejos. Ao lado de caminhar, ir sozinha ao banheiro e – isso mesmo – voar. Interrompendo os meus pensamentos, a sra. V. pergunta:
– Que continente tem a maior produção de cacau, que é utilizado na fabricação do chocolate?

– **África** – digito.

Ela balança a cabeça e me dá mais um gole de leite.

– E qual estado é o maior produtor de leite?

– **Califórnia** – respondo.

– Acho que você tá pronta.

A mamãe chega mais perto, passa a mão no meu queixo e diz:

– Você vai arrasar na segunda-feira.

– **E depois?** – digito.

– Depois você vai se candidatar à presidência da República! – interfere a sra. Valência.

– **Ah, tá.**

Bem nessa hora o papai chega de carro. Cara! Esse carro velho precisa muito passar no lava-rápido!

– Acho que o Chuck saiu mais cedo hoje – diz a mamãe, toda contente. – Quem sabe a gente consegue jantar mais cedo.

O meu pai sai do carro, se espreguiça e acena pra gente.

A Penny se anima toda.

– Papai! – grita ela.

De pé, ela olha pra gente com um sorrisinho demoníaco.

– Não se atreva! – avisa a sra. V., com aquele tom de “tô falando sério” que ela faz.

Minha irmã ignora e diz:

– Vou tchau tchau no carro!

Ela *ama* andar de carro. A gente pode ir pra qualquer lugar

– no mercado, no correio –, desde que ela sente na cadeirinha dela, no banco de trás. Isso não faz muito sentido pra mim: a Penny cai no sono assim que a gente vira a primeira esquina.

Ela sai correndo e desce de bunda uns dois degraus, depois mais dois, esperando pra ver a reação da mamãe.

– Penny Marie Brooks, volte já aqui! – grita ela. Quando a minha mãe chama a gente pelos três nomes é porque a coisa é séria.

Minha irmã chega ao fim da escada, vira pra trás pra encarar a gente, dá um sorriso malicioso e diz:

– Vê o papai! Precisa i trabalhá!

E vai na direção do papai, correndo o mais rápido que consegue com aquelas perninhas dela.

A mamãe, é claro, tem outros planos. E a Toffee também.

Ela dá um pulo, três latidas curtas – tipo que nem a minha mãe, falando os três nomes – e anda calmamente até a Penny, bloqueando a passagem.

– Boa menina – diz a mamãe. – Volta aqui, carinha de *cookie*! – A essa hora, ela já tinha descido os degraus correndo pra buscar a minha irmã. – Essa criança – diz pro meu pai, que está vindo bem devagar na nossa direção – parece um daqueles escapistas, que se livram de correntes e tudo mais. Eu precisava ter oito olhos pra cuidar dela! Aí limpa o chocolate da cara da Penny e dá um apertão nela.

– Ainda bem que você tem a Toffee – disse o papai,

fazendo carinho na cabeça da cachorra. – E como vai a minha moedinha cor de cobre hoje?

O papai dá um beijo na bochecha da mamãe e pega a Penny. A minha irmã dá um jeito de limpar a mão suja de chocolate na camisa dele.

– Isso é tudo o que eu sempre quis – diz o meu pai, olhando para baixo. – Roupas cobertas de chocolate!

O guardanapo que a sra. V. alcançou só espalha mais a sujeira. Ele dá risada.

– I trabalhá, papai?

– O papai acabou de chegar. Me dá um tempo, filhota. – Ele devolve a Penny com cuidado pra sra. Valência e senta com a mamãe no balanço do alpendre. – E como vai a minha querida Melody?

– **Super bem** – digito.

– Preparada pro campeonato?

– **Com certeza.**

O papai levanta do balanço e se agacha na minha frente.

– Você vai gabaritar aquela prova e entrar na equipe!

Dá pra perceber que ele tá sendo sincero.

Eu acredito em mim. E a minha família também. E a sra. V.

O resto do mundo... não sei, não.

CAPÍTULO 20

Eu acertei a previsão do tempo pra hoje. Espero que os brotos das íris tenham cobertorzinhos de lã, porque a temperatura caiu abaixo de zero. A nossa sala de aula estava gelada quando a gente entrou, de manhã.

Como toda segunda-feira, os alto-falantes da sala comunicaram os anúncios de sempre: venda de bolos pra arrecadar fundos e treino de futebol. É difícil alguém da sala H-5 prestar atenção neles. Nem a sra. Shannon para pra escutar, porque a nossa manhã é uma loucura.

A sra. Shannon conseguiu descolar um videogame com sensor de movimento pra gente – não sei como. O Willy *ama* o joguinho de beisebol. Já aprendi a não ficar por perto quando ele finge jogar a bola olhando pra tela. Às vezes as rebatidas dele são meio amplas.

– Acertei a bola! – grita ele, triunfante, correndo pela sala de aula, como se ela fosse um campo e ele tivesse que percorrer todas as bases. Nem o Freddy consegue acompanhar o ritmo dele.

Eu costumo ficar sentada no canto com os meus fones de

ouvido, tentando me isolar do barulho.

Mas hoje escutei o boletim com toda a atenção. Meu coração acelerou, e sacudi os braços de animação quando ouvi a diretora dizer:

– Todos os alunos que quiserem participar da seleção para a equipe que vai disputar o campeonato Gênios do Quiz devem comparecer à sala do sr. Dimming depois da aula.

Passei o dia inteiro nervosa. Não contei pra Rose o que eu pretendia fazer. Pensei em contar, mas resolvi não fazer isso.

E se ela dissesse que era uma ideia ridícula? Acho que eu não ia aguentar.

Derramei sopa de tomate por toda a blusa na hora do almoço. A Catherine até tentou limpar, mas não tem como tirar aquela mancha vermelha de uma blusa branca. Fiquei me sentindo uma porcalhona. Eu devia ter pensado nisso de manhã. Podia ter *pedido* pra mamãe colocar mais uma muda de roupa na minha mochila. Ainda é difícil de lembrar que agora tenho como *dizer* esse tipo de coisa.

Não fui pra nenhuma das aulas inclusivas. Eu queria estudar até o último minuto. Mas, assim que o último sinal tocou, agarrei o braço da Catherine.

– **Rápido!** – digitei. – **Pra sala do sr. D.**

Apesar de eu estar na cadeira de rodas elétrica, colocamos no modo manual pra ela poder me empurrar. Tô nervosa demais pra dirigir.

Quando a gente chegou na sala do sr. Dimming, um pessoal da minha aula de História já tava lá, sussurrando e repassando as anotações. Eles fizeram cara de surpresa quando a Catherine empurrou minha cadeira pela porta.

– Oi, Melody – disse a Rose. – O que você tá fazendo aqui? – a voz dela não tinha aquele tom simpático de sempre.

– **Equipe de quiz** – digitei.

– Ela não pode fazer parte da equipe – ouvi a Claire sussurrar pra Jéssica, torcendo o nariz. – Ela é da sala dos retardados!

A Molly achou muito engraçado. Ela grunhe que nem um porco quando ri.

Decidi ignorar apesar de sentir a raiva crescendo dentro de mim. Preciso de foco. Um monte de alunos se apresenta na sala, do quinto e do sexto ano. Não conheço os do sexto muito bem: o intervalo deles é em outro horário. Será que eles são mais inteligentes? Afinal, tiveram mais tempo pra

aprender.

Meia dúzia de alunos aponta pra mim e cochicha. O sr.

Dimming entra, apressado, carregando uma pilha de papéis lacrados num plástico. Passa os olhos pela sala pra ver quem tinha comparecido e enrug a testa de leve quando me vê.

Mas coloca os papéis na mesa e nos cumprimenta.

– Sejam bem-vindos. Fico muito feliz que tantos de vocês tenham decidido participar da seleção. Será um desafio divertido. Antes que a gente comece, alguém tem alguma pergunta?

É claro que o Connor levanta a mão.

– Sim, Connor – diz sr. Dimming, dando um suspiro profundo, de brincadeira.

– Ahn, a gente vai tipo ganhar pizza que nem no treino do ano passado?

– Você não acha que antes precisa ser selecionado pra equipe? – grita o Rodney, que é amigo dele.

– O Rodney tem razão. Vamos fazer uma coisa de cada vez

– responde o professor.

Ele levanta a pilha de papéis da mesa e a segura como se fosse um tesouro.

– Tenho em minhas mãos as questões oficiais do teste, vindas diretamente do comitê nacional do campeonato Gênios do Quiz, em Washington. Vou ler as perguntas para vocês, do mesmo jeito que fazem no campeonato de verdade, e então...

Ele para de falar e fica olhando pro nada.

Todo mundo fica olhando em volta pra descobrir o que foi que o interrompeu. Fui eu.

O sr. Dimming fica batendo na pilha de papéis por um tempo, limpa a garganta e se dirige à Catherine.

– Sabe, não acho que seja muito apropriado a Melody estar aqui. Esta não é uma atividade de recreação, só de brincadeira. A finalidade deste encontro é selecionar a equipe oficial.

Ele nem fala comigo. Olha direto por cima da minha cabeça, como se eu fosse invisível. Aí eu fico furiosa de verdade.

Aumento o volume da minha máquina e digo:

– **Tô aqui pra participar da seleção.**

O sr. Dimming pisca os olhos e fala:

– Melody, não quero que você fique magoada. A prova é muito difícil.

– **Eu sou muito inteligente.**

– Eu só não quero que você fique chateada, Melody.

O tom dele parece sincero.

– **Sou durona** – digito.

– É isso aí, garota! – solta a Rose, na frente da sala.

Uns poucos alunos batem palmas de incentivo. Isso me faz sentir um pouquinho melhor. Só um pouquinho.

A Catherine resolve falar.

– Pela lei, ela não pode ser excluída. O senhor sabe disso.

– Sim, mas...

– Leia as questões para os alunos assim como havia planejado. Eles vão escrever as respostas no caderno, e a Melody vai gravar as respostas dela, depois imprimi-las para o senhor.

– E como vamos saber que você não está soprando as respostas para ela?

– Eu não vou ficar na sala. O que é uma pena, porque *você* pode precisar de ajuda! – Catherine dá um sorriso para a Claire, mas ela vira a cara.

Eu digo:

– **Pode ir.** – Quase dou um empurrão nela. – **Obrigada.**

– A sua mãe vem te buscar?

– **Sim.**

– Boa sorte, Melody. Você é a minha campeã, aconteça o que acontecer. Entendeu?

– **Entendi** – dou um tchauzinho com a mão quando ela sai da sala.

O sr. Dimming encolhe os ombros e continua a passar as instruções.

– São cem questões. Vou ler o enunciado e cada uma das alternativas uma vez só. Vocês terão trinta segundos para anotar a resposta. Por favor, escrevam apenas a letra maiúscula: *A, B, C, D* e às vezes *E*. Alguma pergunta?

A Claire levantou a mão bem alto.

– Sim?

– Como é que a gente vai saber se a Melody não tem as respostas gravadas no computador dela? A gente, tipo, as pessoas normais, não pode usar computador.

– Por que você tá tão preocupada com a Melody? – a Rose respondeu antes de o sr. D. ter a chance de abrir a boca. – Tá com medo que ela faça mais pontos do que você?

– Sem chance!

– Então fica quieta pra gente poder começar.

O sr. Dimming deu um sorriso pra Rose.

– Alunos, peguem duas folhas de papel. Uma para anotar as respostas. A outra para cobri-las. Acreditamos que todo mundo aqui é honesto, mas uma folha de papel a mais não faz mal a ninguém.

Todo mundo se vira pra encontrar papel e caneta. Uma sensação de expectativa silenciosa toma conta da sala. O professor quebra o lacre do teste oficial e abre a primeira página.

– Vamos começar – diz ele, fazendo um tom oficial *de verdade* de uma hora pra outra. – Número um. A capital da Colômbia é:

A. Bruxelas.

B. Santiago.

C. Bogotá.

D. Jacarta.

Ele faz uma pausa pra todo mundo anotar a resposta. Eu aperto a letra C. Ah, bendita sra. V. e suas fichas sobre as capitais do mundo!

– Número dois – continua o professor. – “Gerontologia” é

o estudo:

A. Do envelhecimento.

B. Dos gerúndios.

C. Dos germes.

D. Das rochas e pedras preciosas.

Aperto a letra A. Tudo certo até aqui.

O teste ainda levou mais uns trinta minutos. O sr. Dimming fez perguntas sobre átomos e nuvens, peixes e mamíferos, religiões populares e presidentes mortos. Eu tinha certeza de algumas respostas. Chutei outras. As questões de Matemática me fizeram suar. Essa é a coisa mais difícil e mais excitante que eu já fiz.

A última questão é de matar.

– E a número cem – diz o sr. D., com um tom de alívio –

Qual seria o comprimento aproximado do intestino delgado de um adulto médio, se fosse esticado verticalmente?

A. De 20 a 30 centímetros.

B. De 35 a 60 centímetros.

C. De 150 a 200 centímetros.

D. De 600 a 900 centímetros.

Aperto a letra D, rezando pra ter chutado certo, e dou um

suspiro de alívio. Acabou.

– Larguem os lápis, por favor – ordena o professor. –

Verifiquem se escreveram seu nome no papel, cubram as respostas com a outra folha e passem para mim.

Enquanto todo mundo se apressa para arrumar os papéis e escrever o nome, eu aperto o botão de imprimir do meu Medi-Talker. Uma folha estreita com as minhas respostas aparece ao lado da máquina. O sr. Dimming chega perto e arranca o papel. Ele nem olha pra mim.

– Acabamos – diz ele pra classe. – Avisamos o horário pros pais de vocês virem. Mas, se alguém não tiver com quem ir para casa, me avise. Não vou sair do prédio até todo mundo ir embora em segurança.

Sou a última a sair. Sei que a minha mãe deve vir me buscar, mas quero sair da sala sozinha. Ligo a minha cadeira e viro pra porta.

– Melody – o sr. D. me chama.

Eu dou meia-volta.

– Espero que você não se sinta desanimada com tudo isso. Eu estava apenas tentando te proteger, não queria que você se magoasse.

– **Tô bem.**

– Amanhã vou divulgar os resultados e os nomes de quem entrou na equipe. Só não quero que você fique decepcionada.

– **Entendo. As oito notas mais altas serão selecionadas?**

– Sim. Quatro titulares e quatro reservas.

Tô cansada e começo a babar um pouco. Tenho certeza de que ele acha que eu sou uma anta – melada, ainda por cima. Acho que a mancha vermelha na minha blusa tá gritando.

– **Ok. Boa noite.**

– Boa noite, Melody. Até amanhã. E... ahn... É melhor você limpar a boca.

Passo a manga da blusa nos meus lábios. A manga da blusa manchada de tomate. Dá pra imaginar o que ele deve estar pensando.

Eu quase atropelo a minha mãe, que entrou toda apressada.

– Como é que foi, querida? – pergunta ela, sem fôlego.

– **Bem, acho eu.**

Ela diz pro sr. D.:

– Obrigada por ter dado uma oportunidade pra ela

participar.

– O prazer foi meu, sra. Brooks. A Melody é um encanto, e estou impressionado com o desempenho dela.

Ah, tá. Um encanto de boca babada e blusa suja.

– **Vambora, mãe** – digito.

Preciso ir ao banheiro e quero ir pra casa.

CAPÍTULO 21

Ir ao banheiro na escola é simplesmente um saco. Alguém precisa me tirar da cadeira, colocar na privada e me segurar pra eu não cair. Depois tem que me limpar.

Até que não é tão ruim quando a mamãe faz isso. Mas, quando tem que ser um cuidador, é horrível. Por lei, a pessoa tem que usar luvas descartáveis – acho que é para o caso de eu ter alguma infecção ou doença. É completamente constrangedor. Normalmente, eu não tenho vontade de ir ao banheiro logo que acordo, mas esta terça-feira tô tão nervosa que peço pra ir duas vezes.

Assisto a todas as minhas aulas inclusivas. Os alunos que participaram da seleção para a equipe de *quiz* não param de tagarelar sobre a prova. Eu escuto cada palavra.

– Nem acreditei que tava tão fácil – o Connor conta

vantagem.

– Aposto que fiz mais pontos do que você – diz a Claire, toda convencida.

– Não sei de que mapa eles tiraram aquelas questões de Geografia – completa a Rose. – Tem uns países que eu nunca ouvi falar.

A Jéssica sacode a cabeça:

– A parte de Matemática também não foi brincadeira.

– Nem acredito que a gente *dá bola* pra essa seleção idiota da equipe de *quiz* – comenta o Rodney.

– É por que o campeonato passa *na TV*, cara! – explica o Connor. – Dão destaque na cobertura da TV local e, se a gente chegar na final, a gente vai pra Washington, e vai passar no país inteiro. Se a gente ganhar, pode aparecer como convidado num dos maiores campeões de audiência de todos os tempos, o *Bom dia, América*. Minha avó da Filadélfia e a minha tia de São Francisco vão me assistir. Vou ficar famoso!

– Como assim *se* a gente ganhar, Connor? – pergunta a Claire. – Você não quis dizer *quando* a gente arrasar no campeonato?

– Sim, com certeza. Já até comprei uma roupa nova pra aparecer na TV.

A Rose revira os olhos e diz:

– Achei que era uma competição em equipe, Connor.

– Ei! Essa equipe não é nada sem mim! – responde ele, levantando a mão, pra todo mundo fazer um “toca aqui”.

Eu só fico ouvindo em silêncio, lá no fundo. Quando o sinal toca pra aula do sr. Dimming, fico suando nas mãos.

A Catherine empurra a minha cadeira pra dentro da sala e sussurra no meu ouvido:

– Relaxa. Você arrasa.

O sr. D. pede pra turma ficar em silêncio e faz a chamada.

Por que os professores vão tão devagar quando a gente tá ansioso pra eles fazerem alguma coisa?

Finalmente, ele tira uma folha de papel da pasta.

– Corrigi os testes de vocês ontem à noite e, já que muitos dos que participaram das eliminatórias estão aqui na sala, vou dizer os resultados agora. Os professores de outras turmas cujos alunos participaram da seleção também receberam esta lista e estão lendo os resultados neste exato momento.

– Lê logo a lista, então! – grita o Connor, levantando da cadeira.

– Se o comportamento em classe fosse um fator determinante para entrar na equipe, Connor, você se daria mal – disse o sr. Dimming. – Por favor, fique quieto por um momento.

Isso cala a boca do Connor, e ele se joga de volta na cadeira.

– Antes de mais nada, tenho muito orgulho de todos os participantes. Era um grande desafio, e vocês se saíram extremamente bem.

A Rose levanta a mão.

– Sim, Rose?

– A gente pode ver as perguntas e as respostas depois pra saber onde errou?

– Claro. Na verdade, vamos usar esse teste como ferramenta de estudo para o campeonato de verdade. Mas todos podem ver o teste e checar as respostas.

– *Por favor*, lê os nomes – disse o Connor.

Nunca vi o cara ser tão educado.

O sr. Dimming dá um sorriso.

– Ok. Vamos lá. Vou ler os nomes dos reservas primeiro.

Dois alunos do quinto ano. Dois do sexto. Amanda Firestone. Molly North. Elena Rodriguez. Rodney Mosul.

Tô arrasada. Como é que eu posso ter errado tantas questões? Vai ver meu dedão escorregou, e eu apertei as letras erradas. A Catherine segura a minha mão.

A Molly e o Rodney gritam de alegria. Amanda e Elena são do sexto ano. O Connor está visivelmente quieto.

– E agora – continua o professor –, o nome dos quatro alunos que fizeram mais pontos e vão representar a escola na eliminatória local. Os reservas vão acompanhá-los e serão convocados caso um dos competidores não possa participar. Estão prontos?

– Prontos – diz o Connor, baixinho.

Vi que ele estava com os dedos cruzados atrás das costas.

– Tenho o orgulho de anunciar que todos os quatro são da nossa classe – então faz uma pausa. – Saber que todos os finalistas são do quinto ano me deixa extremamente orgulhoso. Parabéns, pessoal!

– A gente mandou melhor que o sexto ano? Demais! – disse o Rodney. – Agora leia os nomes antes que o Connor

comece a fazer xixi nas calças!

O Connor estica o braço e dá um tapa na cabeça do Rodney.

O sr. Dimming respira fundo e anuncia:

– Os quatro melhores resultados, que farão parte da equipe de *quiz* são... Connor Bates...

O Connor interrompe, soltando um grito de comemoração, claro.

– E se me permitem que eu continue – diz o sr. D., olhando por cima dos óculos – temos o prazer de dar as boas-vindas a Claire Wilson e Rose Spencer.

O sorriso da Claire é tão presunçoso!

– Mas o senhor só falou três nomes – disse o Connor, olhando em volta, com cara de confuso.

– Eu sei contar, Connor – respondeu o sr. Dimming, secamente.

– Então qual é o nome do último integrante da equipe? – pergunta a Molly.

Boletim do terremoto: o cara do tempo da TV sente uma atividade estranha vinda de uma escola local. Seria o coração de uma garota batendo forte demais?

O professor limpa a garganta e prossegue:

– Preciso me desculpar. Acho que todos nós subestimamos uma aluna desta classe.

Boletim do terremoto: este é o maior evento de todos os tempos

Ele continua:

– Nos quinze anos que coordeno este campeonato, *nunca* vi um aluno gabaritar a prova de treino. É um teste preparado para ser especialmente desafiador, para eliminar os participantes mais fracos. Resumindo: é muito difícil.

– Nem me fala – resmunga o Connor.

– Quando a Melody Brooks participou desse teste na semana passada, pensei que tinha sido uma feliz coincidência ela ter se saído tão bem. Mas, ontem, a Melody nos deixou sem palavras. Ela acertou todas as questões.

O sr. D. faz uma pausa, pra ter certeza de que todo mundo tava acompanhando, e repete:

– Todas, sem exceção.

Boletim do terremoto: as paredes não param de ruir!

– Então ela vai entrar na equipe? – pergunta a Rose, com tom incrédulo.

– Sim, ela está na equipe.

– Mas... mas... a nossa equipe vai ficar esquisita –
argumenta a Claire. – Todo mundo vai ficar olhando pra gente!

– Não quero saber desse tipo de conversa, entenderam? –
disse o sr. D., de um jeito severo. – Estou muito orgulhoso da Melody. Me arrependo de tê-la subestimado e fico muito feliz que ela faça parte da nossa equipe.

Boletim do terremoto: chamem os paramédicos. Uma menina do quinto ano está prestes a explodir.

Todo mundo na sala olha pra mim. A Catherine me dá um abraço. A Rose me dá um sorrisinho, e eu tento não chutar nem babar pros meus colegas não se arrependerem de eu fazer parte da equipe deles.

– Mas o pessoal do Gênios do Quiz vai deixar a Melody participar? – pergunta a Molly.

O sr. Dimming fica ponderando e diz:

– Vou contatar os representantes do campeonato e avisá-los das nossas circunstâncias especiais. Mas isso não é problema seu. Agora ouçam! Os integrantes da equipe vão se reunir todos os dias depois da aula, por duas horas,

durante as próximas duas semanas, até a primeira eliminatória. Os treinos são obrigatórios. Aqui está a papelada para os seus pais lerem e assinarem. Preciso disso de volta amanhã.

Boletim do terremoto: abalos secundários de grande magnitude devem ocorrer. Nunca se viu nada parecido.

Quanto mais eu penso, mais animada eu fico. TV! Pressão! Gente olhando pra mim! Sinto meu corpo ficando tenso e rígido. Os braços e as pernas começam a fazer a dança do tornado espasmico. A cabeça sacode. Eu tento evitar, mas acabo soltando uns gritinhos – só um pouquinho.

Todo mundo se vira. Vejo a Molly e a Claire sacudindo as mãos, chutando as pernas e fazendo barulhos esquisitos.

Alguns dão uma risadinha. A expressão do sr. Dimming vai ficando séria.

Foco toda minha energia no meu dedão e aponto o **Ir**.

A Catherine entende o recado e me empurra correndo pra fora dali.

Eu quero encontrar um buraco pra me enfiar.

CAPÍTULO 22

Aquelas duas semanas passaram como um furacão.

Apesar de ter dado um showzinho de esquisitice na terça-feira do anúncio do resultado, apareci no treino no dia seguinte, como se nada tivesse acontecido. E talvez não tenha acontecido nada mesmo. Eu só estava sendo quem eu sou. Não sei o que os outros acharam. Ninguém disse nada. Como os outros integrantes – reservas e titulares – fiquei todos os dias depois da aula para treinar, das 13h50 até quase 18h.

Eu ainda não conseguia acreditar que fazia parte da equipe. Ok. Verdade. Tinha a equipe e tinha eu, e a gente tava na mesma sala. Mas não era exatamente uma equipe. Eles até reconheciam que eu acertava a maioria das respostas, mas...

Quando o sr. Dimming nos dava questões de múltipla escolha, eu só tinha que pensar por um instante, depois apertar a letra certa na minha máquina. Mas a preparação também envolvia umas discussões meio bate e volta, e eu não conseguia acrescentar nada ao debate. Quase nunca.

– O som que o porco faz se chama “grunhido” – anunciou o Connor um dia, chupando um pirulito.

– Taí uma palavra boa pra Melody – disse a Claire,

roubando o pirulito dele.

Eu não podia responder, e ninguém se deu ao trabalho de fazer isso por mim.

– E como é que se chama a letra que não é maiúscula? – perguntou a Elena.

Ninguém entendeu direito por que ela tava perguntando isso. E a resposta era muito grande pra eu digitar.

– Minúscula – foi logo respondendo a Amanda. – Como a inteligência de certos alunos do quinto ano.

– Aaah, toma! – disse o Rodney.

Eu já tinha planejado digitar *toma!* quando ele disse isso, mas fui muito lerda. O grupo já tinha passado pra próxima.

Nossa! Eles falam muito rápido.

– Quem foi a primeira criança a nascer nas colônias americanas? – perguntou Rose, com uma pilha enorme de fichas na mão.

– Virginia Dare – respondeu a Elena. – Tá bom, minha vez, – ela escolheu uma das suas próprias fichas (organizadas por cor). – Quem foi a primeira miss América?

– Isso aí é ridículo – disse o Connor. – Eles não vão perguntar essas idiotices de menininha.

– Você não sabe a resposta? – perguntou a Claire.

– É claro que eu sei – retrucou o Connor, bufando. – Foi a Margaret Gorman, em 1921. Ela tinha dezesseis anos e devia ser mais bonita do que você! – Ele e o Rodney foram os únicos que deram risada.

Aí o Rodney atacou.

– Eu tenho uma questão nojenta. O que é “pediculose”?

Sem piscar, a Rose respondeu:

– É ficar com o couro cabeludo cheio de piolhos! Eca!

Você sabe dessa por experiência própria?

– É claro que não. Eu só tava procurando uma palavra difícil – disse o Rodney. Ele e o Connor não deram risada desta vez.

– Se você quer uma palavra difícil, eu tenho – disse a Amanda. – O que é “hexadactilismo”?

Todo mundo teve que ficar pensando nessa resposta, então deu tempo de eu apertar o número 6 e digitar a palavra dedos. Em seguida, apertei o *play* pra eles ouvirem a minha resposta.

– Boa, Melody – falou a Elena.

– Como é que ela sabe de tudo isso? – sussurrou a Claire

no ouvido da Rose.

– Ela é inteligente! – respondeu a Rose, pegando mais fichas.

– Mas ela vai ficar esquisita na TV, você não acha? – continuou a Claire, como se eu não estivesse ouvindo.

Eu tava preparada. Já tinha digitado duas ou três coisinhas na noite anterior. Só precisei apertar um botão.

– **Um monte de gente fica esquisita na TV** – fez o computador dizer. – **Talvez até você fique, Claire.**

– Uuuuu. Tomou, hein? – vaiou o Connor. – Mandou bem, Melody!

Mas esse momento passou tão rápido quanto chegou. A equipe continuou a toda, compartilhando conhecimento e habilidades. No ritmo que eles iam, não tinha jeito de eu entrar na roda. Mas eu ficava ouvindo e memorizando tudo.

– Qual é a única pedra que flutua?

– Pedra-pomes.

– Quantos cromossomos tem um ser humano?

– Quarenta e seis.

– Qual foi o primeiro estado dos EUA a permitir o voto feminino?

– Wyoming.

– Qual é o primeiro nome do sr. Dimming?

– Wallace!

Essa fez todo mundo morrer de rir.

No final de cada treino, o sr. Dimming passava mais um *quiz* oficial vindo do comitê nacional. Esses testes eram de múltipla escolha, então eu sempre ia bem, mas queria ser igual ao resto da turma.

Uma quinta-feira, no meio do treino, a mãe da Rose mandou entregar pizza pra todo mundo lá na escola.

– A sua mãe é o máximo – disse o Connor.

– Você é que é fácil de agradar, Connor – respondeu a Rose, dando risada.

Todo mundo correu pra pegar as fatias quentes e com cheiro apimentado – devia ser de *pepperoni* – da caixa. Eu tava morrendo de fome, como o resto do grupo, mas continuei ali, sentada.

– Você não quer pizza? – perguntou a Elena. – Vou pegar um pedaço pra você.

Ela nunca falava muita coisa durante o treino, mas fazia um monte de anotações e, normalmente, ia superbem nos testes.

– **Sem fome.**

Como é que eu ia explicar pra ela que, sem a Catherine ou minha mãe ou a sra. V. pra me ajudar, eu não conseguia comer? Eu tinha que ganhar comida na boca que nem um bebê. E mesmo assim, fazia a maior bagunça.

Quando a minha mãe veio me buscar, perguntou se eu queria parar na pizzaria que tinha no caminho.

Eu só sacudi a cabeça.

CAPÍTULO 23

O dia do campeonato de verdade amanheceu claro e gelado.

Fiquei tremendo naquele ar do começo de março com a sra.

V. enquanto esperava o ônibus vir me buscar. A minha jaqueta é gostosa. A gente decidiu usar minha cadeira manual hoje, porque a elétrica é meio pesada demais pra mamãe empurrar sozinha, mesmo com aquela rampinha do carro.

– Preparada, Mello Yello? – pergunta a sra. V.

– **Com certeza!**

– Você não acha que a sua cabeça vai explodir de tanta informação guardada dentro dela?

– **Com certeza!** – dou um sorriso pra ela.

– Você se sairá bem. Muito bem. Muito mais do que bem.

Provavelmente vai arrasar – diz a sra. V.

– **Com certeza!** – aperto de novo o botão.

– A gente vai estar lá na plateia, torcendo por você.

– **E a equipe?**

– Tem mais gente na equipe? – diz ela, batendo na própria testa. – Achei que você era uma artista solo!

– **E as equipes das outras escolas?**

– Não se preocupa. Você é mais inteligente do que todas elas juntas! A gente vai ficar gritando o mais alto que puder, eu, a sua mãe, o seu pai e a Penny.

– **Tô bem?**

A sra. Valência me olha de cima a baixo e diz:

– Tá parecendo uma estrela da TV! A sua mãe colocou mais uma blusa na mochila, só por precaução. A Catherine sabe o que ela tem que fazer.

Tô feliz que a Catherine vai com a gente, e acho que o sr.

Dimming também.

– **Repassa o plano comigo.**

– A sua mãe vai te buscar na escola, te dar uma coisinha pra comer e te levar pro estúdio de TV quinze minutos antes

de os outros competidores chegarem. Eu, a Penny e o seu pai vamos te encontrar lá.

– **Os caras da TV não vão pirar quando me virem?**

– Eles se prepararam bem pra te receber. Pra falar a verdade, talvez alguns repórteres que estiverem por lá venham falar com você.

– **Comigo? Por quê?**

Não posso nem imaginar por que algum jornalista ia querer conversar com alguém que só consegue falar usando uma máquina. Que chato.

– Você é uma maravilhosa “reportagem de interesse humano”, como eles dizem. Outras pessoas podem se interessar em saber mais sobre você.

– **Eles não vão me zoar?**

Só de pensar nisso já começo a suar nas mãos.

A sra. V. segura a minha mão e diz:

– Nem um pouco. Eles vão te admirar, com certeza. Você é o Stephen Hawking da Escola de Ensino Fundamental da Rua Spaulding! Eles têm sorte!

– **Tomara.**

– O seu ônibus chegou. Tenha um dia maravilhoso,

Melody. Te vejo à noite.

Dei um jeito de passar o dia sem derramar nada na minha roupa, e fiquei aliviada de ver a mamãe quando o último sinal tocou. Depois de comer macarrão com molho de queijo e purê de maçã rapidinho no carro – que esperta a mamãe, nada vermelho – pegamos a direção do centro da cidade. Encontramos uma vaga pra deficientes bem na frente do estúdio. E, depois do costumeiro desembarcar a cadeira pela rampa do carro, me sentar nela, afivelar todos os cintos e conectar a Elvira, a mamãe me empurrou lá pra dentro. A recepcionista, uma mulher gordinha e simpática, usando um monte de maquiagem e de cabelo arrepiado, nos mostra o caminho até o palco.

Tive que piscar um pouco pra entender. Tudo o que a gente vê na TV é falso. Bato o olho no lugar de onde eles transmitem o noticiário. Quando eu assisto em casa, parece que os apresentadores ficam sentados na frente de uma janela gigante, que mostra todo o centro da cidade. Mas aquilo é só um quadro, bem pequeno. A mesa onde eles sentam também: de casa, parece muito maior.

Reconheço os apresentadores dos programas que sempre

assisto. Não dá pra acreditar como a mulher da manhã é *magra*. Na TV, ela parece normal. Vou parecer um balão enorme quando as câmeras me mostrarem.

E por falar em câmeras, elas são gigantes. Parecem enormes seres do espaço, pretos, mecânicos e sobre rodas. Caras de fones de ouvido e mulheres segurando pranchetas correm por todos os lados, checando coisas. A parte de trás do estúdio é escura, mas o lugar onde o campeonato será gravado é bem iluminado. Dá pra ver onde as equipes vão ficar e os grandes botões pra apertar as respostas.

Em outra sala, atrás de todas as câmeras e da balbúrdia, tem bancos onde o público senta. Algumas pessoas já chegaram. Consigo vê-las através das grandes vidraças. Dou um pulo quando a Catherine me dá um tapinha no ombro.

– Fascinante, né?

– **Fala sério** – digito.

Ela e mamãe conversam um pouquinho, até que um homem de calça jeans e um moletom do time de futebol americano Cincinnati Bengals vem falar com a gente.

– Com licença, mas você é a Melody Brooks?

Surpresa, eu logo aperto o botão **Sim**.

– Eu sou o Paul, o contrarregra – ele tem uma mão gigante, que quase engole a minha quando me cumprimenta. – Que bom que você chegou cedo. Vamos ver se preparamos tudo direitinho. A gente tá muito feliz por sua participação.

E ele falou direto comigo, não com a mamãe nem com a Catherine! Gostei dele na hora.

O Paul me empurra até o outro lado do estúdio, com cuidado para não acertar nenhum cabo ou fio, e me leva até o lugar onde a competição vai acontecer.

– É aqui que os integrantes de cada equipe vão ficar. Cada um tem quatro botões grandes pra apertar. O vermelho é o da letra A. O azul, da B. O amarelo, da C, e o D, claro, é o verde.

Eu balanço a cabeça pra mostrar que entendi.

– E aqui, senhorita Melody, é onde *você* vai sentar. Bem ao lado dos seus colegas de equipe. Eu fiz um painel especial pra você, ajustado na altura da sua cadeira de rodas.

Parece que está bem orgulhoso do que fez.

– **Uau!** – digito. – **Como você sabia?**

– O meu filho é cadeirante – diz ele, encolhendo os

ombros. – Eu faço coisas pro Rusty o tempo todo, mas ele não consegue fazer isso que você tá fazendo de jeito nenhum! – Paul se ajoelha, pra poder olhar bem nos meus olhos. – Acaba com eles, campeã! O Rusty vai assistir.

– **Tá bom** – digito. – **Pelo Rusty.**

Ele empurra a minha cadeira, me coloca atrás do meu painel de respostas e me deixa treinar com os botões coloridos. Como eles são bem grandes, é muito mais fácil acertar do que no meu Medi-Talker. Nem preciso ficar mirando com o dedão: posso usar a mão inteira.

Quando aperto o botão vermelho, a letra A se ilumina na tela na minha frente, pra gravar a resposta.

– **Obrigada, Paul** – digito. – **Muito, muito mesmo.**

Ele me dá uma piscadela, dá um soquinho em todos os botões pra checar se eles estão acendendo e diz que a gente se vê depois.

– **Eu vou conseguir** – digo pra mamãe e pra Catherine. – **Tô preparada.**

O resto da nossa equipe começa a chegar. O Connor tá bem bonito, de terno preto e gravata vermelha. A Rose, toda corada e nervosa, veio de azul-claro.

– Oi, Melody! – diz ela. – Tá com medo?

– **Não. Nem um pouco.**

– Minha mãe me obrigou a usar essa gravata – reclama o Connor, passando o dedo por dentro do colarinho da camisa pra soltá-la. – Só espero não morrer engasgado na TV!

Se isso acontecer, pelo menos as atenções vão ser voltadas pra ele, não pra mim. E se eu fizer alguma coisa idiota, tipo começar a babar, e a câmera resolver dar um *close* em mim?

A Amanda, o Rodney, a Molly e a Elena – os reservas – andam pelo estúdio com uma cara meio triste. Eles não vão ter a oportunidade de participar, a menos que alguma coisa aconteça, e um de nós seja desqualificado. Acho que isso inclui o Connor desmaiar e eu ter uma convulsão.

– Você tá bem? – ouvi a Rose perguntar pra Amanda.

– Tô. Mas parece que eu me arrumei toda pra nada.

– Te entendo.

– Quebre a perna.

– De verdade? – pergunta a Rose, dando um sorriso.

– É uma coisa que as pessoas do teatro dizem pra dar sorte

– explica a Amanda.

– Eu sei. Mas veja por este lado. Lá em Washington, nas finais, a equipe é de seis pessoas. Aí você fica com uma margem maior, não?

– Então vai lá e ganha essa parada!

– Pode deixar.

A Claire e a Molly fazem caretas na frente das câmeras, fingindo que estão no ar. Nenhuma das duas fala comigo.

– Olha, Claire! – diz a Molly. É a primeira vez que eu ouço um tom de surpresa na voz dela. – Dá pra gente ver nosso reflexo naquela câmera ali!

– Tô bem? – pergunta a Claire, alisando o vestido.

– Você tá ótima – garante a Molly.

– É você que devia estar aqui, não a Melody, sabia? – diz a Claire, alto o suficiente pra eu ouvir.

– Bom, tô pronta pro caso de ela fazer bobagem – sussurra a Molly.

Eu só sacudo a cabeça e penso. *Deleta. Deleta. Deleta.*

Não vou deixar a energia negativa delas me abalar. De jeito nenhum. Tenho mais com o que me preocupar.

O sr. Dimming entra correndo, usando um terno azul-marinho novinho em folha, uma camisa branca impecável,

colete vermelho e gravata. A equipe inteira grita e bate palmas, e o Connor faz um “toca aqui” com ele.

Ele anda pra lá e pra cá, zum-zum-zando que nem uma abelha nervosa. Checa os mínimos detalhes, nos deseja boa sorte e vai sentar na área reservada aos espectadores. Os professores não podem ficar perto dos alunos durante o campeonato. A Catherine pode ficar atrás das câmeras, caso aconteça alguma emergência comigo.

As outras equipes também começam a chegar no estúdio.

Uma equipe, da Academia Verdes Montes, foi inteira vestida com suéteres verde-bandeira. A ideia até que não é ruim, mas as blusas são feias de doer.

Outra equipe, da Escola Fundamental Joias da Coroa, tá usando umas coroas falsas. Aí já acho um pouco demais.

A nossa equipe não fez nada de especial. Não precisa. Eu tô nela.

CAPÍTULO 24

Chegou a hora.

– No ar – alguém grita. – Em cinco, quatro, três, dois...

Aí o homem aponta para um cara no meio do palco.

O moderador – um cara magro com um cabelo que parece

ter sido colado na cabeça dele, de tão certinho – tira um fiozinho do *smoking*, ajusta a gravata vermelha listrada e começa a falar. Bem na deixa.

– Boa noite – diz ele, com aquela voz perfeita que locutores têm. – Eu sou Charles Kingsley e gostaria de dar as boas-vindas a vocês que nos assistem. Esta é a etapa regional do sudeste do estado de Ohio do campeonato Gênios do Quiz!

Todo mundo faz festa.

– Dentro de duas semanas, a equipe que vencer esta fase vai viajar para Washington e representar nossa região na etapa nacional.

Mais aplausos.

– Desejamos boa sorte a todos os jovens competidores!

O estúdio fica em silêncio.

– As regras são simples – explica o sr. Kingsley. – Serão feitas 25 questões. Cada resposta correta de cada um dos quatro integrantes das equipes valerá um ponto. O máximo de pontos por equipe será de cem.

Ele faz uma pausa, pras câmeras poderem mostrar o placar, e anuncia:

– As duas equipes que fizerem *mais pontos* nas rodadas preliminares vão se encontrar para o que chamamos de “Desafio do Quiz”. Então, a soma dos pontos é extremamente importante. O vencedor da última rodada de questões será declarado o vencedor local do Ensino Fundamental e irá para a etapa nacional em Washington. A equipe que ficar em primeiro lugar nas provas nacionais aparecerá ao vivo em cadeia nacional, no programa *Bom dia, América!*

Aplausos e muitos gritos.

– As duas primeiras equipes a competir hoje serão a Escola de Ensino Fundamental Woodland e a Escola de Ensino Fundamental da Rua Spaulding! Aos seus lugares, senhoras e senhores.

Os quatro competidores da Woodland e os três outros integrantes da nossa equipe andam até a área da competição, acenando para as câmeras. A Catherine empurra a minha cadeira até o meu lugar, verifica se está fácil pra eu alcançar os botões, me dá um abraço rapidinho e vai embora.

– Gostaria de fazer uma pequena pausa – diz o sr. Kingsley
– para apresentar uma participante muito especial da nossa

competição desta noite. Ela se chama Melody Brooks.

Todas as câmeras se voltam para mim. As luzes do estúdio são incrivelmente fortes – e quentes. Eu pisco bem rápido.

Me sinto molhada e suada.

– Apesar de os demais competidores ficarem de pé, a Melody ficará sentada para responder às questões. Fizemos ajustes no painel de respostas para que ela possa alcançar os botões, mas nada além disso. Ouvi dizer que ela é uma competidora muito forte.

Tentei dar um tchauzinho, mas imaginei que ia ficar toda pateta e trêmula, então coloquei a mão pra baixo.

A Rose tá de pé do meu lado, com o Connor no meio e a Claire do outro lado.

– Acho que vou vomitar – ouço a Claire sussurrar.

– Nem se atreva! – sussurra o Connor.

– Vamos começar com uma rodada só de treino, para vocês poderem se familiarizar com os botões. Todo mundo pronto? Qual destes animais é mamífero?

A. Gato.

B. Pássaro.

C. Tartaruga.

D. Aranha.

É claro que todo mundo, inclusive eu, aperta o A. A letra fica iluminada nas telas colocadas na frente da gente.

– Vocês adorariam que todas as questões fossem fáceis assim, não é mesmo? – pergunta o sr. Kingsley, dando uma risadinha.

Ah, tá.

– Não esqueçam duas coisas – ele avisa a todo mundo. – Primeiro, esta é uma competição *em equipe*. Segundo, não é uma prova de velocidade, mas de precisão. As equipes ganham mais pontos se todos os integrantes apertarem a resposta correta. E as duas equipes que fizerem mais pontos se encontram na final. Todos prontos?

– Prontos! – respondem os sete competidores no palco.

Eu começo a bater na palavra *pronto* no meu painel de comunicação, mas resolvo me concentrar no campeonato.

– A primeira rodada terá 25 perguntas. Vamos começar.

Número um.

Tô tensa. *Lá vamos nós!*

– O tempo de vida médio de uma cigarra adulta varia de:

A. Um minuto a uma hora.

B. Trinta minutos a um dia.

C. Um dia a uma semana.

D. Três semanas a um mês.

Pim! Pim! Pim! Todo mundo aperta os botões. Quando as respostas estão gravadas, eles mostram os resultados. Todo mundo na nossa equipe respondeu *D*. Uma pessoa da equipe do Woodland apertou o *A*.

O sr. Kingsley dá um sorriso e diz:

– A equipe Woodland tem três pontos, e a Spaulding agora está com quatro, porque todos acertaram a resposta.

A gente consegue. A gente consegue. Manda a próxima!

– Número dois – ele emposta a voz. – As batalhas de Lexington e Concord, durante a Guerra da Independência dos Estados Unidos, foram disputadas em que ano?

A. 1774.

B. 1775.

C. 1776.

D. 1777.

Essa aí é meio difícil. Mas apertou o *B*. E todo mundo também. O placar agora está oito a sete.

O sr. Kingsley segue em frente.

– Na Literatura, a palavra “oxímoro” significa:

- A. Uma combinação de palavras contraditórias.
- B. O resultado de uma sequência de eventos.
- C. Uma referência implícita a um acontecimento histórico ou literário.
- D. Uma história ou narrativa simbólica.

Eu tenho quase certeza que a resposta é A, mas essa palavra bem que poderia significar “menina aleijada cabeçuda que pensa que pode vencer um campeonato nacional de *quiz*”.

Mostram as respostas no painel: o Connor errou, e dois integrantes da equipe Woodland também. Agora o placar tá Spaulding: 11; Woodland: 9. A gente tá na frente, mas ainda tem mais 23 perguntas.

– A próxima questão – diz o sr. Kingsley – é de Matemática.

Ah, droga. Me dei mal.

– No Museu de Arte, há 2.357 quadros. O museu tem 124 salas. Qual destas estimativas de número de quadros por sala é a mais razoável?

A. 10.

B. 20.

C. 60.

D. 200.

É. Me dei mal. Muito mal. Vejamos... Preciso visualizar um museu... com salas... e lindos quadros. Quantos por sala? Não sei. Preciso dividir o quê por o quê mesmo? Não sei. Vou responder 60.

A letra B acende no painel, e fico me sentindo uma idiota.

Mas a Rose também errou, e dois integrantes da Woodland também. O placar está 13 a 11.

Quando a gente chega na vigésima quinta questão, tô toda suada e morrendo de sede, mas continuo alucinada. A liderança foi e voltou entre as duas equipes. Eles ficaram na frente em alguns momentos, e a gente fez mais pontos em outros. Acertei a maioria das perguntas sobre Artes da Linguagem, mas as de Matemática acabaram comigo.

O Connor não sabe escrever direito e errou várias de Ortografia. A Rose é fraca de História, e a Claire tem seus problemas com as de Ciências. A equipe Woodland também era mais ou menos assim: alguns integrantes eram bons em algumas matérias e piores em outras.

– Chegamos à última questão para as duas equipes –
anuncia o sr. Kingsley.

Ele limpa a garganta e começa:

– Um acontecimento meteorológico que alcança 6,5
pontos na escala Richter é um:

A. Tornado.

B. Furacão.

C. Terremoto.

D. Tsunami.

Pim! Pim! Pim! Pim!

Eu aperto o C e relaxo. Não me deu nenhum prenúncio de
tornado espasmico! O Connor, a Rose e a Claire também
acertaram a última questão. Duas pessoas da Woodland
responderam “furacão”. Quando os resultados são
computados, nossa equipe fica com 87 pontos. A Woodland
acaba fazendo 77.

– Parabéns, Spaulding! – diz o sr. Kingsley, dando um
sorrisinho educado. – Os dois times que fizeram mais pontos
se encontram na rodada final. Boa sorte e esperamos vê-los
em breve.

Vitória! Pelo menos na primeira rodada.

No intervalo dos comerciais, levam a gente pra uma sala de espera especial no fundo do estúdio. Os alunos da Woodland estão com uma cara bem decepcionada. Pra eles, a competição acaba aqui. Agora só podem ficar assistindo às duas próximas equipes se dirigirem ao palco pro seu momento sob os holofotes.

O papai, a mamãe, a Penny, a sra. V., e a Catherine estão lá me esperando. Eles me abraçam e me beijam tanto que parece que eu ganhei na loteria. A Catherine até faz uma dancinha. Meu papai diz que filmou tudo.

– Você arrasou, Melody – grita a sra. V.

– Estou tããããããõ orgulhosa de você, querida! – diz a minha mãe.

– **Posso tomar um refri?** – digito o mais rápido que posso. – Tô sem fôlego.

Todo mundo dá risada, e a Catherine sai procurando um copinho descartável. Na sala de espera, tem um monte de refrigerante em baldes de gelo pros competidores.

A mamãe coloca a bebida gelada na minha boca, um golinho por vez, pra não correr o risco de derramar na minha blusa. Tô com *tanta* sede. Nem ligo se o pessoal das outras

equipes fica olhando pra mim.

O sr. Dimming, depois de conversar com a Rose, o Connor e a Claire, se abaixa pra falar com a gente, radiante.

– Que emoção, Melody! Você foi incrível! Tenho tanto orgulho da nossa equipe. E estou especialmente orgulhoso de você.

– **Obrigada** – digito. – **E agora?**

– Vamos esperar as outras duas equipes se enfrentarem, depois vamos nos reunir e derrotar o time que fizer mais pontos e fazer as malas pra Washington!

– **Espere um pouco pra fazer as malas** – digito, dando um sorriso.

– Minhas malas estão prontas há dez anos. Só esperando a equipe certa. Este ano é nosso. Eu sei.

Ele circula pela sala pra conversar com outros pais. Nunca parei pra pensar em quais devem ser os sonhos dos professores. Não fazia ideia de como isso era importante pro sr. D.

A Rose chega perto e se agacha do lado da Penny.

– Gostei do seu chapéu – diz ela pra minha irmã, que tá agarrada no Peludo e usando um chapéu azul de bolinhas

com uma pena vermelha.

– Ôo-si! – fala a Penny, toda feliz.

– Como vai a minha bebê preferida? – pergunta a Rose, naquela voz sussurrante dela.

– Ôo-si! – repete a minha irmã.

– Você foi muito bem, Melody.

– **Você também.**

– Você acha que a gente tem chance de ir pra final?

– **Acho!**

– E pra Washington?

– **Sim!**

– E de aparecer no *Bom dia, América*?

– **Com certeza!**

A Claire fica do outro lado da sala com os pais dela, mas o Connor vem falar com a gente e fica de pé do lado da Rose.

– Você foi bem, Melody. Acertou várias que eu errei!

– **Você manda bem em Matemática.**

– Eu sei – responde ele, dando um sorriso. – Mas ainda não sei escrever direito! Espero que não façam questões de Ortografia na rodada final.

– Preciso ir ao banheiro – diz a Rose, de uma hora pra

outra. – Tô *tão* nervosa por causa da última rodada!

Ela sai correndo. Sei do que a Rose tá falando. Borboletas.

Mariposas. Vespas gigantes batem asas no meu estômago.

Qu a n d o *a gente* estava diante das câmeras, tive a impressão de que demorou um milhão de anos pra terminar a rodada. Mas a segunda leva de competidores voltou pra sala de espera depois de alguns minutos. A equipe das coroas ganhou a segunda rodada, com 79 pontos. Em meia hora, a Escola de Ensino Fundamental Edison vence a terceira, fazendo oitenta pontos.

E aí uma escola chamada Perry Valley ganhou a quarta, fazendo 82 pontos. Só um a mais do que *a gente*.

– Eu assisti a essa turma – me diz a sra. V., quando eles entram na sala, cheios de animação e com ar de vitória. – Eles são muito bons mesmo.

– **A gente precisa se preocupar?**

– Claro que não! Nossa equipe é a melhor porque tem uma arma secreta: você!

De repente, começa uma movimentação na sala. Os assistentes de palco vêm buscar *a gente*.

– Perry Valley e Spaulding, vocês precisam ir pro palco

disputar a rodada final! Vocês é que fizeram mais pontos!

Parabéns!

A gente volta ligeirinho para os nossos lugares.

As luzes pareciam ter ficado mais fortes.

O sr. Kingsley volta para posição dele, pega o microfone que a equipe do palco tinha ajustado e grita:

– Senhoras e senhores, sejam bem-vindos mais uma vez.

Esta é a rodada final da fase regional do Campeonato Gênios do Quiz! Os vencedores irão nos representar em

Washington, em apenas duas semanas! Os integrantes das equipes vencedoras – e os seus acompanhantes – terão todas as despesas pagas pra viajar até a capital do país: três noites de hotel e passeios pela cidade.

– Troféu! Troféu – grita alguém.

– Sim, o famoso prêmio do Campeonato Gênios do Quiz! A equipe que vencer em Washington poderá levar pra casa aquele troféu dourado *enorme*, será convidada para participar do *Bom dia, América*, e a sua escola receberá um cheque de dois mil dólares para usar em projetos educacionais!

Todo mundo grita quando ele diz isso.

– Vamos dar início à rodada final. As equipes estão prontas?

– Siiiiim! – todos eles gritam.

E eu tô pronta também.

CAPÍTULO 25

Meu Deus! Que noite! Ainda nem acredito no que aconteceu depois que a última rodada começou.

O sr. Kingsley explicou:

– Desta vez, as questões serão mais difíceis. Mas a contagem dos pontos será feita da mesma maneira. A equipe que fizer mais pontos, dentro de um máximo de cem, será a campeã.

Aí, ele pegou as fichas com as questões, deu um sorriso e disse:

– E vamos à questão número um. O que significa “diplopia”?

- A. Ter visão dupla.
- B. Ser canhoto.
- C. Uma doença nas gengivas.
- D. Um tipo de câncer.

Cara! Ele não estava brincando, não! Essa rodada ia ser de

matar. Mas eu tinha certeza que a resposta certa era a A.

Revelaram a resposta correta: era “visão dupla” mesmo.

Ufa!

A Rose, o Connor e eu acertamos. A Claire errou. A

equipe inteira da Perry Valley respondeu corretamente. O

placar estava 4 a 3 pra eles.

– Número dois. Quem compôs “Rhapsody in Blue”?

A. Mozart.

B. Gershwin.

C. Copeland.

D. Beethoven.

Pim! Pim! Pim! Pim!

Graças aos meus pais e à sra. V., essa foi um pouquinho

mais fácil. Apertei o B. Um integrante da outra equipe errou,

e a Claire também. O placar ficou 7 a 6, pra Perry Valley.

Todo mundo tava tenso.

As vinte perguntas seguintes foram sobre coisas como

leões na floresta, gravidade no espaço, autores de livros

famosos e Matemática. E eu até acertei umas contas!

Pim! Pim! Pim! Pim!

O Connor conseguiu acertar uma questão de Ortografia

bem complicada, e a Claire respondeu certo uma pergunta superdifícil de História. Mesmo assim, a Perry Valley continuava ficando um ou dois pontos na frente da gente. A rodada estava quase chegando ao fim. A outra equipe tinha se dado bem com uma questão de Matemática e ficado com três pontos de vantagem. As coisas não tavam nada boas pra gente. O placar era 81 a 78. Dei uma olhada pro Connor. O suor pingava do nariz dele.

Aí o sr. Kingsley perguntou:

– O fenômeno de escutar cores ou visualizar sabores quando se ouve música é chamado de:

- A. Síntese.
- B. Simbiose.
- C. Sinestesia.
- D. Simbolismo.

Dei um sorriso e bati no C. Essa não era só mais uma palavra que a sra. V. tinha me ensinado: era eu mesma! Suspirei de alívio quando vi no painel que o Connor, a Claire e a Rose também tinham escolhido a resposta certa. E só um integrante da Perry Valley tinha acertado. O placar ficou 82 a 82. Era a hora da última pergunta. A

que determinaria quem iria para Washington. Olhei pra Rose e pro resto do pessoal. Acho que todos nós engolimos em seco na mesma hora.

– E a nossa última questão da noite – começou o sr. Kingsley – é um problema de Matemática.

Eu me rasguei por dentro. *Lá se vai nossa viagem pra Washington! Vou ter que voltar pra sala H-5 e ficar escondida lá pelos próximos mil anos.*

– Número 25 – disse o apresentador, bem devagar. – Lisa acorda todas as manhãs e se arruma para ir à escola. Ela leva 22 minutos para se vestir, 18 para tomar café da manhã e mais 10 para ir andando até a escola. Que horas a Lisa precisa acordar para chegar lá às 7h25?

A. 6h15.

B. 6h20.

C. 6h25.

D. 6h35.

Eu preciso somar, depois subtrair. Como é que se subtrai tempo mesmo? Preciso ver um relógio! Tô ficando toda confusa! O tempo tá acabando! Não posso fazer bobagem agora!

Podia ser a *C*, mas também podia ser a *D*. Pensei por mais alguns momentos, e apertei *D*, com vontade de vomitar. As respostas se iluminaram no painel. Todo mundo da nossa equipe respondeu *D*. Ou tava todo mundo certo ou ninguém sabia fazer cálculos com tempo. Três alunos da Perry Valley responderam *D*. Um respondeu *C*.

– Bem, parece que já temos uma equipe vencedora, senhoras e senhores! Tenho muita satisfação de anunciar o nome da equipe que irá nos representar em Washington este ano. A equipe que esperamos ver no *Bom dia, América*, com um placar de 86 a 85 pontos é... – ele fez uma pausa dramática – a da Escola de Ensino Fundamental da Rua Spaulding!

Não consegui me controlar. Eu soltei uns gritinhos. Dei uns chutes no ar. Meus braços sacudiram loucamente. Tentei *muito* me controlar, mas simplesmente não consegui. Meu corpo deu uma pirada.

– Faz ela calar a boca! – sussurrou a Claire.

– Shhhh! – fez a Rose, entredentes.

– Obrigado por assistir a nossa transmissão – disse o sr.

Kingsley, dando uma olhadinha pra mim. – Temos um

encontro marcado daqui a duas semanas, quando transmitiremos as finais direto de Washington. Meu nome é Charles Kingsley e eu lhes desejo boa noite.

Ele fez um sinal para dizer que havia terminado, as câmeras foram desligadas, e as luzes, graças a Deus, apagadas.

Eu não conseguia parar de chutar. Meus braços pareciam aqueles brinquedos de corda, só que surtados. Eu gritava de alegria. Pelo menos desta vez ninguém notou, porque dúzias de pessoas invadiram o palco, gritando e fazendo festa.

O papai equilibrava a Penny num braço e a filmadora no outro. A mamãe, a Catherine e a sra. V. vieram correndo até mim e quase me sufocaram de tanto me abraçar. A sra.

Valência até que tentou não fazer cara de surpresa, mas parecia que alguém tinha aparafusado aquele sorriso nela.

O sr. Dimming, os reservas e os pais de todos os outros garotos da nossa equipe gritaram, pularam e se deram tapinhas nas costas. Um dos pais jogou confete na gente.

Balões apareceram do nada. Alguém no estúdio ligou o som a todo volume e tocou “*Celebration*”, aquela música dos anos 1980. O pessoal começou a dançar.

Fiquei com a impressão de que tiraram um milhão de fotos.

Surpreendentemente, muitas minhas. Me esforcei para ficar calma e relaxar.

– Sorria, Melody – disse um cara de boné de beisebol.

Clique! Flash!

– Alguém pode arrumá-la na cadeira, deixá-la mais retinha?

Clique! Flash!

– Tire uma foto da menina da cadeira de rodas! – acho que esse cara era repórter.

Clique! Flash!

– Cadê a equipe vencedora? – berrou outro jornalista. – A gente quer tirar uma foto deles pro jornal! Por que vocês não ficam de pé ao redor da Melody? Ok, agora sorriam!

Clique! Flash!

Eu mal conseguia enxergar. Pontinhos azuis dançavam na frente dos meus olhos.

– Queremos entrevistar a equipe vencedora pra TV! – gritou uma mulher. – Eles podem vir até aqui?

As pessoas mudaram de lugar, e um assistente de palco ajudou a gente a se posicionar. O Connor, a Rose e a Claire sentaram do meu lado. A Amanda, a Molly, a Elena e o Rodney ficaram atrás, de pé. O sr. Dimming parou do lado do

Rodney.

Rezei para o meu cabelo estar bom e pra eu não parecer muito pateta.

A repórter pediu para todo mundo fazer silêncio enquanto o câmara se ajeitava e se posicionava também.

– Boa noite. Eu sou a Elizabeth Ochoa, do noticiário do canal 6. Estou aqui no estúdio para falar com os alunos da Escola de Ensino Fundamental da Rua Spaulding. Estes são os vitoriosos integrantes da equipe que venceu a fase regional do Campeonato Gênios do Quiz, que transmitimos esta noite. Oito dos mais inteligentes membros da nossa

comunidade, que apertaram os seus botões rumo à vitória.

Vamos começar apresentando os reservas, na fileira de trás.

Eles entrarão no jogo caso algum titular não possa participar. Por favor, me digam seu nome e quantos anos vocês têm.

Depois de perguntar, ela foi colocando o microfone na frente de cada um.

– Amanda Firestone, tenho doze anos.

– Molly North, onze.

– Elena Rodriguez, doze.

– Rodney Mosul, onze anos e meio.

Todo mundo riu quando ele disse isso.

A sra. Ochoa continuou a reportagem.

– E, sentada aqui na minha frente, está a equipe vencedora! Por favor, me digam seus nomes também.

– Meu nome é Claire Wilson e eu tenho onze anos. Eu acertei mais questões do que qualquer um da minha equipe.

– Muito bem! Sei que você estudou muito para o campeonato – disse a sra. Ochoa, mas foi logo falando com a Rose.

– E você?

– Rose Spencer, onze anos – disse ela, tímida.

– E, na sua opinião, qual foi o destaque desta noite? –
perguntou a repórter.

O câmara chegou mais perto da Rose.

– Eu participei da equipe do ano passado, e a gente
perdeu por poucos pontos. Então, acho muito legal ter
vencido agora. Tenho muito orgulho da nossa equipe.

A Rose tava radiante.

– Que ótima resposta! Nós também temos muito orgulho
de vocês – disse a sra. Ochoa. – E este jovem tão alto? Qual
o seu nome, senhor?

– Connor Bates. Oi, mãe! – falou ele, bem alto, no
microfone.

– Você se lembra qual foi a questão mais difícil que teve de
responder hoje?

– Achei todas muito fáceis – respondeu o Connor,
sorrindo. – Errei umas de propósito pros outros
competidores não ficarem se sentindo mal.

A jornalista deu uma risadinha e perguntou:

– E como é que você se sente, fazendo parte de uma

equipe que tem uma integrante tão especial?

– É, a Melody é legal. Ela é muito inteligente. Permita-me apresentar...

Mas eu não ia deixar ele roubar a minha cena.

– **Meu nome é Melody Brooks, e eu tenho onze anos** –

disse o meu computador, em alto e bom som.

A sra. Ochoa ficou com uma cara abismada.

– Bem, isso é impressionante. Como é fazer parte da equipe vencedora, Melody?

Eu apertei a tecla do **Demais!** .

Ela deu risada de novo e continuou a entrevista.

– Foi muito difícil se preparar para o campeonato?

– **Não. Um monte de gente me ajudou.**

– E, hoje, qual foi a parte mais difícil?

– **Tentar não fazer besteira!**

A jornalista deu um sorriso.

– Todo mundo se sente assim de vez em quando. E a viagem para Washington? Você está animada?

– **Muito!**

– Conhece a cidade?

– **Não.**

– E como essa vitória vai afetar o seu dia a dia na escola?

Achei essa pergunta muito boa.

– **Não muito** – confessei. A repórter ficou esperando pacientemente eu digitar as palavras certas. – **Quem sabe agora o pessoal vai conversar mais comigo.**

– Eu falo com ela o tempo todo – interrompeu a Claire.

A Rose e o Connor fizeram careta pra ela.

– Hein? – disse a Rose.

A sra. Ochoa se afastou de mim e chegou mais perto da Claire e perguntou:

– Então você se considera amiga da Melody?

– Com certeza – respondeu a Claire, balançando aqueles cachinhos cor de canela dela. – A gente almoça juntas todos os dias e treina para o campeonato. A Melody é muito mais inteligente do que parece.

A Rose levantou a mão para falar, mas a repórter fez que “não” com a cabeça.

– Desculpe, mas nosso tempo terminou – explicou. Depois se virou para a câmera e disse: – Acabamos de conhecer não apenas um excelente grupo de crianças, mas duas meninas notáveis. São grandes amigas apesar de suas diferenças. E

fazem parte da equipe vencedora, que está se preparando

para ir a Washington e disputar a final do campeonato

Gênios do Quiz. Parabéns a todos!

Eu fiquei bestificada. Sério, Claire?

CAPÍTULO 26

No meio de toda aquela comoção, o sr. Dimming subitamente teve uma ideia.

– Vamos jantar fora pra comemorar! – anunciou ele, quando as últimas luzes do estúdio foram desligadas.

– Ótima ideia – disse o Connor, na mesma hora.

– Tô morrendo de fome – falou a Amanda. – Não aparecia diante das câmeras, mas mesmo assim fiquei tão nervosa que não consegui comer nada o dia inteiro.

– Eu também! – completou a Elena.

– Que tal ir ao Linguini's? – sugeriu o Connor. – Eles têm um bufê de massas.

Se existe alguém que conhece bem os melhores lugares pra comer, esse alguém é o Connor.

– Eles vão ter que fechar as portas depois que você for lá,

Connor – brincou o sr. Dimming, dando risada. – Não vai me fazer passar vergonha!

– Não se preocupe, sr. D. Eu como, no máximo, doze pratos.

– O Linguini's é perfeito – disse o pai da Rose. – Dá pra ir a pé, é virando a esquina aqui do estúdio. Esses garotos merecem um jantar especial!

Olhei pra mamãe. Eu não tinha muita certeza de que aquela era uma boa ideia.

Aí a Elena chegou perto de mim e disse:

– Você também vai, né, Melody?

– É, Melody – completou a Rose –, vem com a gente. Você foi demais hoje.

– Sem você, a gente não teria vencido – falou o Connor, abotoando o casaco.

Quando eles disseram isso, fiquei me sentindo tipo aqueles balões de hélio que as famílias levaram pro estúdio.

– Bom, eu não diria que foi bem assim – cortou a Molly, olhando para a Claire.

É, balões murcham mesmo.

– Você nem tava lá – retrucou o Connor.

– E aí, você vem ou não? – perguntou a Rose.

– **Claro** – digitei. – **Vai ser divertido.**

Olhei pra mamãe de novo, que balançou a cabeça. O papai levou a Penny pra casa, a sra. V. me deu um abraço e prometeu que ia me ver na manhã seguinte.

O clima era de animação, e a gente foi falando bobagem até chegar ao restaurante.

– Quantas janelas vocês acham que tem naquele prédio comercial ali? – gritou o Connor, apontando para o edifício mais alto de todos.

– Cinco mil, duzentas e setenta e quatro – respondeu a Rose.

– Cara, você é boa mesmo – disse o Rodney. – Como é que você sabe?

– Como é que você acha que eu entrei na equipe de *quiz*? Eu sou inteligente.

– Ela tá só chutando – falou a Molly. – Você acredita em qualquer coisa, Rodney.

Aquele restaurante tava ali há anos, sempre no mesmo lugar. A entrada imitava uma pequena vila italiana. Os tijolos em volta da porta tinham folhas de uva pintadas e um monte de luzinhas brancas.

Ah, a porta.

Quando o pai do Connor segurou a porta pra todo mundo entrar, o Connor e o Rodney foram logo subindo a escada.

Ah, a escada.

Era preciso subir cinco degraus de pedra pra chegar até o salão. Todo mundo, incluindo o sr. Dimming, passou correndo por mim e pela mamãe. Finalmente, o pai do Connor, que tinha ficado por último, olhou pra mim, olhou pra escada, e uma lampadinha se acendeu.

– Ah, vocês precisam de ajuda?

Ele era grandão, igual ao filho. Aposto que também podia engolir uns quantos pratos de macarrão.

A mamãe respondeu:

– O senhor poderia fazer a gentileza de perguntar pra alguém onde fica a rampa pra cadeira de rodas?

O sr. Bates correu escada acima, satisfeito por poder fazer alguma coisa pra ajudar. Eu e a mamãe ficamos lá, no frio. Sozinhas.

Um garçom vestido de preto veio alguns minutos depois e disse:

– Desculpe, senhora. Temos um elevador lá nos fundos, mas deu pane hoje à tarde. O técnico virá consertá-lo

amanhã cedinho.

– Bom, isso não resolve muito nosso problema, não é mesmo? – disse a mamãe. O tom dela era seco, mas não bravo.

– Posso ajudar a senhora a carregar a menina, com todo o prazer – ofereceu ele.

– **Não** – digitei.

Olhei pra mamãe com uma cara de súplica, e ela disse:

– Por favor, só segura a porta, rapaz. A gente se arranja.

E foi isso que ele fez. A mamãe virou de costas pra escada, segurou firme na minha cadeira, inclinou ela pra trás um pouquinho e respirou fundo. Ainda bem que a gente resolveu usar minha cadeira manual hoje de manhã.

A mamãe pôs as rodas de trás em cima do primeiro degrau.

Puxa. Sobe as rodas de trás. Bam! Primeiro degrau.

Puxa. Sobe as rodas de trás. Bam! Segundo degrau.

Puxa. Sobe as rodas de trás. Bam! Terceiro degrau.

Minha mãe deu uma paradinha pra tomar fôlego. A gente já fez isso antes. Várias vezes.

Puxa. Sobe as rodas de trás. Bam! Quarto degrau.

Puxa. Sobe as rodas de trás. Bam! Quinto degrau.

E a gente finalmente conseguiu chegar ao salão, que tava lotado de gente falando alto e dando risada.

– Aqui, Melody! – o sr. Dimming chamou quando nos viu.

A mamãe me levou até a mesa onde o pessoal estava, que era bem grande. Fiquei aliviada quando vi que eles tinham reservado um lugar pra mim. Nosso grupo era grande – a equipe inteira mais os pais de todo mundo –, e a gente acabou ocupando um bom pedaço do salão.

Em alguns restaurantes, as mesas são muito baixas pra minha cadeira, mas lá eu consegui me encaixar direitinho no lugar que tinham reservado pra mim. A mamãe me ajudou a tirar o casaco e sentou do meu lado. Ela tomou a água que tava no copo num gole só e pediu mais.

A garçonete começou a anotar os pedidos.

O Rodney e os pais dele pediram uma pizza grande de cebola com cogumelos.

– A gente é vegetariano – explicou o Rodney.

Eu não fazia a menor ideia.

– Posso pedir um filé, pai? – perguntou o Connor.

O pai deu um tapinha nas costas do filho e respondeu:

– Claro, acho que também vou pedir isso. Hoje você pode

pedir tudo o que quiser. Mas só hoje!

Meu colega arregalou os olhos.

– Tipo um bolo de chocolate inteiro?

– Você vai passar mal, menino!

– Eu quero o cabelinho de anjo com frango e cogumelos –
pediu a Rose – e queijo extra.

– Eu também – disse a Amanda.

– Você pode me trazer o espaguete com almôndegas, por
favor? – perguntou a Elena.

A Molly e a Claire pediram lasanha.

Quando a garçonete veio falar comigo e com a mamãe, eu
já tava preparada.

– **Serpentini com molho de queijo pra mim, por favor** – fiz
a Elvira dizer.

A garçonete ficou um pouco surpresa, porque a máquina
tava quase escondida debaixo da mesa, mas levou numa boa
e agiu como se atendesse Medi-Talkers todos os dias.

– Claro. É pra já. Vai querer uma saladinha de
acompanhamento?

– **Não, obrigada.**

Ela me deu um sorriso bem grande, depois anotou o

pedido da mamãe. Só a minha mãe mesmo pra pedir peixe assado num restaurante italiano!

O clima de alegria continuou enquanto a gente esperava a comida chegar. Em vez de toalhas, as mesas tinham um papel branco. Todo mundo – até os adultos – ganhou giz de cera e canetinhas.

– Olha só! Eu desenhei um coelho monstro gigante! – disse o Connor. Ele deu uma olhada no desenho da Rose e pôs uns dentes verdes no dele. – Ele vai comer esse insetinho molenga que você fez.

A Rose deu risada.

– E eu fiz uma aranha venenosa que vai picar o seu coelho besta!

O Rodney e o Connor enfileiraram todos os saleiros e pimenteiros e começaram a se jogar pacotinhos de açúcar por cima da barricada, usando colheres e garfos como catapulta.

– Mirar no inimigo – gritou o Connor. – Ponto!

– Cara, você nem acertou no meu território. E ainda por cima jogou aquele pacotinho rosa de açúcar de mentira. Esse troço só vale meio ponto.

Fiquei lá sentada, observando os meus colegas fazerem essas coisas tão corriqueiras. Desenhar. Rir. Zoar. Contar piada. Eu me esforcei muito para fazer cara de quem tava se divertindo. Mas, pra falar a verdade, o que eu queria era ir pra casa.

Quando a garçonete finalmente trouxe a comida, os garfos tiveram que retornar à sua função, e a guerra acabou de repente. Todo mundo meio que parou de conversar e se concentrou no prato. O Connor colocou um pedaço de carne enorme na boca e disse:

– Mmmm. Isso sim é que é filé!

O peixe da mamãe tava com uma cara meio duvidosa, e ela só deu umas garfadinhas. A gente tava pensando a mesma coisa. Eu sabia.

Minha comida ficou lá, parada, bem na minha frente.

A gente só come em restaurante muito de vez em quando.

Pra falar a verdade, a Penny dá muito mais trabalho do que eu. Ela fica se balançando, toda agitada, e quase sempre joga as ervilhas no chão.

Comer fora não me incomoda. Lá na escola, eu faço minhas refeições numa área especial da cantina, com as outras

crianças com deficiência. Os cuidadores põem babador na gente, nos dão comida na boca e depois limpam a nossa cara. Com exceção daquele gole de refrigerante que eu tomei no estúdio, nunca ninguém da equipe tinha me visto comer. Comer não, ganhar comida na boca.

Eu não sabia o que fazer. A minha comida ficou ali, esfriando. Olhei pra mamãe. Ela olhou pra mim. Aí pegou a colher e me olhou de novo, com cara de ponto de interrogação.

Eu balancei a cabeça. Com todo o cuidado, a minha mãe pôs uma colherada de macarrão na minha boca. Engoli. E não derramei nada.

Vi a Molly cutucando a Claire, e as duas trocando olhares. A mamãe pôs mais uma colherada na minha boca. Engoli. E não derramei nada. A gente foi em frente, uma colherada por vez.

Eu tava com *tanta* fome.

Ninguém disse nada, mas percebi que eles estavam um pouco concentrados demais no prato. Todo mundo ficou em silêncio. Até o Connor parou de falar.

Uma hora, empurrei o prato, apesar de ele ainda estar

cheio.

– Você quer levar isso pra casa, Melody? – sussurrou a mamãe.

Balancei a cabeça, superaliviada, e ela fez sinal pra garçoneiro, que trouxe o cardápio de sobremesas.

O Connor se animou todo só de pensar em bolo e sorvete.

Ele não pediu um bolo de chocolate inteiro, mas duas fatias.

O Rodney quis torta de maçã, e a Rose, pudim.

A Claire também acabou levando o prato dela pra casa.

Durante o jantar, ela quase não comeu. E, se falou duas palavras, foi muito.

– E aí, o que vocês acharam da última questão? Foi *bem* difícil! – disse o Rodney.

– Ah, foi moleza! Mais mole só esse pudim aí da Rose! – respondeu o Connor, rindo da própria piada. Aí ele encheu de chantili a segunda fatia de bolo.

– Você viu o *cabelo* daquele apresentador? – comentou a Amanda. – Não mexia de jeito nenhum.

– Devia ser de plástico – disse a Rose, dando risada. –

Que roupa você vai usar na etapa de Washington? – ela perguntou pra Claire, que só encolheu os ombros.

– Será que a gente vai conseguir conhecer a Casa Branca?

– quis saber a Amanda. – Ia ser demais!

– Acho que está na nossa programação de sábado –

respondeu o sr. Dimming, todo entusiasmado. – Estou louco pra ir lá também!

– E que história foi aquela de você ser a melhor amiga da Melody, Claire? – perguntou a Elena.

A Claire não respondeu, mas passou a mão na testa.

– Não tô me sentindo muito bem – disse ela, com a voz fraca. – Não tá meio quente aqui?

Ninguém teve tempo de responder, porque ela levantou de repente, pôs a mão na frente da boca e meio que tropeçou na cadeira.

– Você está bem? – perguntou o professor.

Antes do sr. D. terminar de falar, a Claire vomitou bem em cima dos sapatos novos.

– Ui! Que nojo! – soltou o Connor. Era óbvio que ele estava se segurando pra não rir.

– Coitadinha – disse a Rose.

– Uau! Que fedor, cara! – falou o Rodney, cobrindo o nariz.

A mãe da Claire correu com ela pro banheiro.

O sr. Dimming também saiu correndo. Acho que ele foi limpar os sapatos.

Será que a Claire ficou tão envergonhada quanto eu fiquei quando a mamãe teve que me dar comida na boca?

Nossa festinha da vitória acabou aí. Os pais pegaram os casacos, as carteiras e pagaram a conta. A Claire voltou do banheiro, bem pálida. Ninguém comentou nada. Todo mundo foi caminhando em direção à escada.

Hmmm. A Claire passa mal no meio dum restaurante lotado e, mesmo assim, todo mundo fica me olhando meio torto.

O pessoal teve que esperar por mim e pela mamãe. A gente foi com toda a calma.

Empurra com cuidado. Desce as rodas de trás. Bam!

Primeiro degrau.

Empurra com cuidado. Desce as rodas de trás. Bam!

Próximo degrau.

Empurra com cuidado. Desce as rodas de trás. Bam!

Terceiro degrau.

Foram cinco *Bam!* até terminar os degraus.

E eu ainda tava com *muita* fome.

CAPÍTULO 27

Na manhã seguinte, a mamãe entra correndo com um jornal na mão.

– Bom dia, minha celebridade! – diz ela. – Adivinha!

Celebridade? Ela só pode estar viajando. Me viro pra ela, com cara de *Quê?*

– *Você é famosa!*

Hein?

Minha mãe me tira da cama, coloca na cadeira, tira o Medi-Talk er do carregador e pluga em mim. Depois coloca o jornal em cima dele.

E lá tô eu, estampada na primeira página do jornal. Em cores.

– **Uau!** – digito.

– O artigo fala da equipe ganhar o campeonato, mas eles só colocaram a sua foto. Que interessante.

– **Por que eu?**

A mamãe dá um leve sorrisinho.

– Porque você é única, maravilhosa e muito mais interessante do que a maioria dos alunos do quinto ano,

acho eu. A matéria toda dá destaque pra você.

– **O pessoal do time não vai gostar.**

– Tenho certeza de que eles vão ficar felizes por você, querida.

– **Não vão, não.**

– Olha, ouve só isso.

Ela lê a matéria.

– “A talentosa equipe da Escola de Ensino Fundamental da Rua Spaulding, formada por alunos do quinto e do sexto anos, venceu a etapa regional do campeonato Gênios do Quiz ontem à noite, com um placar de 86 a 85 pontos. Com conhecimento

e

habilidade

impressionantes,

eles

responderam questões sobre assuntos que vão muito além do seu currículo escolar e derrotaram outras sete equipes.”

– **A gente ficou parecendo inteligente.**

– E é isso que vocês são.

– Suei com as questões de Matemática. – Fico toda

pegajosa debaixo dos braços só de pensar.

A mamãe continua lendo.

– Aaah, aqui tá o pedaço que fala de você. Ouça isso:

“Uma integrante que se destacou na equipe Spaulding foi Melody Brooks, uma menina de onze anos diagnosticada com paralisia cerebral. Apesar de suas dificuldades físicas, Melody pôde mostrar suas brilhantes habilidades mentais, com rapidez e muita capacidade, e levou sua equipe à vitória”.

– **Eles vão me odiar** – digito, mal-humorada.

A Toffee, que ainda dorme comigo, passa a cabeça na minha mão. Parece que ela sempre sabe o que eu estou sentindo, mas desta vez ela não tem como me ajudar.

– Ah, não seja exagerada. Acho que a matéria é ótima, e os seus amigos devem ficar orgulhosos.

– **Você não tá entendendo.**

A mamãe me ignora e começa a me arrumar pra escola.

Duas camisetas azuis: uma pra eu usar e a outra pra guardar na mochila, caso aconteça alguma coisa. Duas calças. Ela nunca escolhe os jeans. Decidi não discutir. Tô com um pressentimento de que hoje não vai ser um bom dia.

– A sua foto tá ótima. Vou comprar mais exemplares do jornal – ela fica tagarelando, toda feliz, enquanto enfia as meias nos meus pés e coloca os tênis. – Todo mundo tem que ver isso.

O papai termina de vestir a Penny e a traz até o meu quarto. Quando a minha irmã vê a foto no jornal, solta o Peludo e grita:

– Dii-dii!

Depois pega o jornal e dá um beijo nele.

Aposto que lá na escola não vai ter muita gente reagindo assim.

Meu pai se inclina e me dá um beijo na bochecha.

– Vou explodir de tanto orgulho – diz ele, baixinho. – Eu te amo, Melody.

Me dá vontade de chorar. Queria poder dar um abraço na minha irmã, só uma vezinha, ou dizer que também amo o papai. Com a minha própria voz, não através de uma máquina.

Na escola, as pessoas reagem exatamente do jeito que eu tinha previsto. As palavras saem flutuando das bocas, palavras gentis, mas os olhos dizem a verdade. São frios,

querendo dizer que eu só posso ter batido na cabeça da repórter e obrigado ela a publicar uma foto minha sozinha.

Até a Rose fica distante.

– Legal aquela foto sua no jornal, Melody.

– **Obrigada. Devia ter saído uma foto da equipe toda.**

– Também acho.

Eu só solto um suspiro. *Não consigo fazer nada direito.*

Não quero ser tudo isso. Só quero ser igual a todo mundo.

A gente vai pra sala do sr. Dimming. Ele aparece usando outro terno novinho em folha – deve ter encontrado uma promoção de pague um leve dois – e dando um sorriso novinho em folha. Parece que vai explodir de tanta felicidade. E tá carregando uma pilha de jornais.

– Eu nem dormi essa noite – confessa ele. – Tenho tanto, *mas tanto*, orgulho da nossa equipe e da nossa escola!

O professor dá um tempinho pra classe aplaudir a equipe d e *quiz*. A Rose, a Molly e a Claire dão um sorriso bem grande, feliz. O Connor e o Rodney fazem reverências, tipo agradecendo a plateia. Alguns colegas até me olham e sorriem pra mim.

– A gente vai tipo ganhar pizza grátis? – solta o Connor.

– Com certeza! – responde o sr. D. – A diretora proclamou que a próxima sexta-feira vai ser o Dia da Equipe de Quiz, e a escola inteira vai ganhar pizza e refrigerante.

A classe aplaude de novo. O Connor fica com uma cara muito feliz.

O sr. Dimming continua:

– E eu quero que vocês gritem bem alto em homenagem à Melody, que muito nos ajudou a assegurar a vitória. Uma salva de palmas pra ela!

Ele começa a bater palmas, e a turma o acompanha, mas fiquei com a impressão de que foi só por educação. Acho que não faço tanto sucesso quanto pizza de graça.

– Quem assistiu ao noticiário das onze ontem à noite? – pergunta o sr. D., com a mesma expressão radiante de ontem à noite.

Quase metade dos alunos levanta a mão. Eu perdi: peguei no sono. Tava exausta quando a gente chegou em casa.

– Eu gravei e compartilhei nas redes sociais – conta ele, todo animado. – Mas agora a gente precisa voltar às nossas atividades normais – essa parte o sr. D. falou com um tom de decepção.

– Mas como é que a gente vai se preparar pra Washington? – pergunta a Rose. Óbvio que ela não ia deixar o sr. Dimming voltar a dar a matéria normal.

É *tão* fácil distrair os professores. Eu sabia que ele ia cair nessa.

O sr. Dimming dá mais um sorriso e respira fundo.

– Temos só duas semanas para nos preparar, Rose. Fiz um envelope pra cada um dos meus campeões – diz ele, enquanto distribui a papelada. – Levem pra casa e tragam de volta amanhã, sem falta. Dentro dele, tem todas as informações necessárias: como fazer a reserva da passagem de avião gratuita, onde fica o hotel e a programação de cada dia da viagem. Também escrevi os detalhes de como serão nossos treinos, que começam hoje. Vamos nos reunir depois da aula nos dias da semana. E aos sábados também, por meio período.

– Sábado? – diz o Connor, com um tom incrédulo.

Fiquei preocupada com isso também. Meio período no sábado? Se a Catherine não puder vir, como é que eu vou fazer pra ir ao banheiro ou comer?

– Vou trazer pãozinhos e frutas pro café da manhã, e a

gente pede um hambúrguer na hora do almoço – explica o sr.

Dimming.

– Parece meio saudável demais – responde o Connor, dando um sorriso meio malandro. – Mas tudo bem, eu venho.

– Se você faltar, vai pra reserva. Entrei nessa pra ganhar.

– Por que você não descansa uns dois ou três dias, cara?

– pergunta o Rodney. – Fico no seu lugar com o maior prazer.

Tenho a impressão de que ele tava falando sério.

O Connor vai logo dizendo:

– Nem pensar, cara. Eu venho.

A Molly levanta a mão.

– Sr. Dimming, os reservas também irão para Washington?

– Claro que vão!

– Então eu preciso comprar um vestido novo, pro caso de eu entrar na equipe?

– Você que sabe, Molly – responde o professor.

Aí a Claire levanta a mão também.

– Sr. D., acho que sei o que a Molly quer perguntar. A equipe que vai participar da etapa de Washington precisa ter

seis integrantes. Quem são os dois reservas que o senhor vai escolher?

– Vamos usar as notas. Os alunos que fizeram mais pontos em todas as rodadas preliminares vão entrar na equipe final. Justo?

A Claire parece satisfeita e faz um “toca aqui” com a Molly.

O sr. Dimming finalmente volta ao conteúdo normal: Espanha e Portugal. E eu me esforço para não fazer nada que chame a atenção. Nada de barulhos esquisitos nem de chutes. Nada de grunhir pro resto da turma nem de responder perguntas, mesmo que eu saiba a resposta. Só fiquei lá sentada no fundão com a Chaterine, rezando pra que a manhã acabasse logo.

Passo a tarde na sala H-5. A gente fica três horas assistindo desenhos do Tom & Jerry. Dá pra *acreditar*?

Depois da aula, a Catherine me dá um *flan* de potinho e um pouco de suco, enquanto não chega a hora de ir treinar na sala do sr. Dimming. Quando eu termino de tomar, ela faz uma careta.

– Tem alguma coisa te incomodando, Melody. O que é?

Você devia estar se sentindo o máximo, mas tá com cara de quem levou um soco no nariz.

– **Eles não me querem na equipe** – digito.

– Isso é ridículo. Você foi a estrela da noite passada.

– **Aí é que tá o problema.**

– Eles não teriam vencido sem você!

– **Eles têm medo de mim** – tento explicar. – **Acham que eu sou esquisita.**

– Você nunca deixou isso te abalar – argumenta ela.

É difícil explicar os meus sentimentos usando palavras que o Medi-Talker vai dizer por mim. Eu sei que os outros alunos não se sentem à vontade comigo na equipe. Não tem outro jeito de dizer isso. Eles até podiam achar legal eu participar, no começo. Na fase regional, até que tudo bem. Mas na grande final, transmitida em rede nacional... Aí a coisa muda de figura. Vou fazer com que eles se destaquem, mas não por um bom motivo.

Eu começo a digitar de novo.

– **Por causa de mim eles parecem...** – hesito um pouco, depois escrevo – **esquisitos.**

– Mas você é a pessoa mais inteligente da equipe! –

exclama a Catherine.

– **Eu babo.**

– Então põe uma caixa de lenços de papel na mala!

– **Eu faço barulhos estranhos.**

– E o Connor peida de vez em quando!

Tenho que dar risada depois dessa.

– Chega de sentir pena de si mesma, mocinha! Vamos lá pra sala do sr. D. e botar pra quebrar!

– **Tá bom, vamos.**

A Catherine empurra a minha cadeira pelo corredor, e eu vou de cabeça erguida. Bom, pelo menos, eu tento deixar ela erguida, só que a minha cabeça fica balançando durante quase todo o trajeto. Ninguém mais fala da matéria do jornal, e o treino flui normalmente. Eu acerto a maioria das respostas. E, quando a mamãe vem me buscar, já me sinto um pouco melhor.

Mas percebo que a Molly, a Claire e a Rose ficam cochichando quando eu saio. Vai ver elas estão combinando de ir ao shopping ou falando de uma música nova, de um vídeo... ou de mim.

CAPÍTULO 28

Como é que eles esperam que a gente consiga se preparar em tão pouco tempo? Passagens de avião e autorizações. Papeladas e treinos.

Treino todos os dias por quase duas semanas. Estudo todas as noites com a sra. V. Palavras. Cidades. Estados. Países. Capitais. Oceanos. Rios. Cores. Doenças. Clima. Números. Datas. Animais. Reis. Rainhas. Pássaros. Insetos. Guerras. Presidentes. Planetas. Autores. Generais. Leis. Citações. Medidas. Equações. Definições. A minha cabeça gira sem parar de tantos dados e informações. Mas agora eu tô pronta. Nossa equipe tá pronta.

O sr. D. cumpriu o que prometeu. Os seis alunos que fizeram mais pontos durante os treinos foram anunciados há alguns dias, na nossa última reunião. É claro que, como todos os meus outros colegas, eu fiquei somando os pontos de todo mundo na minha cabeça. E tinha certeza que ia ficar entre os seis que iam aparecer diante das câmeras e não ia pra reserva.

Quando leu a lista, o sr. Dimming tava se consumindo de tanta expectativa. Ele andava pra lá e pra cá, todo nervoso. Mais um pouco e o homem ia sair dançando!

– Aqui vamos nós. Acho que preciso que rufem os tambores ou algo do gênero.

– Lê a lista. Por favor – gritou o Connor, impaciente.

Então o professor disse, bem devegar:

– Os seis integrantes da equipe de *quiz* da Escola de Ensino Fundamental da Rua Spaulding são... – ele deu uma paradinha. Achei que o Connor ia jogar alguma coisa nele. – Rose, Connor, Melody, Elena, Rodney e Molly. Claire e Amanda ficarão na reserva.

– Eu virei reserva? – falou a Claire, sem acreditar no que tava ouvindo.

– A Molly fez dois pontos a mais do que você, Claire – explicou o sr. D. – Mas você ainda vai pra Washington e pode torcer pela gente e conhecer a cidade.

– Mas fui *eu* que ajudei ela a estudar – reclamou ela, escandalizada. – Isso *não* é justo!

Eu só sacudi a cabeça e dei um sorrisinho. A Claire não entende *nada* de injustiça.

A Molly fez aquela cara de convencida e não parecia nem um pouco chateada que a melhor amiga tinha ficado na reserva. A mãe dela chegou, e o treino acabou ali.

O campeonato é amanhã – quinta-feira à noite. Se a gente ganhar, vai aparecer no *Bom dia, América* na sexta e depois vai conhecer a Casa Branca. No sábado, vamos fazer mais uns passeios em Washington e voltamos pra casa no domingo. Na segunda-feira, se tudo der certo, vamos pra aula com o título de campeões nacionais. E levando aquele troféu.

Então, hoje à noite a gente vai arrumar as malas. Eu nunca fiz uma viagem tão longa, e isso requer muitos preparativos.

Tô loucamente animada, loucamente nervosa. O papai comprou uma mala vermelha de rodinhas pra mim. Tem cheiro de carro novo. Só de encostar nela já fico com vontade de sorrir.

Ontem fui fazer compras com a mamãe. Faz tempo que a gente não faz isso. Ela me deixou escolher duas roupas novas. Com calças jeans. Nada daqueles práticos conjuntinhos de moletom largões nesta viagem!

Passamos por uma papelaria quando a gente estava passeando pelo shopping. Aí me deu uma ideia, e eu logo digitei:

– **Entrar. Comprar cartão, por favor.**

– Pra quem? – perguntou a mamãe, empurrando a minha cadeira loja adentro.

– **Catherine. Pra agradecer. Por ter me ajudado a me preparar.**

– Que atitude mais madura! – disse a mamãe, toda orgulhosa.

– **Um pra sra. V. também?**

– Claro!

O cartão que a gente achou pra sra. V. não podia ser mais perfeito. A parte da frente tinha centenas de laranjas, com uma laranja azul no meio. Dentro, dizia: *Você é uma em um milhão. Obrigada.*

– Ela vai amar – disse a mamãe.

Para a Catherine, escolhi um cartão que tinha uma mesa cheia de computadores, aparelhinhos de MP3 e videogames, e uma moça plugada em todos eles, usando fones de ouvido. Dizia: *Que bom que você está sempre por perto, pra gente se conectar. Obrigada por tudo o que você faz por mim.*

– Até parece que foi você que fez esses cartões! – exclamou a mamãe, passando no caixa.

É. Muito perfeito.

Lá pelas sete horas, a campainha toca. É a sra. V., que veio dar uma mão com os preparativos finais. Ela e a mamãe formam uma ótima dupla.

– Fiz uma lista de acordo com as recomendações do sr.

Dimming – diz a mamãe. – Saia preta e blusa branca pra competição.

– Confere – responde a sra. Valência, dobrando as duas peças de roupa com todo o cuidado e colocando na mala.

– Fere! – imita a Penny.

– Mais uma blusa branca, só por precaução.

– Ótima ideia – elogia a sra. Valência, balançando a cabeça.

A mamãe dobra mais duas blusas e minhas calças jeans preferidas.

– Roupas confortáveis para passear em Washington.

Dinheirinho *para as lembrancinhas*. Óculos de sol. Câmera.

– Confere, confere, confere – repete a sra. V.

– Pijama, escova de dentes, desodorante, presilhas pro cabelo.

– Tudo aqui.

– Uma jaqueta bem quentinha. Nunca se sabe como vai ser

o tempo agora em março.

– Fere! – grita a Penny.

– Carregador do Medi-Talker, baterias extras, lençinhos de papel, lençinhos umedecidos.

– Pronto!

– Sombrinha?

– Pra você ou pra Melody? – pergunta a sra. V., dando risada. – Por acaso você já fez *a sua* mala?

– Fiz, já tá quase pronta. Também tô nervosa. – A mamãe dá uma paradinha e diz: – Você é demais, Violeta. Eu sei que a Penny vai ficar na sua casa enquanto a gente estiver fora...

– **E a Toffee também** – interrompo.

As duas dão risada. A mamãe completa:

– Sério, se não fosse você, não ia ter jeito de a Melody fazer essa viagem.

– **Pega cartão, mãe** – digito.

Espicho a mão pro lado, mas mal consigo encostar na mochila, que tá pendurada na minha cadeira.

A mamãe põe a mão lá dentro, tira o envelope e coloca na minha bandeja. Eu empurro o cartão na direção da sra. V.

Ela abre, lê e me dá um apertão tão forte que eu mal

consigo respirar.

– Esse aqui vai pra porta do meu refrigerador! – diz ela,

baixinho. – Quero olhar pra ele todos os dias.

Pra dar uma disfarçada, ela começa a tirar o pó de uns sapatos que eu nunca cheguei a usar.

– **Tô com um pouco de medo** – confesso.

– Bobagem, Mello Yello. Vou ficar só esperando pra te ver n o *Bom dia, América* com aquele troféu de três metros de altura.

– **Isso ia ser demais!**

– Agora fala de novo. Que horas o avião sai amanhã, Diane? Penny, tira essa calcinha da sua irmã da cabeça, sua boba!

A mamãe confere os papéis.

– O avião sai ao meio-dia. Isso significa que a gente tem que sair daqui no máximo às nove horas, pra chegar no aeroporto às dez, fazer o *check -in* e verificar se eles despacharam a cadeira dela direito. Aí vai dar pra relaxar um pouquinho até a hora do embarque.

A sra. V. coça a cabeça e diz:

– Por que será que eles escolheram o voo do meio-dia? Ele

chega em Washington lá pelas duas, e o campeonato é às sete. Acho meio apertado.

– O sr. Dimming diz que o hotel segura a reserva mesmo que a gente chegue depois das duas, que é o horário máximo que eles permitem fazer o *check -in*. O estúdio fica do outro lado da rua, então acho que vai dar tudo certo.

Quando a mamãe começa a fechar a minha mala, meus olhos ficam cheios de lágrimas. Nem acredito que isso tá acontecendo. Só falta um dia pra eu ir pra Washington e aparecer na TV em cadeia nacional. Tomara que eu não estrague tudo.

Tenho vontade de ligar pra Rose pra saber se ela também tá nervosa. Quero perguntar que roupa ela vai usar pra ir à Casa Branca. E se a gente conhecer a primeira dama? Isso sim ia ser o máximo! Quero saber se a gente vai sentar perto no avião. Quero ser igual às outras meninas.

Não dormi muito bem. De manhã, a mamãe me dá banho, me veste e me dá comida na boca em tempo recorde, enquanto o papai apronta a Penny.

– Vai ver avião? – pergunta ela sem parar.

– Voar! Iuuuupi! – diz o papai, dando voltas pela sala

segurando a Penny bem alto. Minha irmã ama quando ele faz isso.

A gente sai pela porta, e a sra. V. vem correndo, de câmera na mão. Ela tira fotos minhas sendo colocada na cadeira, da minha mala sendo colocada no carro, e do meu sorriso corajoso de vitória. Aí ela faz tudo isso de novo com a filmadora do papai. Não, a gente não vai esquecer mesmo desta manhã.

A Penny sai correndo atrás da Toffee e fica dando voltas ao redor do carro, que foi lavado e polido. A mamãe, que tá usando um terninho jeans bem descolado – e, pra minha surpresa, uns tênis supermodernos –, coloca nossa bagagem no porta-malas. Às quinze para as nove, todo mundo já tá prontinho pra sair.

O papai leva a Toffee pra dentro de casa, tranca a porta e pergunta:

– Tudo certo?

– Vamos nessa! – grita a mamãe. Até a Penny sente a animação. Ela bate palmas. Eu não consigo parar de sorrir.

Eu sei que a gente ainda tem muito tempo, mas fico querendo que o papai vá mais rápido. Estou com tanto medo

de perder o avião ou que a gente tenha esquecido as passagens ou que eu vomite e tenha que voltar pra casa.

No estacionamento do aeroporto, encontramos uma fileira de vagas para deficientes vazias. Descarrega tudo: eu, minha cadeira, nossas malas, a Penny e o Peludo. A sra. Valência tira mais umas fotos.

Fiquei com a impressão que demorou horas, mas a gente só levou alguns minutos pra chegar no balcão do *check-in*.

A sra. V. empurra a minha cadeira. A mamãe leva a Penny no colo. O papai puxa um carrinho com as malas e o Peludo. São dez horas em ponto.

– Oi! – diz a mamãe, toda contente, pra moça de uniforme que tá no balcão. – Viemos fazer o *check-in* para o voo do meio-dia para Washington.

Ela entrega os bilhetes para a moça.

– Do meio-dia? – responde a mulher, franzindo o cenho. – Desculpe, senhora, mas esse voo foi cancelado. Muitos voos foram cancelados hoje. Uma tempestade de neve na região Nordeste causou estragos por todo lado.

Como assim cancelado? Meu estômago começa a roncar.

– Neve? – a voz da minha mãe fica meio rouca. – Mas o

tempo aqui está tão bom, ensolarado.

– Em Boston, a neve já atingiu a altura de treze centímetros. E a previsão diz que ainda cairá neve mais para o sul. A Administração Federal de Aviação não permite decolagens com esse tempo, e aí o sistema todo fica congestionado. Os aviões até conseguem pousar aqui, mas não podem retornar para o leste. E isso significa que nenhum voo programado para esta tarde poderá partir. A situação é complicada, me desculpe.

A moça da companhia aérea continua digitando bem rápido e diz:

– Mas eu posso embarcar a senhora e a sua filha no próximo voo direto. Sai daqui às 19h23 e chega em Washington às 21h07. Os meteorologistas preveem que a tempestade terá passado até lá, e aí poderemos começar levar os passageiros até seus destinos.

Meu coração vai sair pela boca.

– A senhora gostaria de remarcar seu voo agora? – a moça sorri, toda feliz. Ela não tá entendendo.

– Mas o campeonato começa às *sete* – murmura a mamãe, com a voz fraca.

– Desculpe. Não ouvi, senhora.

Eu não consigo respirar.

A mamãe fala um pouquinho mais alto.

– E o restante do nosso grupo? Estamos viajando juntos.

Um grupo de estudantes. Uma equipe de *quiz*, na verdade.

Eles também tinham reservas para este voo. Vamos participar de um campeonato hoje à noite.

– Ah, sim. Lembro dessas crianças. Vieram de manhã bem cedo. Um ótimo grupo. Tão educados, tão cheios de boas maneiras. Me falaram do campeonato e do troféu enorme que eles podem ganhar.

– Ah, eles vieram *bem cedo*? – diz a mamãe, indignada.

– Parece que tomaram café da manhã juntos e vieram direto pra cá. Fizeram bem, por que senão não teriam como sair daqui.

– E onde eles estão?

– Ah, eles embarcaram no voo das nove. No último avião que saiu daqui pro Leste antes de os voos começarem a ser cancelados. Tiveram que ir correndo para o portão de embarque, mas conseguiram entrar no avião bem na hora. Eu mesma garanti que eles embarcassem – aí ela olha para o

computador e diz: – Isso mesmo, eles partiram há mais ou menos uma hora.

– Eles já foram? – sussurra a mamãe.

Acho que vou morrer sufocada.

– A senhora está indo para Washington com a sua família pra torcer por eles? – pergunta a mulher. Ela ainda não entendeu.

– Não, minha filha faz parte da equipe. A gente *tem* que ir pra Washington. Será que não tem outro voo? Quem sabe em alguma outra companhia?

A moça olha pra mim e pisca.

– Ela faz parte da... – começa a perguntar, mas aí ela cai em si, olha de novo pro monitor e volta a digitar loucamente.

Dá pra ouvir as unhas dela batendo nas teclas.

O papai coloca as duas mãos no balcão e se inclina na direção da agente. Eu nunca o vi tão bravo.

– Como é que isso pôde acontecer? A gente não deveria ter sido avisado que o voo foi cancelado?

– Tentamos fazer isso, senhor, mas nem sempre é possível

– diz a moça. Ela me parece chateada de verdade. – Sempre orientamos os passageiros, pedindo que liguem antes de sair

de casa para checar o *status* do seu voo.

– Mas essa é a viagem mais importante da vida dela! Você

não pode entender o que isso significa pra minha filha!

Eu fecho os olhos com toda a força. Aquela musiquinha

idiota de elevador sai tilintando pelos alto-falantes do

aeroporto. Eu não vejo cores bonitas. Não sinto aromas

deliciosos. Só vejo escuridão.

– Lamento muito, muito mesmo, senhor – diz a agente.

– E um voo com escala? Ela *tem* que estar em Washington

hoje à tarde!

Tive a impressão de que ela ficou batendo no teclado e

clicando no *mouse* por horas e horas. Finalmente, ela olha

pra cima e diz:

– Não há mais nenhum voo para Washington em nenhuma

companhia, senhor. Nem direto nem com escalas. Devido ao

mau tempo, nenhum avião pode decolar. Só teremos voos à

noite. Lamento muito – sussurra ela.

Eu abro os olhos porque eles estão cheios de lágrimas.

O papai se afasta do balcão, com a cara toda enrugada, e,

de uma hora pra outra, dá um soco na parede, bem do meu

lado.

Eu sacudo a minha cabeça. Sei que isso deve ter doído.

– Aaaaaai! Eu não devia ter feito isso – confessa o papai, segurando uma mão na outra.

Mas, se eu pudesse dar um soco na parede, também teria feito isso.

A sra. V. tira os olhos do papai e olha pra mim.

– Também não entendo como é que isso pôde acontecer, Diane. Alguém da equipe não deveria ter te ligado? – a voz dela era tão dura que poderia esmigalhar tijolos. – O professor, quem sabe?

– Vai ver que não deu tempo – diz a mamãe, com um ar desamparado. – Pelo menos é isso que eu espero. Tenho certeza que... tenho certeza que eles não deixaram a gente pra trás de propósito.

Eu ainda não tinha conseguido respirar fundo.

– Minhas sinceras desculpas, senhora – diz a agente, por fim. – Eu até verifiquei os aeroportos das cidades vizinhas.

Nenhum voo sairá mesmo desta região agora, só à noite.

Ainda tenho vários assentos disponíveis no voo das sete horas, se a senhora quiser que eu reserve.

– Não, obrigada – responde a mamãe, baixinho. – Não

adianta.

Pra mim, o aeroporto parece um grande vácuo. Sem som.

Sem vozes. Sem ar.

A mamãe vem andando devagar na minha direção.

Fico lá sentada com a minha roupa nova azul e branca,
com os meus tênis combinando, do lado da minha mala nova
vermelha e brilhante, me sentindo muito, muito idiota.

E brava. Como é que eles podem ter feito isso comigo?

E impotente. Odeio me sentir assim. Igual àquela vez
quando eu era pequena e fiquei de costas, imobilizada que
nem uma tartaruga idiota. Eu não podia fazer nada. Nada.

– Quanto tempo dá de carro até lá?

Eu nem olho pra cima. Já sei a resposta.

– Dez horas, pelo menos – responde o papai, bem
baixinho.

– Vai voar avião? – pergunta a Penny.

– Sem avião hoje – diz ele, encostando de leve na cabeça
da minha irmã com a mão que não estava machucada.

A mamãe me leva até um banco do outro lado da área de
check-in. Ela se ajoelha na minha frente. Chorando.

Acho que eu nunca mais vou conseguir respirar.

A mamãe me dá um abraço e diz:

– Vai ficar tudo bem, querida. Você ainda é a menina mais sensacional, mais inteligente e mais maravilhosa do mundo.

A gente vai dar um jeito de superar isso.

Não. Eu não vou superar nada.

A sra. V. também enxuga as lágrimas. Ela senta no banco, segura minhas duas mãos e diz:

– Ah, meu bebê. Eu sei que isso é difícil. Mas não tem jeito de levar você pra Washington.

Eu só fico lá sentada. A manhã começou brilhante como um cristal, mas o resto do dia tava mais pra vidro quebrado.

CAPÍTULO 29

Quando a gente chega em casa, peço pra mamãe me pôr logo na cama. Me recuso a almoçar. Tento dormir, mas as perguntas do campeonato e outras perguntas que começam com “por que” não saem da minha cabeça.

Por que eles não me ligaram?

Por que eles não me contaram que iam tomar café da manhã juntos?

Por que eu não posso ser igual a todo mundo?

Finalmente, consigo pôr a cabeça no travesseiro e chorar.

A Toffee fica me cutucando com o nariz, mas eu ignoro.

Eles me deixaram pra trás de propósito! Como puderam

fazer isso? Eles me deixaram pra trás de propósito!

Tenho vontade de pisotear alguma coisa. Pisotear,
pisotear, *pisotear*! E fico mais possessa ainda porque nem
isso eu posso fazer! Não posso nem ficar *louca da vida*
como qualquer criança normal!

A Penny põe a cara na minha porta. Quando vê que eu tô
acordada, sobe na minha cama e se enrola pertinho de mim.

Tá cheirando a espuma de banho com aroma de melancia. Ela
tenta contar os meus dedos, depois tenta contar os dedos
dela, mas só sabe dizer *um, dois, três, cinco* e fica repetindo
isso sem parar. Depois ela tenta ensinar o Peludo a contar.

– Dois, Uu-do, dois.

Relaxo um pouquinho.

– Ah! Então você tá aqui, né, Penny? – diz o papai,
encostado na porta. – Você tá deixando a Dii-Dii feliz?

– Dii-Dii boa menina – diz ela.

– É, ela é mesmo. A melhor – concorda o papai. – Você tá
bem, Melody? – pergunta ele, chegando mais perto pra me
fazer um cafuné.

Eu balanço a cabeça. Aponto para o pulso esquerdo dele, que tá enrolado numa faixa elástica.

– É, tá doendo. Fiz uma coisa bem idiota, mas acho que fiquei me sentindo melhor depois.

Balanço a cabeça de novo.

Ele tira a Penny da minha cama com o braço direito.

– Pronta pra fazer um lanchinho, senhorita Penny? – pergunta o papai.

– Cachorro-quente! – exige ela.

– Quer que eu faça alguma coisa pra você comer, Melody?

Tô sem fome. Eu sacudo a cabeça, depois aponto para o relógio.

– Talvez mais tarde?

Eu dou um sorriso, e ele sai devagarinho do meu quarto levando a minha irmã.

Toca o telefone.

Ouçó a mamãe dizer.

– Ah! Olá, sr. Dimming.

Ela vem correndo para o meu quarto, com o telefone sem fio no ouvido. Tá apertando tanto aquele negócio que as veias na mão dela ficaram saltadas.

– Não, eu não entendo – diz ela, curta e grossa. – Por que ninguém nos ligou? – ela o ouve por um minuto e aí explode de raiva. – Teria sido muito fácil chegar uma hora antes no aeroporto. A gente chegaria de madrugada se fosse preciso! – ela tá quase gritando. – O senhor faz ideia do quanto a minha filha ficou arrasada?

Uma pausa.

– Sim, eu sei que ela provavelmente é a pessoa mais inteligente da equipe. Era. O verbo certo é ERA. Não existe mais É – a mamãe para de falar para ouvi-lo de novo. – *O senhor vai dar um jeito de compensar o que fez?* O senhor só pode estar de brincadeira!

A mamãe bate o telefone na cara do professor e atira o aparelho num canto. Ela enxuga as lágrimas, puxa um lençinho de papel da caixa que fica na minha mesa e se joga na cadeira ao lado da minha cama. Ouço ela assoar o nariz, aí me viro.

– Ah, Melody, se pelo menos eu pudesse tirar essa dor de você – diz ela, com a voz cheia de tristeza.

Eu pisco os olhos, que estão cheios de lágrimas.

A mamãe me puxa pro colo dela. Não é mais tão

confortável como era antes, quando eu cabia nele, mas ainda é gostoso. Ela me balança, murmurando uma música baixinho. E enfim consigo pegar no sono, ouvindo o ritmo das batidas do coração dela.

CAPÍTULO 30

O que aconteceu hoje foi tudo culpa minha. Eu devia ter escutado. A gente devia ter ficado em casa e passado o dia juntos. Mas não fez nada disso. Por minha causa.

Quando acordei hoje de manhã, tava chovendo. Trovões. Relâmpagos. Vento. Um aguaceiro daqueles que encharcam de verdade e fazem sombrinhas e capas de chuva parecerem piada. Até o ar estava cinza, pesado e espesso, de tanta umidade. Dava pra ouvi-lo batendo na minha janela.

O papai entrou no meu quarto e sentou naquela cadeira onde ele lia pra mim quando eu era pequena. Tava segurando o pulso com todo o cuidado. A mamãe teve que pôr o braço dele numa tipoia.

– Tá complicado lá fora.

Eu balancei a cabeça.

– A sua equipe foi derrotada lá em Washington numa das últimas rodadas. Eles ficaram em nono lugar. Ganharam um

trofeuzinho de nada.

Mas eles não eram mais a *minha* equipe. Tentei fingir que eu não ligava. Pisquei com toda a força e fiquei olhando pra parede.

– Eu queria poder dar um jeito nisso, Melody – disse o papai, baixinho, já saindo do meu quarto.

Com essa, as lágrimas começaram a cair de verdade.

Eu não queria ir pra aula. Estava de licença, porque deveria ter ido pra Washington. Se eu fosse, ia ter que ficar o dia inteiro sentada lá na sala H-5 com o Willy, a Maria e o Freddy. Não fazia sentido.

Mas pensei melhor e mudei de ideia. A peninha que eu tava sentindo de mim mesma se transformou em raiva. E, louca de raiva, decidi que não ia ficar sentada em casa que nem um cachorrinho que levou um chute. Eu ia dar as caras e fazer todo mundo ver que ninguém podia me derrubar.

A mamãe encostou na porta do meu quarto e perguntou:

– Quer ficar em casa hoje? Ninguém pode falar nada.

Eu sacudi a cabeça com toda a força. *Não! Não! Não!*

Chutei as cobertas que estavam no meu pé.

Ela deu um suspiro.

– Tá bom, tá bom. Mas o tempo tá bem ruim, e eu acordei com enxaqueca. E, ainda por cima, a Penny tá doente, e a Toffee vomitou no tapete. Tive que colocar a cachorra no porão.

Minha mãe me deu banho, me vestiu e me levou pro andar de baixo. Normalmente, é o papai que me carrega. Mas, como ele estava fora de combate por causa do braço, a mamãe só soltou um gemido, me pegou no colo e me levou. Ela me colocou na minha cadeira manual – a elétrica não se dá muito bem com chuvas e trovoadas – prendeu o meu antigo painel de comunicação de acrílico – e a Elvira – e sentou para recuperar o fôlego.

– Acho que vamos ter tempestades o dia inteiro, querida – ela disse, olhando pra fora e vendo aquela água toda. – Sinto muito, minha Melody, sinto tanto por tudo o que aconteceu.

Eu estiquei o braço pra cima e toquei a mão dela.

A chuva continuou caindo.

Ela fez o meu café da manhã – ovos mexidos e mingau – e me deu na boca, uma colherada por vez. A mamãe ficava colocando a palma da mão na testa. Silenciosa demais. Será

que ela tava pensando em quantas vezes me deu comida na boca e quantas vezes ainda teria que dar?

A Penny apareceu na cozinha de touca e pantufas amarelas em forma de pé de pato, tossindo e espirrando.

A mamãe parou de me dar comida, encontrou um lenço de papel e limpou o nariz da minha irmã. Ela odiou, é claro, e começou a gritar como se estivesse sendo torturada por espiões inimigos. Normalmente, a mamãe brinca com ela, limpa o nariz do Peludo pra Penny encarar numa boa, mas acho que hoje ela não tava a fim de brincadeira.

Tocou o telefone. A mamãe atendeu, com a colher numa mão e o lenço sujo na outra.

– Alô. O quê? Você precisa que eu vá? Mas eu tô de folga hoje! Era pra eu estar em Washington – ela fez uma pausa. – É uma longa história.

Eu me encolhi toda. A Penny continuou esperneando.

Ela tem que colocar a Penny no porão junto com o cachorro! – pensei, com a testa franzida.

A Toffee arranhava a porta do porão, furiosa.

– Penny, por favor – gritou a mamãe, tapando o fone com a mão.

Minha irmã parou de gritar um pouquinho, mas só porque tinha caído com as duas mãos dentro da tigela de água da Toffee, espalhando água por todo o chão.

A mamãe ficou ouvindo um minutinho, então disse, ao telefone:

– E o acidente é muito grave? Muitos feridos? Ok, eu entendo. Já vou praí, mas antes preciso pôr a minha filha no ônibus da escola.

Ela desligou o telefone e deu um suspiro, apertando o lenço de papel. Aí gritou pro papai:

– Tenho que ir pro hospital, Chuck. Houve um grande engavetamento na estrada. Você já tá pronto?

O papai desceu as escadas, ainda de pijama.

– Eu não vou pro trabalho hoje.

– Mas você nunca tira folga – disse ela, fazendo uma cara de surpresa.

– O meu pulso tá doendo, o tempo tá horrível, e a Penny tá resfriada – explicou o meu pai, depois me perguntou: – Por que você não fica em casa comigo?

Mas não, eu chutei o ar e esperneei e insisti que eu queria ir pra escola. **Não posso faltar hoje!** aponteí no painel. **Tenho**

que ir! Tenho que ir!

A mamãe só pôs as duas mãos na cabeça de novo.

– Tira a Penny do prato do cachorro.

E não disse mais nada.

O papai arrancou um tanto de toalhas de papel do rolo, secou a bagunça que a Penny tinha feito e limpou o nariz dela com uma toalha de papel molhada. Ela começou a gritar de novo. Os gritinhos se transformaram em berros.

E aí ela derrubou um copo de suco de laranja na minha bandeja. Minha blusa limpa ficou toda molhada. *Ela fez isso de propósito!*, pensei com raiva.

Minha mãe simplesmente sacudiu os ombros, e arrancou minha blusa com um puxão só e disse pro papai:

– A Melody está determinada a ir pra aula. Por que, eu não sei. Mas é melhor ela ir de uma vez.

Eu não tinha como explicar pra eles que eu queria ver a Catherine. Não sei por que, mas eu achava que ia me sentir melhor se conversasse com ela. Ela tá na faculdade, ia saber o que dizer. Além disso, eu precisava entregar aquele cartão pra ela. Hoje.

A mamãe ficou vários minutos procurando outra blusa pra

mim. Até que lembrou daquele monte de roupa limpa dentro da minha mala. Quando entrou na cozinha empurrando aquela mala vermelha, olhei pra ela e virei o rosto em seguida. Me recusei a chorar de novo.

Por algum motivo, o ônibus veio mais cedo. Eu tinha acabado de trocar de blusa, precisava arrumar a mochila, colocar minha lancheira e o cartão da Catherine lá dentro e ainda tinha que ir ao banheiro. Mesmo com tanta chuva e tantas trovoadas, deu pra ouvir direitinho o som da buzina.

Sempre achei que aquilo parecia um ganso morrendo de dor.

Ouvi o papai abrir a porta da frente e fazer sinal pro motorista ir embora, gritando:

– Não precisa esperar, Gus. Ela ainda não tá pronta!

O motorista – um cara de cabelo loiro claro que já faz essa rota há alguns anos – deu mais uma buzina e seguiu em frente. O Gus é muito legal e sempre espera uns minutinhos pelos pais que estão tendo dificuldade pra arrumar os filhos pra sair. É que a gente demora mais pra se aprontar de manhã.

– Melody, minha querida, por que você não fica em casa com o papai e a Penny hoje? Por favor! – perguntou a

mamãe, me levantando da privada. – O dia tá tão feio.

Eu chutei e gritei de novo, sacudindo a cabeça. *Não, não, não!* Eu não sabia por que isso era tão importante, mas tinha certeza que precisava dar as caras na escola. Vai ver eu queria contar pra todo mundo o que a equipe tinha feito comigo. Eu não sabia direito. Eu só sabia que eu precisava ir pra aula.

A mamãe deu um suspiro e subiu o meu jeans. Quando voltei pra minha cadeira, apontei para **Obrigada e Mãe**. Ela só sacudiu a cabeça e enfiou meu almoço na mochila.

Parecia que a chuva não ia mesmo passar, então a mamãe respirou fundo e começou o processo de me colocar no carro. Quando vou de ônibus, é só eu descer a nossa rampa sozinha, ir até a calçada e entrar no elevador do ônibus, que me leva até uma área especial dentro do veículo que prende a minha cadeira no lugar.

Mas quando eu vou de carro pra escola, tem todo um processo de separar e depois juntar eu, a minha cadeira e as minhas coisas. Mesmo quando eu estou na minha cadeira manual, isso é um saco.

E não tinha como o papai ajudar. De braço na tipoia, ele

encolheu os ombros e tentou fazer uma cara de quem estava se sentindo mal por não poder sair e dar uma mãozinha pra mamãe. Acho até que ele tava gostando um pouquinho daquela situação, e isso deixou a minha mãe ainda mais chateada.

A chuva e o vento tinham, no mínimo, piorado. A mamãe tinha colocado uma capa de chuva gigante em mim e na minha cadeira, e também tinha vestido uma. Mas, segundos depois, os capuzes voaram, e as nossas cabeças ficaram ensopadas. Começamos a descer a rampa bem devagar, tomando chicotadas do vento, com a chuva nos atacando por todos os lados.

Eu tava superempolgada. Nunca tinha visto o céu escuro daquele jeito às oito da manhã. Parecia uma cena de um filme bem legal, com os trovões, o vento e tudo mais. O meu cabelo é curto e encaracolado, e acho que fica bonitinho molhado. Que bom. A mamãe odeia molhar o cabelo. Ele fica todo escorrido e arrepiado. Tenho que admitir: quando fica de cabelo molhado, a minha mãe devia se esconder no armário.

Ela abriu a porta do carona, e o vento a bateu. Abriu de

novo e usou minha cadeira pra segurar a porta. O banco da frente do carro, é claro, tava ficando encharcado. A mamãe me levantou, me sentou no banco e afivelou o cinto de segurança. Aí começou o processo de dobrar a minha cadeira. Felizmente, ela é quase toda de metal e de plástico, mas eu sabia que ela ia ficar úmida o dia inteiro, mesmo que alguém passasse um pano bem direitinho quando eu chegasse na escola.

Minha mãe colocou a cadeira e o meu antigo painel de comunicação no porta-malas. E bateu a porta com força. A chuva continuava caindo. Quando conseguiu sentar no banco do motorista, tava toda pingando e de péssimo humor.

– Eu queria era voltar pra cama – disse, irritada, colocando a chave na ignição. – Tô morrendo de dor de cabeça. Por que eu disse que ia trabalhar? Era pra eu estar de folga hoje, e você devia estar em Washington.

Aí ela deu um suspiro profundo.

Eu respondi dando uns chutes, mas bem de leve. Eu não queria deixar a minha mãe ainda mais chateada. Foi aí que eu olhei pra baixo e vi que ela tinha esquecido a minha mochila.

O cartão da Catherine! Eu me estiquei, agarrei o braço dela e apontei pros meus pés.

– Que foi? – perguntou ela, estressada.

Eu chutei, apontei pro chão e gemi. Depois apontei pra casa. O papai, que tinha trocado de roupa e colocado um agasalho cinza bem grosso, estava lá de pé, sorrindo, segurando a minha mochila jeans na mão direita. Dava pra ver a Penny atrás dele, ainda de pijama amarelo de patinho, mas tinha trocado a touca por um chapéu de chuva amarelo.

Ela tava segurando o Peludo e a sombrinha vermelha da mamãe. Os relâmpagos reluziam. Os trovões vinham em seguida. A chuva caía, impiedosa. A mamãe apertou o volante com toda a força.

Ela fez um barulho parecido com algo que eu diria, quase um uivo: *Aaaaaaaaargh!* Escancarou a porta do carro, foi pisando firme no meio da tempestade, subiu a rampa e arrancou a mochila da mão do papai. Quando voltou pro carro, tava completamente ensopada. O papai abanou a mão enfaixada lá do alpendre uma última vez, depois se virou e voltou pra dentro de casa, onde podia ficar bem sequinho e confortável. Vi a porta da frente *quase* fechar.

E foi aí que eu vi uma coisinha amarela, arrastando uma sombrinha vermelha, sair correndo pela porta. Só por um segundo. Mas vi.

Eu gritei! Chutei! Sacudi os braços!

Os vidros do carro já estavam meio embaçados e, quanto mais eu agia como se estivesse possuída pelo demônio, mais embaçados eles ficavam. A mamãe me deu uma olhada, com cara de quem achava que eu tinha pirado de vez, e gritou:

– Para! Tá louca?

Mas eu não parava. Não podia parar. Batia no vidro do carro, puxava a blusa da mamãe, batia na cabeça dela. Dava beliscões. Bom, pelo menos tentava dar.

– Não aguento mais, Melody! – berrou a mamãe, mais alto do que os trovões. – *Odeio* quando você faz isso. Você precisa aprender a se controlar! Agora CHEGA! – Então colocou a mão na chave para dar partida no carro.

Eu gritei, estiquei o braço e tentei arrancar as chaves dela.

Arranhei as costas da mão da mamãe.

Ela me deu um soco na perna. Minha mãe nunca tinha me batido. Nunca. Mas eu não parei de gritar, de chutar, de me sacudir. Eu tinha que dizer pra ela. *Eu tinha que dizer que a*

Penny estava lá fora! Nunca quis tanto poder usar palavras.

Eu tava completamente fora de mim.

– Vou te levar pra escola, espero que eles fiquem com você por lá. – ela murmurou, bem baixinho.

Ligou o carro, com raiva. Um sopro de ar saiu pra desembaçar os vidros. Os limpadores de para-brisa começaram a funcionar a toda.

Eu chorei. Lágrimas gigantes. Soluços. Peguei o braço da mamãe de novo, mas ela sacudiu com força e se soltou. Dava pra ver que ela tava com vontade de me bater de novo, mas acabou não batendo. Ela apertou os lábios, olhou pelo retrovisor e engatou a marcha à ré.

Eu gritei, eu berrei, eu esperneei. A chuva caía forte. Os trovões ribombavam.

Bem devagar, o nosso carro grande começou a ir pra trás.

Senti ele bater de leve em alguma coisa. Fiquei completamente em silêncio.

A mamãe parou o carro, virando a cabeça devagar pra esquerda. Depois virou pra direita, quase em câmera lenta, e viu o papai sair correndo de casa, desolado.

– Penny! – gritou ele. – Cadê a Penny?

A mamãe abriu o vidro do meu lado. A chuva caía em mim, mas eu não ligava.

– Como assim? Ela tá com você! – minha mãe falava baixo, mas com um tom de desespero e muito, muito medo.

Ela saiu do carro. Olhou pra baixo. E gritou por um tempão.

Os gritos dela eram mais altos do que as sirenes da polícia, que viraram a esquina esgoelando, mais altos do que as sirenes do caminhão de bombeiros e da ambulância que vieram em seguida, mais altos do que os meus gritos silenciosos.

Fiquei sentada lá, pelo que pareceram horas, praticamente esquecida, presa no banco da frente do carro com a chuva caindo pelo vidro aberto.

Meu corpo doía de tanto medo.

CAPÍTULO 31

O ar estava espesso e úmido, como o silêncio que veio depois dos gritos, do choro e das sirenes. A chuva tinha diminuído e virado uma garoa.

Depois que o papai e a mamãe saíram com a ambulância, a sra. V. me tirou do carro e me colocou na cadeira. E pôs o Peludo, todo sujo e ensopado, em cima da minha bandeja.

– Encontrei debaixo do carro – disse, com a voz trêmula.

Eu encostei no bicho de pelúcia e caí no choro.

A sra. V. foi empurrando a minha cadeira pra dentro da casa dela e falou:

– A gente vai deixar o Peludo bem limpinho, pra ele ficar esperando a Penny voltar pra casa. Ouviu?

Não deu pra saber se ela tava falando isso pra me convencer ou pra convencer a si mesma.

Eu me sentia tonta e enjoada. Não conseguia parar de tremer.

Ela trocou minha roupa por um conjunto de moletom seco e quente, ligou o rádio numa estação de músicas calminhas e abaixou o volume. A única cor que eu ouvia era cinza.

A sra. Valência ficou de pé atrás de mim, esfregando meus ombros suavemente.

– Tá com fome?

Sacudi a cabeça.

Ela continuou fazendo massagem nas minhas costas e nos meus ombros até a gente sentir que a tensão estava diminuindo.

– Vou ali do lado pegar o seu Medi-Talker e a cachorra.

Quer mais alguma coisa?

Sacudi a cabeça de novo e continuei a ouvir os esfumaçados tons de cinza.

Quando ela voltou, a Toffee parecia nervosa. Ficava andando pra lá e pra cá e cheirando tudo, como se estivesse procurando alguma coisa.

– Acho que ela tá procurando a Penny – disse a sra. V. –

Os cachorros sabem dessas coisas.

Ela plugou a Elvira na minha cadeira e ligou, mas não tinha nada que eu ou ela pudéssemos dizer. Mas, enfim, ela falou:

– Não é culpa sua, sabia?

Eu sacudi a cabeça com toda a força. A sra. V. não devia ficar dizendo essas coisas só pra eu me sentir melhor.

– Tô falando sério, Melody. *Não é culpa sua!*

– **É sim** – respondi, usando o meu dispositivo.

Aumentei o volume no máximo.

A sra. Valência chegou mais perto, pra eu conseguir vê-la, e se abaixou até o rosto dela ficar a poucos centímetros de distância do meu.

– Você fez o que pôde pra avisar a sua mãe. Deveria estar orgulhosa.

– **Orgulhosa, não. Não consegui** – digitei.

– Às vezes acontecem coisas que fogem do nosso controle, Melody. Você fez tudo certo.

Aí a culpa começou a fervilhar dentro de mim.

– **Eu tava com raiva da Penny** – digitei, mais devagar do que de costume.

– A Penny sabe que você a ama.

Lágrimas escorreram pelas minhas bochechas.

– **Fiz a mamãe me levar pra escola.**

– E daí? O fato de você ter insistido em ir pra aula, apesar de tudo o que te aconteceu ontem, mostra que você é uma pessoa forte, uma pessoa melhor do que muitas outras que andam por aí. Fico muito orgulhosa.

– **Não fique.**

– Tenho certeza de que a Penny vai ficar bem.

Mas o tom de voz dela dizia o contrário. Pela primeira vez, desde que me conheço por gente, parecia que ela não tinha certeza do que tava falando.

– **Ela vai morrer?** – eu precisava saber.

– Ela estava viva, respirando, quando a ambulância a levou. Então, não acho que seja o caso. As crianças

pequenas são muito resistentes, sabia?

Eu tinha que saber outra coisa.

– **O cérebro dela? Estragado?** – perguntei.

Eu tinha visto um programa na TV sobre danos cerebrais e sabia que isso era possível. A minha colega Jill sofreu um acidente de carro. Eu não ia aguentar ver a Penny daquele jeito.

A sra. V. respondeu de um jeito ponderado e sincero:

– Acho que é possível, mas vou rezar pra isso não acontecer.

– **Duas filhas quebradas** – digitei.

Só de pensar quase sufoquei.

– Isso não vai acontecer, Melody.

Mas eu percebi que a voz dela estava meio trêmula.

Fiquei em silêncio por um momento, aí digitei:

– **Devia ter sido eu.**

– Hein? O que você quer dizer com isso?

– **Ninguém ia sentir minha falta.**

– Agora chega de falar esse tipo de bobagem! Meu mundo ia cair se alguma coisa acontecesse com você. O dos seus pais também!

Não acreditei muito nela. Inclinei a cabeça e digitei:

– **Mesmo?**

– Tenho planos de usar roxo na sua formatura da faculdade!

– **Falta muito e é muito difícil.**

– Que nem entrar na equipe de *quiz*?

– **Eles me deixaram pra trás.**

– E perderam!

Olhei pelo janelão da casa da sra. V. e fiquei observando os galhos molhados balançarem. Como eu poderia explicar com palavras? Olhei pro meu Medi-Talker e digitei, bem devagar:

– **Quero ser como as outras crianças.**

– Então quer ser má, falsa e não ter nenhuma consideração com os outros?

Olhei pra cara brava dela, depois virei o rosto.

– **Não, normal.**

– Ser normal é um saco! – berrou a sra. Valência. – As pessoas te amam porque você é a Melody, não pelo que você pode ou não pode fazer. Acredite na gente pelo menos um pouquinho.

– **Queria que fosse ontem** – digitei.

– Ontem você estava de coração partido porque a sua equipe te abandonou, lembra?

– **É bem melhor do que isso que aconteceu hoje.**

– Eu sei. Ah, Melody, como eu sei.

– **Tô com medo.**

– Eu também.

Nossos pensamentos ecoavam pelo silêncio da sala.

– **Eu tinha um peixinho dourado. Ele pulou do aquário** – digitei.

– Lembro, sua mãe me contou.

– **Tentei salvá-lo. Não consegui.**

Aí tocou o telefone, e nós duas levamos um susto. Eu me sacudi toda na cadeira. A sra. V. atendeu.

– Sim.

Eu me espichei pra ouvir.

– Ah, não!

Meu coração afundou e foi parar debaixo da cadeira de tanta tristeza. Ela ficou ouvindo um tempão.

– Ah, sim! – falou a sra. Valência, enfim.

Aí caiu no choro e desligou.

– **A Penny morreu?** – digitei.

Tava tudo girando.

Ela enxugou as lágrimas, olhou pra mim, respirou fundo e disse:

– Ela está com alguns ferimentos internos, uma perna toda quebrada, mas sobreviveu à cirurgia! Ela vai viver!

Aí ela chorou de novo.

Ser normal não é um saco. Nem um pouco.

CAPÍTULO 32

Hoje é segunda-feira, então preciso voltar pra aula. A temperatura despencou, e o sol brilha, parecendo uma joia de ouro congelada. Mas, apesar disso, parece que tudo tá diferente e errado.

Minha mãe passou o fim de semana no hospital com a Penny, dormindo numa caminha no quarto dela. Não vejo a mamãe desde que... bom, desde que tudo mudou. Será que ela tá brava comigo?

A sra. V. vem em casa e me ajuda a me vestir e a comer.

Parece que até a Toffee tá sentindo falta da Penny. Ela põe a cabeça no meu colo e me olha com uma cara de solidão. Não tenho como ajudar.

O papai tá todo zoadado. Fica derrubando as coisas, tipo garfos e as chaves dele. Começa a falar e esquece o que ia dizer. E não fez a barba.

– Vai se arrumar, Chuck – diz a sra. Valência. – Um banho quente e um copo de suco de laranja gelado vai te fazer maravilhas. Você não quer assustar a Penny quando for visitá-la agora de manhã, quer?

– Ahn, você tem razão – responde ele. – Você cuida da Melody?

– Pode deixar que eu a coloco no ônibus. Agora se mexa! Ele corre escada acima e vai pro banheiro.

– **Penny melhor?** – bato no meu painel.

– Sim, tá sim! Quando falei com a sua mãe hoje de manhã, ela me disse que já tinham tirado ela do soro. A Penny tava comendo papinha de maçã, reclamando do gesso e querendo saber do Peludo, que já tá limpo, esperando por ela. A Penny vai ficar bem, Melody, bem mesmo.

Eu inspiro profundamente. A sra. V. coloca uma colherada com ovo na minha boca, mas o meu estômago queima de tanta de preocupação.

– **A perna dela?**

– A perna dela está engessada. É um negócio grande, meio desengonçado, e vai incomodar pra caramba. Mas os médicos disseram que, quando ela ficar um pouquinho mais forte, vai conseguir andar com ele.

Fico feliz que a sra. Valência é sempre direta comigo.

– **Cadeira de rodas?**

Não consigo pensar em nada pior do que uma cadeirinha de rodas pra bebê.

– Não, eles querem que ela se movimente o máximo possível.

Dou um suspiro de alívio e pergunto:

– **A cabeça dela?**

A sra. V. entende e responde:

– Nenhum dano cerebral, Melody. Nenhum mesmo.

Eu expiro bem devagar e digito:

– **Tem certeza?**

– Absoluta. Eu vi a Penny ontem à noite. Ela bateu a cabeça quando caiu, mas o carro pegou a perna dela. Nem encostou na cabeça.

O ônibus da escola buzina, e a sra. V. empurra a minha cadeira até lá.

Ela confere a minha mochila, ajusta as tiras dos meus pés e me dá um abraço bem grande.

– Tá preparada, Melody? Pronta pra encarar a equipe de *quiz*?

Eu balanço a cabeça. Depois do que quase aconteceu, encarar um bando de alunos arrogantes do quinto ano vai ser moleza.

O Gus baixa o elevador do ônibus e me olha com uma cara de preocupado.

– Como é que tá a sua irmãzinha? – pergunta ele. – Aquilo foi tão assustador.

– **Vai ficar bem** – digito. – **Obrigada.**

Nessa hora, me dou conta que esse tipo de notícia se espalha rápido. Todo mundo na escola já deve estar sabendo também.

O motorista me empurra até o elevador e aperta o botão pra subir. Eu fico abanando pra sra. Valência. O trajeto até a escola foi estranhamente silencioso. Nada dos gritinhos e grunhidos que os meus colegas de ônibus especial sempre fazem.

Quando a gente chega lá, o ar tá gelado, e os cuidadores

nos levam direto pra sala H-5. Enquanto a gente se acomoda,
eu vejo meus colegas com outros olhos.

O Freddy, que quer fazer *zoom* até a Lua.

A Ashley, nossa modelo.

O Willy, especialista em beisebol.

A Glória, louca por música.

O Carl, nosso *gourmet* de plantão.

A Jill, que um dia deve ter sido igual à Penny.

Nenhum deles sabe ser malvado.

E tem eu, a sonhadora que tenta escapar da sala H-5, uma
menina que tem um computador chamado Elvira. Nem sei
mais onde é que eu me encaixo.

A Catherine entra, usando uma roupa nova que, na
verdade, é bem bonita e estilosa. Calça cáqui, suéter preto e
colete.

– **Que roupa legal.**

– Obrigada! E eu comprei sozinha.

– **Tenho uma coisa pra você** – digo, e aponto para a minha
mochila.

Ela põe a mão lá dentro, fica procurando e encontra o
cartão que quase causou uma tragédia. Lê e fica piscando

pra evitar que as lágrimas caiam.

– Não, Melody. *Eu* é que agradeço!

Ela se inclina e me abraça. Aí me olha bem séria e diz:

– A sra. Valência me ligou e contou tudo o que aconteceu com a sua irmãzinha. Como ela tá?

– **Melhor** – digito.

– Você provavelmente salvou a vida dela, sabia?

– **Por quê?**

– É sério. A sua gritaria fez sua mãe diminuir a velocidade.

Ela precisou parar pra pensar por que você tava agindo como se tivesse uma batata quente dentro da calça.

– **Não consegui parar a mamãe** – bato nas teclas com força.

– Você fez exatamente o que devia ser feito. Tô tão orgulhosa de você.

– **Mesmo?**

– Mesmo. Especialmente depois de tudo o que você passou no aeroporto. Quer falar sobre isso?

– **Não** – digito e viro a cara.

A Maria chega perto da minha cadeira e me dá um abraço bem grande.

– Você foi bem, Melly-Melly – diz ela. – Muito bem.

Não sei bem se ela tá falando da equipe de *quiz* ou de alguma outra coisa, mas os meus olhos ficam cheios de lágrimas, e o meu nariz começa a escorrer.

Queria poder dar um apertão nela, pra ela ficar sabendo como me senti melhor depois desse abraço. Mas eu só digito:

– **Obrigada.**

Nunca sei direito se o Freddy tem consciência do que acontece ao redor dele. Por isso fico surpresa quando chega perto de mim e pergunta:

– A Melly fez *zuum* no avião?

Ele tá com uma cara animada, quase de inveja.

– **Não, Freddy** – digito. – **Nada de zuuum. Nada de avião.**

Ele enrug a cara de tristeza e vai embora.

A sra. Shannon chega mais perto e se agacha do meu lado.

– A sua cabeça deve de tá explodindo com todo esse trem que aconteceu nos últimos dias.

– **Bum!** – digito, mas não tô a fim de sorrir.

– Vamos conversar na hora do almoço. Pode ser, Melody?

– **Pode.**

– Você vai pra sua aula inclusiva? – pergunta ela.

– **Vou.**

Pensei nisso o fim de semana inteiro – quando não tava pensando na Penny. Dedidi que não ia me esconder.

– Quero que saiba que eu tenho muito orgulho de você.

Ela me faz um sinal de positivo e começa a programação da manhã.

No fim, a srta. Gordon faltou hoje, e a primeira aula inclusiva que eu tenho é a do sr. Dimming.

– Tem certeza de que você quer ir? – pergunta a Catherine.

Em vez de responder, eu já vou indo em direção à sala do sr. D. A Catherine põe a mão no meu ombro quando eu passo pela porta.

Em cima da mesa dele, tem um trofeuzinho cor de cobre. A sala está mais silenciosa do que o normal.

O sr. Dimming limpa a garganta. Fica pulando de um pé pro outro. Passa o dedo no colarinho da camisa branca amarelada. Ele voltou a usar aquele velho terno marrom todo gasto. E os sapatos velhos também.

Enfim, ele diz:

– Olá, Melody!

O tom dele é alegre, mas soa falso.

Eu nem respondo.

O professor se balança tanto que parece estar com vontade de ir ao banheiro. Fico só olhando pra ele. Não dou nenhum chute. Não faço nenhum som esquisito. Minha calma é impressionante.

Olho pra Rose, mas ela tá olhando pra outro lado. Parece que ninguém sabe o que dizer.

Finalmente, eu quebro o silêncio. Aumento o volume da minha máquina e digito:

– Por que vocês me deixaram pra trás?

Alguém devia ter filmado a cena pra provar que, sim, uma classe do quinto ano pode fazer o mais absoluto silêncio.

As pessoas ficam se olhando: todo mundo querendo que o outro falasse alguma coisa.

Por fim, a Rose levanta, olha diretamente pra mim e diz:

– A gente não planejou te deixar pra trás, Melody. Sério mesmo.

Eu olho bem no olho dela e fico esperando.

Não tenho nenhuma reação. Só fico esperando.

Ela continua a falar:

– A gente foi tomar café da manhã todo mundo junto bem cedo aquele dia...

Eu interrompo:

– **Ninguém falou nada disso pra mim. Por quê?**

Ninguém respondeu. O silêncio deles falou o que as palavras não podem dizer: é melhor sem mim.

Eu pisco bem rápido.

A Claire finalmente balbucia:

– A gente pensou que você ia fazer a gente demorar mais, porque você tem que ganhar comida na boca e tal.

Tá tão silencioso que dá pra ouvir as batidas do meu coração. Juro.

– **Você vomitou. Ninguém te deixou pra trás.**

– Uuuu, toma! – sussura o Rodney.

A Claire fica olhando pra baixo, pra mesa dela.

– **Quem ficou no meu lugar?**

A Claire levanta a mão de leve, mas não olha pra mim.

A Rose fica cutucando uma manchinha no livro de história dela e diz:

– A gente terminou de tomar café da manhã bem rápido porque todo mundo tava superanimado e aí a gente chegou

no aeroporto hipercedo.

O Connor se levanta, sem jeito, e completa:

– Aí, quando a gente chegou no aeroporto, eles disseram que o voo do meio-dia tinha acabado de ser cancelado, mas se a gente corresse podia pegar aquele voo que saía mais cedo.

Em seguida, a Molly fala:

– A gente despachou nossas coisas bem rápido e se apressou, quer dizer, a gente correu tipo que nem os campeões olímpicos. Até o sr. Dimming voou até o portão pra conseguir embarcar naquele voo.

– **Ninguém lembrou de mim?**

Silêncio de novo.

Por fim, a Elena diz:

– Eu lembrei. Fui a primeira a entrar no avião. Assim que eu entreguei o meu bilhete pra aeromoça, avisei o sr.

Dimming que faltava você.

O professor começa a pular de um pé pro outro de novo.

– Eu estava tão ocupado, tentando contar as cabeças, checando se todo mundo estava na poltrona certa e guardando a bagagem de mão de todo mundo, que pedi para

os alunos ligarem pra você. Sabia que a Rose, pelo menos, tinha o seu número no celular dela.

Todo mundo se vira pra Rose. Ela olha pro chão, depois, devagar, olha pra mim. Uma lágrima corre pelo rosto dela.

– Você não ia chegar a tempo de qualquer jeito. Eu... eu... cheguei a pegar o telefone pra te ligar. Só que aí eu olhei pro resto da equipe.

Ela dá uma paradinha.

Eu consigo visualizar o pessoal lá no avião, pensando na chance de aparecer no *Bom dia, América*, segurando aquele troféu enorme... e eu.

A Rose continua a falar, sussurrando:

– A gente se olhou. Todo mundo deu uma balançadinha na cabeça. Não.

Todo mundo? Começo a tremer.

A Rose dá uma fungada e, por fim, murmura:

– Aí eu guardei o telefone, e a gente entrou no avião. Eu... eu... nem cheguei a ligar.

Como é que o silêncio pode fazer tanto barulho?

Por fim, o sr. Dimming fala, bem baixinho:

– Sinto tanto, Melody. Sinto muito, muito mesmo.

A Rose cai no choro e encosta a cabeça na mesa.

– Um pouco antes da prova começar – explica a Molly – um repórter do *Washington Post* veio entrevistar a gente.

Mas ele foi embora quando descobriu que você não tava.

O Connor vai até a frente da sala, pega o troféu de nono lugar e traz pra mim. Ele gagueja e fica passando a língua nos lábios.

– Ahn, a equipe quer tipo te dar isso, Melody. Tipo pra compensar – diz ele, colocando o troféu na minha bandeja.

O negócio é pequeno, feito de plástico barato, pintado pra parecer que é de metal. O nome da escola tá até escrito errado na plaquinha.

Fico olhando pra aquela estatuazinha feia e começo a rir. A gargalhar. A morrer de rir. A minha mão se sacode e bate no troféu – ainda não sei se foi de propósito ou não –, e ele cai no chão, se espatifando em mil pedaços.

A turma fica me encarando, com ar de surpresa. Quando eles se dão conta que eu não vou surtar, também começam a rir. Um pouco. Até a Rose dá mais uma fungada e sorri.

– **Eu não quero esse negócio** – digito. Aí, ponho o volume no máximo e completo: – **Vocês merecem!**

Ainda dando risada, eu ligo a minha cadeira, faço uma curva suave e saio sozinha da sala de aula.

CAPÍTULO 33

O quinto ano, provavelmente, é complicado pra muitas crianças. Lição de casa. Não ter certeza se você é descolado o suficiente. Roupas. Pais. Querer brincar e ser adulto ao mesmo tempo. Odores nas axilas.

Acho que tenho todos esses problemas, mais um milhão de camadas de coisas que tenho que encarar. Fazer as pessoas entenderem o que eu quero. Me preocupar com a minha aparência. Me encaixar. Será que algum dia um menino vai gostar de mim? Talvez eu não seja tão diferente dos outros, no fim das contas.

Parece que alguém me deu um quebra-cabeças sem a caixa, e eu não sei como é a figura completa. Não sei como é que o negócio tem que ficar. Não sei nem se eu tenho todas as peças. Talvez essa não seja uma boa comparação, porque eu não ia conseguir montar um quebra-cabeça nem se eu quisesse. Apesar de normalmente saber a resposta para a maioria das perguntas que fazem na escola, ainda tenho que quebrar a cabeça pra entender muita coisa.

A Penny chegou do hospital com galos e machucados, de gesso e chapéu vermelho novo. O Peludo voltou pros braços dela. Tão mimando a minha irmã até dizer chega. Por mim, tudo bem. Até a Toffee tá tratando a Penny como se ela fosse um filhotinho machucado. Trouxe todos os brinquedos favoritos dela pro quarto da Penny, tipo querendo dar um presente.

Hoje, eu tô fazendo o trabalho de autobiografia da srta. Gordon. A sra. V. plugou a Elvira no computador. Tá tocando música clássica, bem baixinho, no MP3 novo dela. Eu ouço um roxo suave.

Vai levar um tempo pra eu terminar o trabalho. Tenho tanta coisa dentro da minha cabeça. Tenho muita coisa pra dizer e só um dedão pra transformar isso em palavras.

Acho que vou começar bem do comezinho...

Palavras

Milhares de palavras me cercam. Talvez milhões.

Catedral. Maionese. Romã.

Mississipi. Napolitano. Hipopótamo.

Sedoso. Assustador. Iridescente.

Cócegas. Espirro. Desejo. Preocupação.

As palavras sempre rodopiaram à minha volta como flocos de neve. Cada palavra é delicada e diferente, e todas se derretem, uma por uma, intocadas, nas minhas mãos.

No fundo, bem lá no fundo, as palavras vão se acumulando aos montes dentro de mim. Montanhas de expressões, frases e ideias conectadas. Tiradas. Piadas. Canções de amor.

Desde que eu era bem pequena – acho que com uns poucos meses de vida – encaro as palavras como presentes doces e líquidos, e eu as bebo como limonada. Dava quase para sentir o gosto. Elas dão substância aos meus pensamentos e sentimentos emaranhados. Meus pais sempre me cobriram de comunicação, como se isso fosse um cobertor. Tagarelavam e balbuciavam. Verbalizavam e vocalizavam. Meu pai cantava para mim. Minha mãe sussurrava sua força no meu ouvido.

Eu guardei cada palavra que meus pais me disseram ou falaram sobre mim. Eu as absorvi e memorizei. Todas, sem exceção.

Não faço ideia de como consegui desenroscar o complicado processo das palavras e do pensamento, mas

isso aconteceu de forma rápida e natural. Quando eu tinha dois anos, todas as minhas memórias já tinham palavras, e todas as minhas palavras tinham significado.

Mas só dentro da minha cabeça.

Eu nunca disse uma palavra sequer. E tenho quase onze anos...

AGRADECIMENTOS

Com grande admiração, gostaria de agradecer a todas as pessoas maravilhosas que dedicam suas vidas às crianças com deficiência.

Gostaria de fazer um agradecimento especial, com toda minha gratidão, aos pacientes e cuidadores das Instalações Echoing Lake, do Lar Renouard, do Centro Lucy Idol, do Acampamento

Cheerful,

da

Stepping

Stones,

do

Acampamento Allyn, da Escola Bobbie Fairfax e da Escola

Roselawn Condon (um agradecimento extra a Daphne

Robinson).

O meu muito obrigada à minha amiga Karen Brantley, que *realmente* entende tudo!

E outro agradecimento especial à minha editora Caitlyn Dlouhy, por sua incrível habilidade e visão e também por aquela caneta verde!

SUA OPINIÃO É MUITO
IMPORTANTE!

Mande um e-mail para **opinioao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

CONHEÇA-NOS MELHOR EM

vreditoras.com.br

facebook.com/vreditorasbr

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Agradecimientos](#)

Document Outline

- [Rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)
- [Capítulo 31](#)
- [Capítulo 32](#)

- [Capítulo 33](#)
- [Agradecimientos](#)